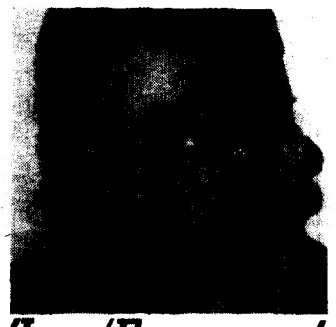
Operação "Rota Certa": 67 mortos

A «excitação» da passagem de ano acicatada pelo consumo de bebidas alcoólicas, e ainda o alarmante envelhecimento e péssima manutenção do parque automóvel nacional, são considerados os principais factores para o trágico balanço da operação «Rota Certa», cujo montante, ainda que provisório, já aponta para 67 mortos e 928 feridos, 280 dos quais em estado grave.

Recorde-se que, na primeira fase da operação, iniciada às 12 horas do dia 20 e concluída ao meio dia de 26, a Brigada de Trânsito da GNR que, tal como na segunda fase mobilizou importantes efectivos, tinha registado 35 mortos e 534 feridos, 169 dos quais em estado grave, nos 658 acidentes verificados.

De notar que só na noite da passagem de ano dez automobilistas perderam a vida em acidentes rodoviários, tendo os mais graves ocorridos em Massamá, perto de Queluz, e no Pinhal Novo. Em Massamá registaram-se dois mortos e quatro feridos e no Pinhal Novo um morto e catorze feridos. **Pág. 8**



'Ler/Escrever'

Pintora brasileira busca identidade portuguesa

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 950 Quinta-feira, 2 de Janeiro de 1986 Preço 40$00

CEE: ACTO DE FÉ

O barco já está a andar falta saber para onde

Desde ontem, Portugal é o 11.º membro da Comunidade Económica Europeia, completando, com a adesão simultânea da Espanha, o clube dos Doze formado com o Tratado de Roma e os três posteriores alargamentos da CEE. Os efeitos que esta integração na Europa dos ricos vai produzir em Portugal dependem de muitos factores, mas, principalmente, da capacidade da nossa indústria, da agricultura, do comércio e do próprio tecido social, resistirem ao choque e se adaptarem a ele. Porque, para já, a adesão representa, antes de mais, um acto de fé. Conforme se acredite ou não, assim se parte com entusiasmo ou com temor para esta caminhada. O barco navega desde ontem: falta saber para onde. Falta saber se durante os dez anos de adaptação às regras da Comunidade haverá necessidade de corrigir a rota ou desfilar tranquilamente a caminho da terra que nos é prometida desde há uma dezena de anos. O que se sabe de certeza é que o edifício Berlaymont, no coração de Bruxelas, onde funciona sede da CEE, se transformou desde ontem na Meca dos nossos políticos e local habitual das suas peregrinações.

Págs. 12 e 13

No bureau da CEE, em Lisboa, já flutuam doze bandeiras

Pintasilgo propõe "pacto de Estado"

Um «pacto de Estado» entre o Presidente da República e os «restantes agentes democráticos» é a inovação que Lourdes Pintasilgo introduz no conteúdo das suas propostas políticas, num Manifesto Eleitoral que esta manhã divulgou, na sede da sua candidatura, em Lisboa. Com tal proposta, Pintasilgo pretende conseguir, caso seja eleita, «uma plataforma de coligação institucional entre órgãos de soberania», tendo em vista a «obtenção de convergências em torno das grandes opções nacionais». **Pág. 4**

Reagan assiste à transmissão da mensagem de Gorbatchev na Casa Branca

Perspectivas animadoras no início do novo ano

Reagan e Gorbachev falam aos povos soviético e americano

Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev efectuaram ontem uma troca de mensagens televisivas para os povos soviético e norte-americano, que foram transmitidas simultaneamente às 18 horas de Lisboa. Reagan, num discurso de cinco minutos, apelou a que os soviéticos ajudem a fazer de 1986 «um ano de paz». Gorbachev, por seu turno manifestou o desejo de que «continue sem interrupções o diálogo soviético-americano e que chegue a resultados palpáveis».

Pág. 15

A política e o cometa Halley

Rui Cacho

Um homem não quer respirar política desde que acorda até que adormece — mas respirar simplesmente. Uns dizem-lhe que tudo é política, outros que nem tudo o é. Não deseja profundar agora, mas apenas pensar um tempo noutras coisas.

Acima de tudo o que pretende é não viver permanentemente ao som das diversas partituras políticas interpretadas por solistas sem escola nem ideal. Não pretende descuidar o que acontece, mas defender-se da oratória escusada. Está farto de passar dos jornais para a rádio, desta para a TV, voltar aos jornais, e ler e ouvir o mesmo.

Nao quer ignorar o que suceda — não se considera Velho do Restelo negando a evidência de estar-se de modo diferente depois do 25 — mas evitar o mais possível ser espectador de banalidades.

Atravessa uma fase em que lhe apetece ler um livro sem a intromissão dos «carros do som»; conversar com alguém sem falar inevitavelmente dos candidatos a presidente; participar numa refeição sem que surja uma «dose» de tácticas e estratégias políticas...

Apetece-lhe ir à pesca — embora nunca se interessasse por tal. Ou coleccionar selos; ou ver uma fita de «caubóis», com muita pólvora sêca.

Quer viver uns tempos sem pensar nas «implicações», nas «cargas», nas «conotações», sem assinar nenhum abaixo-assinado contra qualquer das inúmeras injustiças que persistem.

E para mais sente-se um homem com opinião. Confia em determinado tipo de sociedade e reconhece que é necessário muito esforço para a pôr de pé. Não se vê com disponibilidade para atentar noutras propostas.

Certo que um homem não deve desmobilizar-se — mas as pausas são indispensáveis. Particularmente se o cidadão se acha digamos «apanhado» pelo matraquear constante daqueles que adoptaram a política como trampolim para a «manchete»... e outros fins.

Ele distingue políticos de políticos, embora não tenha perdido o sentido crítico e encontre também gente à procura de vantagens e dizendo lutar por uma sociedade preocupada com todos. Mas acha isso inevitável, acontece em muito lado, e não é estranhável num país em que os seus cidadãos viveram muitos anos praticamente de «boca fechada» e em que poucos se empertigaram (e nem sempre bem) contra uma existência sem grandeza. Também não é dos que classificam os outros em bonse maus — conforme o emblema. Mas não ignora que continuam a proliferar aqueles que «querem tudo»...

Mas escusa de iludir-se que não consegue furtar-se à sua maneira de estar na vida. Mal se precata protesta contra o transporte ronceiro que o leva a casa em condições deprimentes; ou contra a falta de escudos para o essencial; ou contra a inépcia de muito «funcionário», que cumpre o seu tempo de trabalho sem amarrotar a alma, ou o vestido, ou o fato... Comportamento em que muitos de nós também caímos, por «culpas de heranças» várias...

Está provado que não somos adeptos do imobilismo — o nosso trabalhador espalhou pelo mundo outra versão — mas ainda repetimos a todo o momento «que tudo vale a pena se a alma não é pequena» e actuamos tantas vezes como se fosse mesmo pequena.

Entrei um tanto na divagação, «espalhei-me por certo» mas repito: «estou cansado e isso é respeitável».

Apenas me apetece sair de casa de bandeira branca como quem avisa os demais que me deixem passar sem me contarem as «últimas» — que, aliás, já conheço...

Dois dias depois

Iniciei já minha pausa.

Meti-me num eléctrico para Algés e aportei no Planetário Gulbenkian. Aí, assisti a uma sessão sobre o cometa Halley.

Foi uma delícia: repousante; bem comentada; pedagógica sem maçar.

Reavivei conhecimentos de astronomia e criei intimidade com o dito cometa.

Falaram-me do seu currículo, nas perturbações que causou noutros tempos a populações obscurecidas, e informaram-me que ele estava perto da Terra (a não sei quantos milhões de quilómetros) e que se aproximava um pouco mais.

Eu via e ouvia tudo encantado. Parecia menino de coro.

E estou nesse embevecimento, quando me ocorreram as eleições autárquicas. Aconteceu-me, sem o premeditar.

E não é que fico preocupado com o que o Halley possa ter pensado dessas eleições. Por certo, ele soube que vários partidos se coligaram para retirarem câmaras à APU — contra a vontade das populações — e seguramente considerou esse comportamento uma safadeza.

Sei lá até se vai querer vingar-se desse pessoal e lhes vai dar um abanão com a cauda quando passar mais perto da «Lusitânia», como quem os avisa de que o «obscurantismo» tem os dias contados.

Crónica amarga

Na terra do delírio e da alucinação

José Carlos Gonzalez

É no que se está a tornar a terra portuguesa, triste, apagada e vilmente.

Falemos no concreto, e sobretudo com exemplos indesmentíveis:

O Trika, ou Flika, tanto faz, criminoso nazi, indesejado em todos os países minimamente civilizados, continua por aí à solta. Talvez até já tenha montado uma empresa **privada** de câmaras de gás...

A comunicação social — de vento em popa, na mentiralhada, na farsa, na risota a despropósito, na incompetência, tudo para a estuporação quanto mais possível do zé-povinho.

Salários em atraso? Tudo resolvido — através do **totoloto!**

Barracas e bairros da lata? Já não existem. Tudo mentiras do KGB. As excelências camarárias agiram com varinha de condão e... prontos! Foi um ver se te avias.

Os preços dos produtos essenciais? Tudo em regra, tudo controlado. O carapau pode custar no mercado da Ribeira 200 escudos; no de Algés, 180, no de Alvalade 350, no de Linda-a-Velha 125. Trata-se da tão desejável concorrência...

Televisão? Tudo mais que óptimo. Aguarda-se agora a petição dos muçulmanos, dos ortodoxos, de todas as seitas protestantes, e por que não, dos budistas, para a próxima abertura dos seus **canais privados.**

Teatro? Subsídios aos molhos. Entradas? Baratíssimas, ao alcance das mais mesquinhas bolsas. Cinema? Tudo de borla. Futebol? a «guerra das estrelas».

O IVA? Grande terror! De quem? Dos que querem esconder as continhas e as facturazinhas, e as candongas.

Selos de correio: organização exemplar, com ou sem **digitais.** Dois de dez, um de doze e quinhentos, vários de cinco tostões. É à vontade do freguês. Para o Estrangeiro, ninguém sabe quanto é.

Brava luta contra a rataria! Agora é que se descobriu que existem quatro ratos para cada lisboeta. Força!

O pãozinho? cada vez mais barato. O leite? a dez réis o litro.

E as estradas — perfeitos panos de bilhar, deslizantes. Então lá prás Beiras, um paraíso. Acidentes? Pouquíssimos. E o zé-povinho, a pagar!

As técnicas de intoxicação chegaram, nesta pobre terra, a verdadeiros prodígios de mistificação. Com a CEE à espreita, e a rir-se. Pois não vamos ser de novo a «quintarola» de alemães, ingleses, franceses, sul-africanos? Ah! João II de Aviz, se vivo fosses!...

Funcionários públicos: uns malandros, queriam ganhar mais! Músicos, escritores, jornalistas, actores, tudo a ganhar à farta. E ousam queixar-se, os ingratos!

Droga? Não há. Mais uma mentirola do KGB. Aí uns magros quilitos de coca, de heroína por cada fronteira, de mês a mês. mas tudo de olho vivo...

E de Turismo, como vamos? à vela e a vapor. Era preciso talvez construir mais uns vinte hotéis de cinco estrelas no Algarve, para extinguir definitivamente as amêijoas e o resto de peixe. Arrasar o que resta de árvores nas bandas de Monte-Gordo — mais fácil para o **surfe**. O resto, racional e **digitalmente** transformado em casinos, bingos; a areia das praias metida em sacos de exportação **made in Portugal;** enlatar as rochas da baia de lagos e mandar para fora. E em Lagos, por exemplo, construir sete complexos «Amoreiras», setecentas lojas, abertas ou fechadas, para o caso tanto faz. E água nas casas, para quê? Se o mar é tão grande! Além disso as **marinas** absorvem todo o tráfego dos pobrezinhos dos iates.

Um cidadão não pode trazer, ao passar uma fronteira, o seu rádio portátil. Crime de lesa-economia. Mas pode assistir, isso pode, com os olhos que a terra há-de comer, a descargas maciças de fardos de bacalhau espanhol, do alto da ponte de Valença-Tuy, sobre o Minho, onde alguém há-de ir buscá-lo. Com que conivências?

Esta terra está aquilo que lhe chamava a senhora dona Amália de Orleães e Bragança — **uma choldra.** E não se diga que o subscritor desta crónica é monárquico. Antes pelo contrário.

JOVENS PUDESSEM...

Carlos Cruz, 22 anos, militar

"Quanto a este país já não tenho esperança"

— É militar de carreira?

— Não, estou a cumprir o Serviço Militar Obrigatório na Marinha, e felizmente saio em Outubro.

— Estava a par do Estatuto de Objector de Consciência?

— Estava, mas não acreditei nisso, pois se todos tinham que ir à tropa eu também tinha. Além disso, ouvir dizer que quem faz objecção de consciência é obrigado agora a cumprir um serviço cívico, o que me parece ainda pior.

— Mas a objecção de consciência é para ser aplicada por uma questão de ideologia.

— Dessa forma concordo.

— É a favor da obrigatoriedade do Serviço Militar?

— Por um lado concordo, porque é uma coisa que à partida qualquer rapaz sabe que vai fazer. Mas por outro, acho que a tropa, neste momento, tem gente a mais que não faz falta. Só os voluntários chegavam muito bem para as necessidades das Forças Armadas; e escusava um rapaz de estar a trasar a sua vida e a perder um monte de oportunidades.

— Concorda com a verba que em cada Orçamento e do Estado é despendida para as Forças Armadas?

— Como acabei de dizer, a tropa devia ser só para as pessoas que queiram seguir uma carreira militar, e nesse sentido a verba podia ser reduzida e o restante aplicem em montes de outras coisas, concretamente na saúde e em escolas.

— Como ocupa os tempos livres?

— Tenho poucos, mas dedico-os essencialmente à música. Além disso gosto de ler alguns livros.

— Que tipo de música prefere?

— A música dos anos 60, princípios dos 70. Sobretudo Beatles.

— Porquê a preferência por essa década?

— Para mim a música, em termos de composição, acaba no fim dessa época. Hoje a música é mais electrónica, feita por computadores, e não me diz nada. É música para top's, só isso.

— A música dessa altura tinha um papel social.

— E tem, principalmente na malta jovem. Há sempre um grupo com o qual nos identificamos, que tem uma personalidade idêntica à nossa.

— Costuma estar informado?

— Vejo muito pouco Televisão, e normalmente as coisas passam-se em locais diferentes, mas as notícias são sempre as mesmas... Vêem-se grandes actos aparatosos, mas ninguém faz nada. Essa é a política deles.

— E isso ajusta-se ao clima presidencial que se está a viver?

— Sim... Para mim tanto faz que ganhe um ou outro, isso é uma corrida entre eles, que não é do povo. O povo habituou-se a ir votar, mas o voto já não tem significado. Como eles são capazes de dizer todos a mesma coisa, mas por outras palavras, acho até que devia aparecer um novo partido.

— Apareceu recentemente o PRD.

— Sim, mas é feito por pessoas de outros partidos, é tudo a mesma coisa.

— Não lhe parece que essa indiferença é prejudicial ao futuro do País?

— Quanto a este País já não tenho esperança nenhuma. Acho que o povo deve fazer o que quiser, já que o voto é democrático, mas este acaba por servir só para lhes dar legitimidade, para que eles possam estar lá em cima.

— Se pudesse governar, o que começava por mudar?

— A primeira coisa que fazia era alterar a lei dos aumentos por percentagens, porque é injusto que os aumentos acabem por ser maiores para os que já ganham mais.

No rescaldo das comemorações pessoanas...

O Homem e o Mito

Carmo Vaz

Toda a consagração é uma forma de mitificação. Fernando Pessoa não foge ao seu singular destino de viver na obscuridade, morrer quase desconhecido, ressuscitar em glória e fulgor, nas bocas do mundo. Como a bola de neve da fama com sólidos pés para andar, este poeta genial e misterioso, já «consagrado», princípios da década de 30, quando não tinha ainda obra impressa, pelos grandes intelectuais da «Presença» (João Gaspar Simões, Casais Monteiro et al), reconhecido como um caso «fabuloso» (um super-Camões?) em Portugal, nas décadas de 50 e 60, por críticos atentos à grande cultura nacional (António Quadros, Mário Sacramento et al), internacionalizado por Jorge de Sena, esse génio português do século XX, que os portugueses tanto tardam em descobrir, e por luminares estrangeiros de alto prestígio, traduzido nas grandes línguas de civilização, e devolvido a Portugal numa dimensão igual à dos maiores poetas deste século, Fernando Pessoa em 1985, cinquenta anos após a sua morte, recolhe a todos os níveis, incluindo o do fanatismo míope, um tremendo coro de hossanas e louvores, como Portugal não ouvia há muitos, muitos anos.

Com efeito, da comemoração **oficial,** — a última morada do Panteão dos Jerónimos, a edição crítica da obra, entregue a uma brilhante exegeta estrangeira, Luciana Stegagno Picchio, em curso, etc. — à fabulosa multiplicação de memórias, entronizações, dramatizações dos seus textos, teatradas, cineminhas, mirífica produção de artistas plásticos, inspirados na vulgaríssima plástica pessoana, conferências, simpósios e congressos com centenas de comunicações de tantos «novos» descobridores do grande poeta, Fernando Pessoa (Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo dos Reis, Bernardo Soares et al) acerta em cheio na única pontaria exacta, pertinaz, dura e sofredora, que fez em toda a sua curta vida de criador de arte: a **Imortalidade,** — os louros rutilantes que ornam as frontes dos Homeros e Dantas, dos Petrarcas e Camões, dos Shelleys e Whitmans, dos Rilkes e Baudelaires, — a FAMA.

Mas, como é fatal na história da cultura e da arte, Fernando Pessoa paga também o seu tributo ao mito. Vivos, empenhados no seu mundo de tumulto, concorrência e confusão, todos o querem para si, como se não chegasse para todo o mundo. Cada um, como diz o povo, puxa a brasa à sua sardinha. A multímoda e complexa personalidade deste escritor dá para tudo: poeta e filósofo (?), ficcionista (mesmo sem obra) e crítico de literatura, político (?) e empresário, da situação e da oposição, no seu tempo de vida à sombra do estado novo, Fernando Pessoa foi sem dúvida, uma pessoa singularíssima. Mas sempre um homem excepcionalmente lúcido e severamente empenhado no que considerou o seu destino, a sua vida, a sua cruz, — a criação literária da grande arte. A sua poesia em conjunto supera em vibração, profundidade e dramatismo, as grandes obras de Sir John Betjeman, Ted Hughes, Philip Larkin e Robert Graves, os últimos dois poetas ingleses, que me parece, salvo o devido respeito por outra opinião, continuarem a deter o ceptro da grande poesia hoje no mundo.

Dos grandes mitos foi sempre o debate terra de ninguém. A questão dos heterónimos (ou pseudónimos?), da sua obra em prosa, do nível da sua filosofia, da sua obra em inglês, das suas misteriosas incursões em ciências ocultas, dos seus últimos tempos de lento suicídio, serenamente alheio à conservação do seu envólucro físico («Neófito, morte não existe!» — disse ele ao Dr. Pulido Valente), tudo fará correr ainda muita tinta. Mas de pormenores já se pode tratar com documentos quase desconhecidos, mas do seu punho.

Um desses pormenores foi o «caso» do célebre prémio Antero de Quental, que o Secretariado da Propaganda Nacional, ao tempo dirigido pelo jornalista, um dos fundadores do ORFEU e eficiente panegirista do ditador salazar, António Ferro, aliás «amigo» de Fernando Pessoa, num concurso ao qual Pessoa concorrera com a «MENSAGEM», atribuiu à obra «Romaria» de Vasco Reis, pseudónimo do então padre franciscano, Manuel Reis Ventura, em 1934.

Pois desde então u m dos pratos fortes do «oposicionismo» nacional ao «Estado Novo», foi a «injustiça atroz» praticada contra Fernando Pessoa, preterindo a sua «obra-prima» **Mensagem** a uma «versalhada medíocre», da autoria de um «afilhado» do nosso fascismo então incipiente. Pura história da Carochinha.

O prémio de poesia Antero de Quental só podia ser concedido a livros que tivessem pelo menos, 100 páginas. A Mensagem tinha cerca de 70 e não foi, por isso, considerada concorrente ao prémio. Mas o júri dos prémios (Mário Beirão, Teresa Leitão de Barros, Alberto Osório de Castro, etc.), considerando o alto nível da obra de Pessoa, que viria a transformar-se numa espécie de bíblia do nacionalismo serôdio, que durante decénios iria alimentar o imaginário do pindérico fascismo português, — provavelmente inspirado por António Ferro, viria a atribuir um prémio «especial» monetário, à obra de Pessoa. Quanto ao nível da «Romaria» de Reis Ventura, autor que em 1938, abandonando o sacerdócio, emigrou para Angola, onde «criou» uma larga obra de ficcionista, poeta e jornalista, sendo talvez nos decénios de 60 a 70, o nome maior das letras angolanas, o melhor será dar a palavra ao próprio Fernando Pessoa, oferecendo aos leitores de hoje, o prazer e proveito de lerem um trecho de prosa do poeta genial, publicado no suplemento literário do «Diário de Lisboa», em 4 de Janeiro de 1935.

Uma leitura atenta denuncia breve o fino espírito de ironia, que quase sempre marca a prosa crítica de Pessoa. As suas observações sobre catolicismo, paganismo, maçonaria, unicidade e/ou trindade divinas, como sempre, um todo nada intrigantes, flutuam nesse campo de agudeza mental e originalidade, tão do gosto do Poeta. É pegar ou largar, o que não quer dizer a inexistência de excitante campo de controvérsia.

Fica, porém, de todo desvendado e esclarecido este incidente histórico do prémio Antero de Quental, do SPN em fins de 1934 em Lisboa, cidade de mármore e granito, como queria Herculano, onde Fernando Pessoa viveu uma vida dura e cinzenta, e morreu no seio da ignorância e indiferença dos seus concidadãos.

Suplemento literario do **Diario de Lisbôa** 4-1-935

«A ROMARIA»

Transcreve-se um trecho e os dois sonetos finais do auto lirico de VASCO REIS, que teve o PREMIO ANTERO DE QUENTAL 1934 e que FERNANDO PESSOA, autor do livro «Mensagem», tambem premiado, aprecia e comenta

Pediu-me Antonio Lopes Ribeiro que escrevesse, para éste numero literario do Diario de Lisboa, *um breve artigo sobre premios literarios. Em principio, poderia escrevê-lo—um artigo de generalidade. Como, porém, sucede que me foi conferido um dos premios literarios do S. P. N., tudo quanto escrevesse, por teorico e abstracto que fosse, forçosamente seria mal interpretado—ou num sentido, ou noutro, ou porventura em todos.*

Prefiro, pois, abster-me, sem todavia me abster, e assim substituir ao artigo, cujo tema me foi proposto, uma referencia sucinta a um dos premios do Secretariado que—dado, a meu vêr, justissimamente—teve a vantagem de revelar um admiravel artista. Refiro-me, como é de supôr, ao padre Vasco Reis e ao seu poema adoravel A Romaria.

Em seu paganismo cristianissimo, em seu sobrenaturalismo humano, esse poema é organicamente português.

O poema é cristão no sentido particular de catolico e por isso mesmo é pagão. O catolicismo—cujos meritos ou defeitos, sociais ou outros, não tenho aqui que examinar—tem a singularidade notavel, provinda talvez do que nele resta de Imperio Romano, de ser, ao mesmo tempo que universal, particularizado em cada região onde existe. A Igreja de Roma é como um regime de municipios morais centralizado num imperio imponderavel. Vasto sistema sincretico, tanto o podemos considerar uma sobrevivencia do paganismo como uma transmutação dele. E em cada pais onde essa religião existe, esse paganismo sobrevive, ou se transmuta, de uma maneira peculiar. Nisto se assemelha a Igreja á Ordem Maçonica, ressalvando que nesta não ha elementos pagãos.

Entre os portugueses, em quem, em meu entender, a emoção supera a paixão—e é isto, creio, o que radicalmente nos distingue dos varios espanhois—o catolicismo assume naturalmente o que poderemos chamar o aspecto franciscano, que é, por assim dizer, o aspecto essencialmente emotivo do cristianismo catolico.

Do paganismo latente no catolicismo não se manifesta em nos o aspecto estetico, como diversamente nos italianos e nos espanhois, nem o aspecto imperial, como diversamente nestes e nos francezes, mas o aspecto dispersivo e fluido, proprio de tudo quanto a emoção conduz. O nosso catolicismo é sem contornos—uma meiguice religiosa, preguiçosamente incerta do em que realmente crê. Por isso o nosso vero Deus Manifesto é, não o Deus uno e trino, ou qualquer das Pessoas da Trindade, mas um Cupido catolico chamado o Menino Jesus. Porisso não curamos de Maria Virgem, mas só de Maria Mãi. Por isso os nossos santos autenticos são um S. João Baptista menino—isto é, de muito antes de ele ser Baptista—ou um Santo Antonio, concebido irremediavelmente como um adolescente infantil, cuja função distintivo—a de concertar bilhas—é um milagre-brinquedo. Quanto ao Diabo, nunca um português acreditou nele. A emoção não permitiria.

O padre Vasco Reis—a quem Deus fez ser franciscano para fins simbolicos—pertence portuguêsmente a este catolicismo amoroso. O seu livro, fortemente concebido e suavemente realizado, vive numa atmosfera de ternura e de luz, como numa Hélade de bruma molhada de sol. Não conheço livro, em prosa ou verso, que interprete tão pagãmente, tão cristãmente, a alma religiosa de Portugal. E por trás disto tudo paira—fundo contra que o visivel se destaca—qualquer coisa de imprecisamente emblematico, de coordenadamente incerto, com que se comove, não propriamente a emoção, mas a inteligencia Isso, porém, já não é Portugal: é talento.

FERNANDO PESSOA

BOLCHEVISTA

Não creio em Deus... Se existe, é um Deus tirano, atroz.

CEGO

(melancolicamente)

Um Deus que sôbre a Cruz morreu por todos nós...

(com tristeza)

Eu sei... eu sei como é
Que um crente perde a fé...

BOLCHEVISTA

E ao ver capitalistas arrogantes,
Impando de prazer,
A jogar, a comer,
Em bailes, chás dansantes,

E os pobres desprezados, sem sustento,
Gemendo em sofrimento,
Não sente a indignação
Ferver no coração?

CEGO

Amigo, neste mundo a Dôr é companheira
Da Humanidade inteira...

Ouviste certamente, em tempos de criança,
Narrar a morte em cruz
uma ovelhinha mansa
—Jesus...

Deves lembrar-te:

em ansia, em dôr incompreendida
Jesus caira exausto. E a turba empedernida
Rogara o Cireneu...

E então o vermezinho,
Rasteiro, fraco e humilde—o fragil barro—Adão
Erguera a Cruz dum Deus...

E em Dôr-propiciação,
Jesus e a Humanidade escalam o caminho
Que vai direito ao ceu...

Jesus o quis; e o Cireneu foi a figura
Da humana criatura
No misterio sem par da Redenção...

BOLCHEVISTA

O pobre geme em prantos e torturas,
Pisado como a uva no lagar...
O mundo é cheio de ansias, de amarguras,
De chagas, de leprosos, de aleijões,
De cegos, de pedintes, a chorar...

A Dôr!...

E Deus?

E é Deus que atira ao rico esbanjador
A mesa farta, a gloria e fama, oiro e os milhões?!...

CEGO

(misteriosamente)

Engano, amigo! A Dôr Deus a reparte
Com regra, proporção, divina arte...

Vê, na citara, a corda mais fininha;
Profere em voz aguda e sumidinha,
Um gemido de dôr...
Tu dirás: Coitadinha!
Que dôr!...

E o ultimo bordão, repara, que arrogante!
E que emproada voz tão grossa e petulante!
Que roncos de comando e presunção!...

E tu dirás: que rico «fá-bordão!»

E vai-se a ver
... Têm ambas a mesma afinação...

E ambas igualmente angustiadas,
Torcidas por igual, crucificadas,
O mesmo hão de sofrer...

Supôs agora tu que o afinador
Tentava alevantar á ultima oitava
«O fá-bordão»...

Suspirava, gemia, agonizava
E estalava,
No excesso da dôr...

Ora Deus não é mau afinador...

I

—Asa em perpetuo vôo—teimosa esp'rança
Talvez requeime o sol, o verme, a flôr...
Existe em todos nós o tentador
Tormento do Desejo que não cansa.

Adoro, em pura arte, o Criador
Facundo de harmonia, na mudança,
Que dá, ou na tormenta ou na bonança,
Um só misterio de sorriso e dôr...

Das almas e da Vida a Romaria,
Que Deus ordena ás ansias da Ventura,
E' una, traduzida em varios modos,

Iluminada en grã policromia...
São varios os caminhos... porventura
O cansaço de andar, igual em todos.

II

«Bolchevista, Miguel», ingenuo bando
De alegres raparigas...
um momento,
Sobre vós debrucei meu pensamento,
Em todos um só drama investigando...

Murmurios de oração, desvairamento
De incrédulos e de impios blasfemando;
Homens a sirvar de dôr, homens rezando,
Em todos julguei vêr um só tormento...

E a todos desejei que um Santo amigo,
Com taumaturga mão, mostrasse Deus;
E disse a Frei Antonio:
«E's português;

E's bom e humano; és santo anda comigo!
Sê prodigo connosco, atende os teus!»
— E o Mal foi nuvem (Dôr), que o sol desfez...

SORTES GRANDES
só a casa COSTA, LDA. as vende
60 – Rua da Prata – 62

OS MISERAVEIS
Este grandioso romance, de Victor Hugo, de onde foi extraido o filme em exibição, encontra-se á venda nas livrarias
8 vol. brochados, **32$00** — Encadernados em dois vol. **40$00**
PEDIDOS Á
Livraria Guimarães & C.ª — 69, Rua do Mundo, 70

MOVIMENTO LITERARIO

A livraria Editora Guimarães & C.ª prepara as seguintes edições:

A sair em janeiro: *Torel: Norte* 5853, por Artur Inês. *Iniciação Literaria*, de Faguet (nova edição). *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett (nova edição).

Em fevereiro: *Eternidade* e *Terra Fria*, de Ferreira de Castro (novas edições). *Herois desconhecidos*, pelo dr. Sousa Costa. *A Criação do Pombo*, edição profusamente ilustrada, por Leão Maia. *Lourdes*, tradução de E'mile Zola.

Pintasilgo apresenta Manifesto

Proposto um "pacto de Estado" aos agentes democráticos

Um «pacto de Estado» entre os vários «agentes democráticos» eis a proposta com que Maria de Lurdes Pintasilgo termina o seu manifesto eleitoral esta manhã divulgado na sede da sua candidatura em Lisboa.

Como pressupostos de uma tal proposta, a convicção de que «as próximas eleições presidenciais vão certamente assinalar uma viragem na sociedade portuguesa» e a «consciência das responsabilidades» que, em caso de vir a ser eleita, Lurdes Pintasilgo se diz disposta a assumir.

«O pacto de Estado», tal como o define a candidata presidencial, traduz-se em três planos de actuação que se divisam interdependentes: «uma plataforma de colaboração institucional entre órgãos de soberania» cujo objectivo é «assegurar a efectiva solidariedade entre as instituições dotadas de legitimidade democrática»; a «adopção de mecanismos para a obtenção de convergências em torno das grandes opções nacionais», designadamente, a integração europeia, a modernização da agricultura, a reconversão tecnológica da indústria e o desenvolvimento dos recursos humanos — através de revalorização do papel do Conselho de Estado e da promoção da «consulta regular às forças sociais representativas»; e ainda a «garantia do apoio activo do Presidente da República à pressecução de políticas tendentes a favorecer a independência nacional, a moralização da vida pública, o desenvolvimento sustentado e a satisfação das necessidade básicas da população».

No manifesto, Pintasilgo reconhece «a evidência constitucional» de não caberem ao Presidente da República poderes governativos, mas, não deixa de reafirmar a sua convicção de que o Chefe de Estado não «poderá ser um espectador passivo ou neutro» das grandes questões com que neste momento o País se depara.

Mas vai mais longe a candidata presidencial: se for eleita Presidente da República, considera em final de texto, tal opção «significará a consagração desta proposta eleitoral pela maioria do povo português» pelo que será assumida como «uma referência fundamental do querer comum quanto ao exercício da Chefia do Estado».

Doze títulos

Redigido na primeira pessoa do singular, o manifesto consagra em doze títulos — além da proposta de «pacto de Estado» — a forma e o conteúdo dos poderes presidenciais tal como a candidata os concebe e os pretende exercer.

Pintasilgo revela um discurso vigoroso e voluntarista na leitura que faz dos poderes que a Constituição atribui ao Presidente da República. «Cumprir e fazer cumprir a Constituição significa, antes de mais, dar efectividade ao princípio da responsabilização democrática segundo o qual os órgão de Estado, particularmente os que são eleitos pelo voto popular, respondem pelos seus actos à luz do cumprimento da Constituição». Nesse sentido, promete, «não alienarei nenhuma das prerrogativas constitucionais que me obrigam a exigir essa responsabilização». É ainda ao Texto Fundamental que a candidata entende preconizar «uma democracia eminentemente participativa», que Lourdes Pintasilgo vai buscar a sua disposição de contribuir para a «revitalização» dessa mesma democracia. Nesse sentido, coloca no mesmo plano a representatividade das instituições políticas e a participação dos cidadãos. Isto porque a «política» não é mero assunto de profissionais, há que devolvê-la aos cidadãos».

Em resposta aos que a acusam de subvalorizar os partidos políticos, Pintasilgo afirma que a sua proposta de «revitalização da democracia» passa pela própria «dignificação» dos partidos, considerados «órgãos vitais do sistema democrático».

Plano, regionalização reforma

Igualmente desenvolvidos outros temas caros à candidata: a existência de um plano «instrumento fundamental para a formulação dos objectivos nacionais de desenvolvimento a médio e a longo prazo»; a regionalização concebida como «alavanca para o desenvolvimento harmónico do país»; e a reforma administrativa assente no «princípio de descentralização».

Lourdes Pintasilgo confere ainda particular atenção ao que qualifica de «condições de modernidade» que concebe como a procura de «um saudável equilíbrio entre as nossas raízes tradicionais e a inovação realista». Ora isto implica, na prática, prossegue a candidata, «uma dosagem racionalizada, entre as tecnologias de ponta de utilização universal, e as tecnologias apropriadas, concebidas a partir dos nossos recursos científicos e técnicos».

Noutro domínio, Lourdes Pintasilgo atribui especial importância à sua qualidade de independente de «grupos políticos ou económicos, tanto internos como externos» num momento de transição que «vai fechar um período assinalado por décadas de Presidentes militares, já que todos os actuais candidatos às eleições presidenciais são civis». Neste sentido, reitera, «seria um grave erro partidarizar a Presidência da República».

Finalmente, no plano externo, a candidata propõe-se «dignificar a posição de Portugal no Mundo» para tal valorizando «o capital precioso das nosssa relações internacionais em mais de oito séculos de História». Mas, tal «valorização deve saber hierarquizar os nossos interesses nas várias regiões do sistema mundial e saber diverficar as nossas actuações em cada uma dessas regiões».

Defende a participação na NATO orientada no «sentido de promover o desanuviamento das tensões internacionais e de ser conseguida uma efectiva redução dos armamentos». Promete agir para «o reforço da nossa identidade europeia» e dar uma «outra dimensão essencial» às relações de Portugal com os países africanos de expressão oficial portuguesa.

Certificado de nacionalidade

Entretanto, Lourdes Pintasilgo entregou hoje, no Tribunal Constitucional, o certificado de nacionalidade, regularizando assim o processo de candidatura.

O Tribunal Constitucional decidiu segunda-feira notificar os candidatos Lourdes Pintasilgo, Salgado Zenha e Freitas do Amaral de que tinham 48 horas para suprir deficiências no processo de candidatura, nomeadamente a falta do certificado de nacionalidade.

Salgado Zenha regularizou a situação ainda na tarde de segunda-feira e Lourdes Pintasilgo e Freitas do Amaral fizeram-no hoje de manhã.

Uma fonte da candidatura de Lourdes Pintasilgo contactada considerou que a entrega do documento «não faz sentido, pois corresponde a uma exigência legal que data de 1867».

«Não foi por acaso que três dos principais candidatos presidenciais — Salgado Zenha, Freitas do Amaral e Maria de Lourdes Pintasilgo — só agora cumpriram tal formalidade. No entender de todos, trata-se de algo desnecessário, uma vez que a nacionalidade é comprovada pelo bilhete de identidade, pelo assento de nascimento e pelo cartão de eleitor» — acrescentou a mesma fonte.

Pintasilgo com os jornalistas

Hoje, Lourdes Pintasilgo participará num debate com os jornalistas, num ciclo que o respectivo sindicato organizou com os cinco principais candidagos presidenciais.

É a segunda sessão a realizar-se — a primeira contou com a presença de Freitas do Amaral — destes «Diálogos com os Jornalistas» e decorrerá a partir das 17 horas e 30, no Institut Franco-Portugais, Av. Luís Bivar, 91.

Zenha no Algarve

Zenha vai ao Algarve no próximo sábado, no quadro da sua pré-campanha eleitoral. O candidato de Ramalho Eanes visita várias localidades algarvias e deśloca-se também à capital do distrito. Em Faro, Salgado Zenha inaugura a sede da sua candidatura e, depois, dará uma conferência de Imprensa.

À noite, realiza-se o terceiro painel organizado pelo Sindicato dos Jornalistas com os candidatos à Presidência da no Instituto Franco-Português. Zenha será o convidado do Sindicato, para apresentar as suas propostas políticas.

Almoço com Eanes

Entretanto, na terça-feira, Ramalho Eanes disse que Zenha «é um homem que reúne as características necessárias para o cargo» (de Presidente). Ramalho Eanes falava aos jornalistas imediatamente antes da realização de um almoço com o candidato que realizou num hotel de Lisboa.

Foi o terceiro acto público de apoio do Presidente a Zenha, depois da carta que lhe escreveu quando foi anunciada a sua candidatura e da presença de Manuela Eanes num almoço promovido pelo ZAP.

Nas suas declarações, Eanes recusou-se a definir os termos em que participará na campanha eleitoral e, sobre as críticas quelhe fazem por ter deixado de ser o Presidente de todos os portugueses, disse: «Esses cavalheiros a mim não me intimidam. Eu faço o que entendo como mais certo e melhor seria que os que me criticam olhassem mais para o seu próprio comportamento».

«Tenho usado os meus poderes de uma forma discreta, com extrema reserva que até nem é habitual nas democracias europeias», acrescentou ainda para justificar a participação activa na campanha de Zenha.

MINISTÉRIO DA SAÚDE
HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

(ANÚNCIO)

Concurso n.º 3-2-017/86

AQUISIÇÃO DE LUVAS CIRÚRGICAS EM BORRACHA, RECUPERÁVEIS

Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia 27 de Janeiro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 26 de Dezembro de 1985.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Ilídio Luís de Sousa

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

(ANÚNCIO)

Concursos n.ºs 3-1.028/86, 3-1.029/86, 3-1.030/86

PARA O FORNECIMENTO DE ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

Recebem-se propostas até às 15 horas do dia 16 de Janeiro próximo, para os mencionados concursos, que serão abertas no dia seguinte (17) pelas 10 horas.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 23 de Dezembro de 1985.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Ilídio Luís de Sousa

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

(ANÚNCIO)

Concursos n.ºs 3-1.009/86, 3-1.010/86, 3-1.011/86 3-1.012/86 e 3-1.013/86

PARA O FORNECIMENTO DE ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

Recebem-se propostas até às 15 horas do dia 9 de Janeiro próximo, para os mencionados concursos, que serão abertas no dia seguinte (10) pelas 10 horas.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 23 de Dezembro de 1985.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Ilídio Luís de Sousa

Cardia e Alegre — «uma nova maioria»

Alegre e Cardia apelam para uma "nova maioria"

«Uma nova maioria saída do Congresso de 86 será o primeiro passo para que o PS volte a ser o maior partido português». Esta afirmação consta de um apelo à reflexão política dirigido aos militantes do PS por um influente grupo de personalidades socialistas e que foi divulgado no último número do semanário «Acção Socialista».

O documento é a primeira manifestação pública formal do grupo liderado por Sottomayor Cardia e Manuel Alegre e recolheu o apoio de muitos dirigentes sindicais do partido ligados à UGT, nomeadamente do próprio secretário-geral da organização, Torres Couto e, ainda, de personalidades como Almerindo Marques, Amadeu Pires, António Costa, Edmundo Pedro, Eurico de Figueiredo, Frederico de Moura, Ferraz de Abreu, Rosado Correia, Romero de Magalhães, Almeida Serra, José Leitão, Tito de Morais, Paulo Barral, Raquel Ferreira, Raul Brito, Raul Rego e Raul Junqueiro.

O objectivo dos promotores da iniciativa é lançar já o debate de preparação do Congresso de Maio próximo, no qual se poderá estabelecer uma vasta aliança entre diversas sensibilidades socialistas, nomeadamente esta que propõe a «nova maioria» e a que congrega os elementos do ex-Secretariado.

No entanto, este documento tem como subscritores apenas elementos que em 1981 apoiaram a moção «Novo Rumo» apresentada por Mário Soares.

Para eles foi o desvirtuamento da linha do partido ao longo de 1984 que determinou a derrota eleitoral de 6 de Outubro. Porque o PS «não soube liderar nem gerir a coligação», subestimou a «sensibilidade socialista do eleitorado», foi «um partido sem causas próprias» que se «sacrificou à coligação pela coligação e ao governo pelo governo» e teve uma prática contrária à sua natureza «e ao seu papel de partido apoiado sobretudo pelos trabalhadores».

Por isso, «isolou-se do seu eleitorado» e, segundo este apelo, «o debate e a vida interna do partido foram substituídos pela lógica do aparelho. O poder de decisão concentrou-se progressivamente num núcleo cada vez mais reduzido. Os próprios órgãos directivos nacionais passaram a ter um funcionamento meramente formal».

Este diagnóstico da actual situação, sem pôr em causa a participação dos socialistas na campanha de Soares — «estamos profundamente empenhados no apoio à candidatura presidencial de Mário Soares, que é uma candidatura nacional e patriótica», afirma-se — impõe a necessidade de uma «profunda transformação interna».

— impõe a necessidade de uma «profunda transformação interna».

Para este grupo socialista, é necessário em Maio resolver três questões fundamentais — a ideológica, a política e a organizativa.

No que toca à primeira, defende-se o estabelecimento de uma nova carta que consagre os valores essenciais — a liberdade, a igualdade e a solidariedade, — valores que «têm sempre modelado o movimento socialista».

Isto contra os privilégios de classe da «sociedade capitalista conservadora», que em Portugal assume a forma de «capitalismo de renda e não de lucro», mas também da «outra sociedade capitalista, supermonopolista de Estado», que decorre das «ideologias comunistas e colectivistas».

«O socialismo democrático», acrescenta o documento, «vive quotidianamente da plena participação dos cidadãos no exercício do poder político e dos trabalhadores na organização e funcionamento da vida económica, social e cultural». E noutro passo, afirma-se que o PS luta pela instauração duma sociedade «em que a ordem social baseada nas classes seja substituída por forma a que todos disponham de iguais oportunidades e em que os laços de solidariedade humana sejam maximamente desenvolvidos».

Quanto à questão política, o documento Cardia/Alegre defende que «o PS deve ter uma estratégia de inserção nas lutas sociais, visando impulsionar e liderar a modernização económica, social e cultural do País numa perspectiva de solidariedade e justiça».

«Uma nova prática — diz-se das questões organizativas — exige um partido de tipo novo voltado para a vida, mais democrático, mais participado, mais descentralizado, mais aberto e atento aos problemas dos sectores sociais cujos interesses e aspirações o PS deve representar e globalizar na sua acção política».

Só assim, conclui-se, «(o PS) poderá constituir-se em alternativa à política de direita do actual Governo e derrotar os propósitos dos que visam ocupar o seu espaço em nome de projectos que representam um retrocesso na transparência da nossa vida democrática».

A propósito da entrada na CEE

Telegramas de Mário Soares para Juan Carlos e Gonzalez

O candidato presidencial Mário Soares enviou no último dia do ano telegramas ao rei de Espanha e ao presidente do governo espanhol, Felipe Gonzalez, congratulando-se com a adesão dos países ibéricos à CEE.

«No dia da entrada comum da Espanha e de Portugal na CEE, que ficará como marco indelével na história dos dois países peninsulares e da Europa, desejo saudar Vossa Majestade e formular os melhores votos para o futuro», diz o telegrama de Mário Soares dirigido ao Rei Juan Carlos.

Na pessoa do presidente do governo, Felipe Gonzalez, o ex-primeiro-Ministro saudou o povo espanhol e formulou «os melhores votos para o futuro».

A propósito destes telegramas, Mário Soares prestou algumas declarações à NP em que salienta «a contribuição de Portugal e de Espanha, levando a civilização europeia a todos os continentes» que, afirma o candidato presidencial, «foi historicamente inestimável».

«Séculos depois, confio que a nossa entrada simultânea na Comunidade Europeia lhe traga um novo impulso político e em termos de solidariedade, para que a comunidade europeia, que é já um espaço económico de grande dinamismo, tenha uma voz única, ou pelo menos concertada, na vida internacional, por forma a ser um factor de paz e desenvolvimento e de solidariedade».

Pré-campanha no Algarve

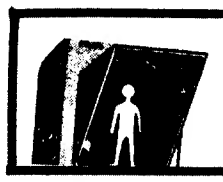
Maria Barroso e Lopes Cardoso iniciam no sábado a pré-campanha de Mário Soares no Algarve. A mulher do ex-primeiro-ministro e o dirigente da UEDS, farão sessões de esclarecimento em Vila Real de Santo António, Olhão e Faro, todas elas nas sedes da candidatura.

No domingo, Maria Barroso e Lopes Cardoso, estarão na sede da candidatura de Soares em Portimão.

BANCO ESPIRITO SANTO
E COMERCIAL DE LISBOA

O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa congratula-se com a entrada de Portugal para a Comunidade Europeia e reafirma o seu grande interesse e plena disponibilidade em prestar a melhor colaboração aos seus Clientes em benefício do País.

€



NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

No primeiro dia do Ano Novo

Eanes transmite aos portugueses uma mensagem de esperança

O Presidente da República alertou ontem os portugueses para tomarem em atenção que «não vai ser fácil» o ano de 1986, embora tenha reconhecido, «com moderado optimismo», a existência de condições para a modernização e desenvolvimento do País.

Na sua última mensagem aos portugueses, como Presidente da República, Ramalho Eanes salientou a importância da estabilidade governativa como uma das condições para que os próximos tempos «não sendo ainda fáceis», possam ser de «recuperação económica», da melhor definição de objectivos e meios, de passos concretos no sentido de «desclientelização da vida política, da descentralização e da desburocratização».

Os votos de Eanes foram no sentido de 1986 ser «um ano em que com determinação colectiva, com optimismo consciente, os portugueses se empenhem na construção do seu futuro», em que «demonstrem a efectiva solidariedade que os une, e que é uma das razões da sua existência como nação espalhada no Mundo». Dirigindo-se a todos os portugueses, mas «muito especialmente aos que sofreram os lutos, as tragédias e as carências do ano findo», Ramalho Eanes desejou que o ano que acaba de entrar seja um ano de «mais felicidade pessoal e familiar, de melhores oportunidades, mais segurança no presente e mais esperança no futuro».

Ao iniciar a sua mensagem, o Chefe do Estado considerou que o «ano de 1985 esteve longe de ser um ano bom para Portugal e para os portugueses». Citou, designadamente, «o flagelo repetido dos incêndios», o «horror do desastre ferroviário de Alcafache», «persistência de situação de injustiça social grave, como os salários em atraso, o aumento do desemprego, a quebra do nível de vida, o agravamento da situação dos idosos e a desesperança dos jovens face às dificuldades no acesso ao Ensino, ao emprego e habitação».

Falta de estabilidade governativa

Alguns exemplos da «adversidade e mesmo tragédia» que bateram à porta dos portugueses no ano findo e que foram citados por Eanes, foram ainda «as dificuldades que embaraçam a iniciativa e a acção de tantos empresários, decorrentes de uma continuada recessão económica», a «falta de estabilidade governativa» e a acumulação de tensões que levaram à convocação das eleições legislativas de 6 de Outubro.

Ramalho Eanes aconselhou os portugueses que não devem deixar-se aprisionar pelo cepticismo ou sentimentos derrotistas, mas, pelo contrário, serem «mais solidários, mais rigorosos, mais exigentes», perante os modos de exercício da actividade política, do Governo e acção governativa, e na escolha dos responsáveis».

O Presidente da República defendeu, aliás, que «devem existir condições essenciais» para que os portugueses tenham êxito total. «Os portugueses, disse, têm já uma experiência de dez anos de prática democrática, que «permite distinguir o que é inviável daquilo que é razoável e justo», na sociedade portuguesa.

Eanes citou ainda a integração plena de Portugal na Comunidade Económica Europeia a partir do dia de ontem; a política externa desenvolvida de acordo com uma concepção «aberta e solidária» das relações com os países aliados e de defesa do equilíbrio e promoção da justiça na ordem internacional e a consolidação do «relacionamento fraterno e mutuamente vantajoso com vários países africanos» em especial os de língua oficial portuguesa.

O Chefe do Estado acrescentou que a integração de Portugal na CEE e o desenvolvimento das relações com os países africanos «criam juntamente condições que melhor permitem defender os interesses dos nossos emigrantes» na Europa e África.

Produção e riqueza defendidas por Eanes em Sines

Ramalho Eanes considerou durante a passagem de ano com os trabalhadores da zona industrial de Sines que só poderá haver estabilidade quando houver solidariedade e para que esta exista «a riqueza produzida deve servir a todos». O Presidente da República, que era acompanhado pelo ministro da Indústria e do Comércio, Santos Martins, visitou a Central Térmica de Sines e inaugurou o ano de 1986 na fábrica de fumos negros da Carbogal. Para Eanes o «País só se construirá com trabalho sério, competente e dedicado». «Assim, não poderíamos deixar de estar com os trabalhadores nesta passagem do ano e dizer-lhes desta preocupação», acrescentou Eanes, depois de salientar que a entrada de Portugal na CEE vai dar às empresas novas perspectivas de desenvolvimento.

A Central Térmica de Sines é a maior empresa do género do País e tem a mais avançada tecnologia do sector, empregando cerca de três centenas de trabalhadores.

Por seu turno, a fábrica de fumos negros da Carbogal atingiu em 1985 uma produção cujo vallor se situou na ordem de 1,2 milhões de contos e concretizou vultuosas exportações. Na sua mensagem de Ano Novo aos trabalhadores da zona industrial de Sines, o Chefe do Estado disse esperar para o ano que hoje se inicia melhor sorte para o País e brindou à realização dos anseios de todos.

Uma mensagem de Ano Novo para os açorianos

O ministro da República para os Açores disse na terça-feira que, para se fazer frente ao desafio da adesão à CEE, «é necessário que o País tenha estabilidade política». Na sua tradicional mensagem de Ano Novo, o general Conceição e Silva afirmou ser igualmente importante que os «governos possam, finalmente, passar da eterna gestão da crise com planeamento pouco mais ou menos imediato, ao governo efectivo da Nação com o necessário planeamento a curto, médio e longo prazos. «A nossa entrada na CEE vai ser para Portugal o choque necessário para sair da letargia em que temos vindo a cair ao longo das últimas décadas», disse o ministro, ao comentar que a não participação portuguesa na Segunda Guerra Mundial «teve um preço em termos de ausência de desenvolvimento que, até hoje, temos vindo a pagar».

Para Conceição e Silva, o ingresso no Mercado Comum «vai ser a porta aberta para um longo e penoso caminho, cheio de obstáculos e sacrifícios».

Homília da PAZ

Cardeal-Patriarca alerta para situação interna do país

«As preocupantes questões do plano internacional não devem impedir-nos de prestar atenção às situações internas da sociedade portuguesa», assinalou o Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, ao sublinhar, na sua homilia da missa comemorativa do Dia Mundial da Paz, que não se atingiu ainda a meta de uma «autêntica paz em Portugal», pois existem «gritantes injustiças e poderosos egoísmos que constituem uma permanente ameaça à paz».

D. António Ribeiro lembrou, a propósito, as carências no domínio da habitação, saúde, educação e trabalho, ainda sem resposta, e a agudização dos conflitos de interesse de classe «alimentados, nalguns casos, por meras coordenadas ideológicas», sem que tenha sido conseguida a «indispensável concertação social e política, que permita as necessárias reformas e dinamize a sociedade, na harmonia, rumo ao progresso e à verdadeira paz».

D. António Ribeiro referiu-se ainda à mensagem do Papa, intitulada «A Paz é um valor sem fronteiras», na qual João Paulo II refere que só há uma paz. «Não pode haver paz de uns isolados dos outros e, muito menos, de uns contra os outros. Os caminhos da solidariedade e da cooperação são os únicos que levam à Paz» — acentuou.

Um olhar pelo mundo de hoje faz constatar «como são frágeis e instáveis os alicerces da paz» — acrescentou D. António Ribeiro, recordando os focos de guerra em pontos como Líbano e Paquistão, África e América Latina, sem esquecer «o caso de Timor-Leste particularmente doloroso para nós, portugueses, pelas responsabilidades singulares que nele temos».

O Cardeal-Patriarca formulou votos de um Bom Ano de 1986, «próspero e pacífico».

Arcebispo de Braga

Os salários em atraso, o desemprego, o saneamento ideológico, as injustiças em períodos revolucionários, assim como a falta de protecção aos doentes, crianças e idosos são alguns dos obstáculos à paz, disse por sua vez o arcebispo bracarense, D. Eurico Nogueira, ao falar na Sé de Braga durante a eucarestia do primeiro dia do ano, assinalando também o XIX Dia Mundial da Paz.

Considerando a Paz como «o primordial problema» que aflige a humanidade, o prelado referiu que existem no mundo «focos de infecção capazes de provocar conflagrações generalizadas».

Entre elas referiu a situação na África Austral, nomeadamente o «apartheid» na África do Sul e as guerrilhas em Angola e Moçambique, as guerras regionais asiáticas, os conflitos ideológicos na América Latina, o terrorismo e a «opressão inumana» do povo de Timor-Leste.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
(ANÚNCIO)

Concursos n.ºs 3-1.018/86, 3-1.019/86, 3-1.020/86 3-1.021/86 e 3-1.022/86

PARA O FORNECIMENTO DE ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

Recebem-se propostas até às 15 horas do dia 14 de Janeiro próximo, para os mencionados concursos, que serão abertas no dia seguinte (15) pelas 10 horas.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 23 de Dezembro de 1985.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Ilídio Luís de Sousa

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
(ANÚNCIO)

Concursos n.ºs 3-1.014/86, 3-1.015/86, 3-1.016/86 e 3-1.017/86

PARA O FORNECIMENTO DE ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

Recebem-se propostas até às 15 horas do dia 13 de Janeiro próximo, para os mencionados concursos, que serão abertas no dia seguinte (14) pelas 10 horas.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 23 de Dezembro de 1985.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Ilídio Luís de Sousa

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
(ANÚNCIO)

Concursos n.ºs 3-1.023/86, 3-1.024/86, 3-1.025/86 3-1.026/86 e 3-1.027/86

PARA O FORNECIMENTO DE ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

Recebem-se propostas até às 15 horas do dia 15 de Janeiro próximo, para os mencionados concursos, que serão abertas no dia seguinte (16) pelas 10 horas.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 23 de Dezembro de 1985.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Ilídio Luís de Sousa

PS de Oliveira de Frades "acordou" tarde

Tribunal Constitucional decide hoje sobre recursos de Ovar e Fânzeres

O Tribunal Constitucional julga hoje dois recursos sobre alegadas irregularidades nas eleições para os órgãos autárquicos de Ovar e freguesia de Fânzeres (concelho de Gondomar) interpostos pelo PSD e PS, respectivamente.

Até agora o Tribunal já recebeu um total de 17 recursos, dos quais julgou 15. Onze recursos provenientes da Região Autónoma da Madeira ainda não deram entrada no Tribunal.

Entretanto, o Tribunal Constitucional recusou o recurso do PS para a repetição das eleições autárquicas no concelho de Oliveira de Frades, por considerar que foi entregue fora do prazo — informou uma fonte do Tribunal.

«Na reunião de segunda-feira, o Tribunal não tomou sequer conhecimento do recurso apresentado pelo Partido Socialista» — acrescentou a fonte.

O mandatário do PS no concelho de Oliveira de Frades, Luís Grilo Moreira, disse que o partido recorreu para o Tribunal Constitucional por considerar terem havido irregularidades nas últimas eleições autárquicas.

Luís Moreira referiu que «nos cadernos eleitorais foram inscritos indivíduos menores de 18 anos», facto que originou, «na freguesia de Arca e Ribeira Dio, que pelo menos duas pessoas, nessas condições, tivessem votado irregularmente».

O representante do PS no concelho de Oliveira de Frades acrescentou que «no fecho da contagem de votos os delegados não assinaram a acta final».

Indicou que o PS local recorreu para a Comissão Nacional de Eleições e apresentou um processo ao Governo Civil de Viseu.

PS/Porto está satisfeito

A comissão da Federação Distrital do Portó do PS considerou hoje que os resultados obtidos pelo partido no distrito indicam o início da recuperação após as legislativas.

Os resultados — refere — são em boa medida «fruto do trabalho profícuo e sério efectuado pelos autarcas socialistas, cujo prestígio foi eleitoralmente reconhecido».

Foi a enterrar o socialista baleado durante a campanha das autárquicas

O funeral do socialista Armindo da Silva Mendes, baleado dia 12 de Dezembro e que no domingo morreu num hospital do Porto, efectuou-se no último dia de 1985, na freguesia de Ruivães, Vila Nova de Famalicão.

Silva Mendes, de 30 anos, operário têxtil, casado e com um filho, foi baleado durante a campanha eleitoral por Armindo Monteiro Lobo, candidato independente nas listas do PRD, na sequência de uma discussão que se desconhece se foi de origem política ou pessoal.

O militante socialista faleceu no domingo no Hospital de S. João, no Porto.

Silva Mendes foi sepultado no cemitério em que recentemente procedera, como empreiteiro, a obras de alargamento.

O ex-governador civil de Braga, Artur Sousa Lopes, representou Mário Soares, no funeral do jovem socialista. Presentes estiveram também representantes partidários, e grande parte da população de Vila Nova de Famalicão.

O PS manifestou em comunicado o «público testemunho da sua consternação e pesar, tanto mais profundos quanto tal morte se ficou a dever a um tiro disparado por um militante do PRD segundo as informações disponíveis».

Os socialistas repudiaram «tão grave acontecimento» e apelaram para a «serenidade e compreensão democráticas, cada vez mais necessárias neste período de confronto político inerente às eleições presidenciais».

Morreu o escritor João Araújo Correia

O escritor (e médico) João Araújo Correia, de 87 anos, faleceu no último dia do ano na Régua, tendo sido ontem sepultado na sua terra natal, em Canelas do Douro.

Com numerosas obras publicadas, o autor de «Contos Bárbaros», um dos seus mais recentes livros, analisava o seu destino de escritor afirmando que ele teve origem em factores ancestrais. Costumava dizer:

«Apenas sei que meu pai, com estudos oficiais rudimentares, lia e escrevia primorosamente. De minha mãe, um espírito delicado, devo ter herdado uma boa dose de sensibilidade. Bastam estes dados para se interpretar a minha alma de artista...»

A propósito de «Contos Bárbaros», observava o escritor que eles «saíram tão de dentro, tão espontâneos e tão fluentes da alma do autor, que seria criminosa a tentativa de os civilizar. São bárbaros por natureza. Mas os retoques com que os feri, por amor à expressão clara, não lhes macularam, de modo nenhum, a barbárie. São ficções próprias da terra onde nasci e de onde me provm o cerne de escritor».

Acompanhados de egípcio, pagos por palestinianos

Dois portugueses detidos em Paris acusados de prepararem atentado

Com a detenção de dois cidadãos portugueses e um egípcio, a Polícia francesa fez abortar, no domingo,um atentado com explosivos dirigido contra uma sinagoga de Paris, numa acção presumivelmente planeada em Espanha.

Fontes policiais citadas pela agência noticiosa espanhola EFE confirmaram que João Manuel da Cruz, de 27 anos, Carlos Alberto Caetano, de 57 anos, e Abdel Rauf Maher Mohamed Helni, de 38 anos, todos eles na posse de passaportes falsos portugueses, foram detidos no passado domingo frente ao hotel parisiense em que tencionavam hospedar-se.

Os suspeitos haviam chegado pouco tempo antes procedentes de Madrid, traziam consigo três passagens de avião com destino a Francoforte e a Polícia confiscou-lhes uma bolsa desportiva contendo materiais destinados à montagem de um engenho explosivo.

A bolsa continha embalagens com ácido sulfúrico, ácido nítrico, pilhas e relógios-despertadores, entre outros componentes.

De acordo com as mesmas fontes, os malfeitores confessaram ter sido contratados em Madrid por uma organização palestiniana apelidada «Revolução Cristã contra os Inimigos Judeus» para colocarem uma bomba, na noite de segunda-feira, na sinagoga da Rua Copérnico, em Paris.

Os detidos afirmaram ter recebido 750 dólares para efectuarem o atentado à bomba e o português Alberto Caetano levava consigo cartas endereçadas a órgãos de Comunicação Social franceses que reivindicavam a acção para um auto-denominado «Comando Jesus Cristo» e «Comando São Pedro dos Resistentes».

As missivas apreendidas pela Polícia gaulesa justificavam o atentado como fazendo parte da «luta dos cristãos para a libertação dos lugares santos» e, segundo peritos franceses, a acção poderia estar relacionada com as «FARL» (Cristãos Libaneses, próximos dos palestinianos), cujo líder, Georges Abdallah, se encontra presentemente detido em França.

De acordo com a emissora «Europe 1», os três homens tinham planeado fazer explodir uma bomba na sinagoga, alvo de um atentado anterior em 1980, na segunda-feira.

A rádio disse que a Polícia francesa foi alertada para o plano terrorista depois de um homem ter sido visto a fotografar a sinagoga há três semanas.

O edifício tem estado sob apertada vigilância da Polícia desde o atentado de 1980, em que morreram quatro pessoas, e de uma série de outros ataques contra alvos judaicos nos últimos anos em Paris.

O fotógrafo foi localizado em Madrid, onde a Polícia espanhola pôs o seu telefone sob escuta e soube de um plano de ataque à sinagoga para três homens, disse a rádio.

Trabalhando em colaboração com a Polícia espanhola, a Polícia francesa seguiu os três suspeitos quando chegaram a França e prendeu-os, no domingo, no seu hotel perto da Praça da Concórdia em Paris.

Comdonativos para África

Navio da "Live-Aid" em perigo nos Açores

O navio «Band-Aid», que transporta para diversos países africanos alimentos e remédios obtidos com o projecto do músico britânico Bob Geldof, com o superconcerto de rock realizado no dia 13 de Julho em Londres e Filadélfia, perdeu nove contentores a 200 milhas do cabo Finisterra, tendo emitido durante a madrugada de ontem vários pedidos de socorro, rapidamente atendidos pelo Comando Naval dos Açores. O navio perdeu o equilíbrio, mas os seus nove tripulantes foram salvos por um rebocador da Armada portuguesa, após o que seguiu rumo à Corunha sob assistência. O «Band-Aid» tinha saído do porto de Londres.

Aeroporto da Portela encerrou sete horas

O movimento no aeroporto da Portela, em Lisboa, parado desde a meia-noite de 31 de Dezembro, devido às comemorações da passagem do ano, recomeçou às sete horas desta manhã, tendo o primeiro avião a descolar daquele aeródromo em 1986 seguido para a Ilha Terceira, nos Açores. Durante o período em que esteve encerrado foram canceladas seis aterragens e seis descolagens.

Armas de guerra na Serra do Caldeirão

A GNR do posto de Salir, no Algarve, encontrou no miradouro da Serra do Caldeirão, duas granadas de mão defensivas, e um carregador de metralhadora «G-3». O material recuperado foi entregue no quartel do Regimento de Infantaria de Faro enquanto prosseguem averiguações destinadas a apurar a origem do achado.

Falsificados passes da Rodoviária Nacional

Passes sociais falsificados de tipo «L» estão a ser vendidos nas zonas de Cabo Ruivo, Chelas, Charneca e Musgueira Norte e Sul. Segundo alertou o gabinete de Informação da Rodoviária Nacional, as senhas do tipo «L» falsificadas distinguem-se das autênticas devido ao facto da letra «N» de «RN» não ter a curvatura habitul. O caso está a ser investigado pela Polícia Judiciária.

Sete caçadores detidos no Alentejo

Por infracções à Lei da Caça foram detidos pela GNR, na região do Alentejo, sete indivíduos. As detenções ocorreram em Alcáçovas (uma), em Fronteira (três), em Elvas (duas) e em Alvito (uma). Durante a operação a GNR apreendeu-lhes um furão, sete espingardas e as respectivas cartucheiras e ainda as peças de caça abatidas.

'A Universidade e a Região' debate nos Açores

Uma série de palestras sobre o papel da Universidade dos Açores no desenvolvimento regional decorre de 9 a 12 de Janeiro em Ponta Delgada — anunciaram fontes universitárias.

Subordinadas ao tema «A Univesidade e a Região», as palestras decorrem no âmbito das comemorações do décimo aniversário da criação da Universidade, como a sua fundação e perspectiva histórica, contribuição para a formação de quadros e o seu desenvolvimento na comunidade da Região.

O ensino das Ciências Geológicas, sistema de vigilância vulcanológica dos Açores, o papel da investigação, ensino e extensão agrária no desenvolvimento rural —são outros dos temas a abordar no colóquio.

Ainda no âmbito da efeméride será inaugurada a 9 de Janeiro a Sala Antero de Quental.

A iniciativa encerra com a leitura das conclusões, com a participação do presidente do Governo açoriano, Mota Amaral.

Sangue na estrada marcou passagem de ano

Dois acidentes mortíferos em Massamá e Pinhal Novo

Na noite de fim de ano dez automobilistas encontraram a morte nas estradas portuguesas, tendo o acidente mais trágico ocorrido em Massamá, nos arredores de Queluz, quando, devido a excesso de velocidade, dois veículos automóveis, um dos quais de matrícula francesa, chocaram frontalmente, tendo provocado dois mortos e quatro feridos graves.

De acordo com a Brigada de Trânsito da GNR, é a seguinte a identidade dos sinistrados, todos transportados ainda com vida ao Hospital de S. José: José Simões Lourenço, de 50 anos, e Manuel Figueiredo, de 51, as vítimas mortais, e Maria de Carvalho Peres, de 54, Jorge Lourenço Figueiredo, de 20, José Carlos Simões Salta, de 22, e Joaquina Maria Rosa, de 59. A mesma fonte referiu que, devido a excesso de velocidade, a viatura ligeira «Ford Escort», com a matrícula 2473 HX 94, se despistou à saída de uma das perigosas curvas de Massamá, embatendo frontalmente na viatura mista «Ford Transit», matrícula JF-88-48, que seguia em sentido contrário. O transporte dos sinistrados foi efectuado em ambulâncias dos Bombeiros Voluntários de Agualva-Cacém e de Queluz.

Igualmente trágico foi o embate que teve lugar no mesmo período, à entrada do Pinhal Novo, no distrito de Setúbal, envolvendo uma motorizada e um autocarro de passageiros, que se saldou em um morto e catorze feridos.

O condutor da motorizada, que morreu no local do desastre, Mário Amadeu Sado Borrego Linha, de 49 anos, natural do Pinhal Novo, foi conduzido à morgue local e os feridos deram entrada no Hospital de Setúbal, tendo apenas um deles (Carlos Alberto Marcelino, de 65 anos) ficado internado, mas livre de perigo, apresentando ferimentos no rosto.

Inutilizados computadores

Incêndio no ISEL causou 25 mil contos de prejuízos

O incêndio no Centro de Cálculo do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa causou prejuízos avaliados em mais de 25 mil contos, disse à Anop Pimenta Rodrigues, técnico do Instituto.

O violento incêndio deflagrou segunda-feira à 21 horas em duas salas do Centro de Cálculo do ISEL, inutilizando os computadores onde se desenvolvem as actividades curriculares e de investigação e desenvolvimento, realizadas por uma equipa de técnicos do Instituto.

Bagarão Paraíso, professor do ISEL, afirmou que o fogo destruiu «computadores e protótipos em fase de desenvolvimento, além de documentação importante de investigação que terá de ser refeita na sua totalidade».

No local onde deflagrou o incêndio a equipa de investigação do ISEL trabalhava, há mais de um ano, no desenvolvimento de um «sistema de cifra de voz» — que permite tornar irreconhecível a voz humana — e que foi encomendado pelo Exército Português. Os protótipos e documentação relativos a este projecto foram completamente destruídos pelas chamas.

O incêndio, que só não alastrou rapidamente às restantes oito salas do edifício pela pronta intervenção do Batalhão de Sapadores Bombeiros, mas pelos estragos que provocou impedirá que 500 alunos nos próximos tempos tenham aulas práticas, a que o centro dava apoio.

Para Pimenta Rodrigues, da equipa de investigação do Centro de Cálculo, o principal problema que se coloca de momento é «a impossibilidade de se continuar a dar apoio aos alunos do Instituto, por que foram destruídos os dois computadores e os 20 terminais que permitiam realizar diariamente as aulas práticas».

Referiu ainda que toda a documentação geral referente a outros projectos e trabalhos já implementados terá de «ser totalmente refeita, o que constitui uma perda de vulto para o património do Centro».

«As causas do incêndio são desconhecidas» — disse, referindo que tudo leva a crer «tratar-se de uma avaria eléctrica ou curto-circuito, iniciado numa das salas atingidas pelo fogo».

Pimenta Rodrigues disse que o incêndio foi extinto meia hora depois de ter deflagrado, já tendo sido nomeada uma comissão de inquérito que oportunamente apresentará as conclusões aos órgãos directivos do ISEL e ao Ministério da Educação e da Cultura.

O ISEL, que até à data tinha «enormes carências em material e instalações para poder dar apoio aos alunos, vê-se agora mais pobre», acrescentou Pimenta Rodrigues.

Portimão, aos 30 segundos de 1986...

Ainda estrelejavam foguetes quando nasceu o "bebé do ano"

O ano que ontem entrou ia no seu trigésimo segundo quando, em Portimão, nasceu o «bebé do ano de 1986». Foi na maternidade do Hospital Distrital de Portimão que o evento ocorreu, justamente quando o Ano Novo tinha meio minuto e ainda estralejavam foguetes à despedida de 1985. É claro que a jovem mãe nem sequer previa nessa altura que, horas depois, o seu nome saltaria para as páginas dos jornais. A menina ainda não tem nome.

Foi o primeiro filho de Maria Cecília Santos Rocha Pereira, de 20 anos, residente em Chaminé, Algarve, doméstica de profissão. Chaminé, povoação de Algoz, na periferia de Silves, tornou-se, de súbito, um terra múito falada em Portugal, saindo praticamente do anonimato.

Mãe e filha deverão sair esta tarde da maternidade do Hospital de Portimão e passar os próximos dias em Chaminé, onde ontem o parto de Maria Cecília era assunto dominante nas conversas gerais. A jovem mãe havia dado entrada no Centro Hospitalar de Portimão ao princípio da tarde de terça-feira com a bolsa das águas rota. iniciando ela própria o trabalho de parto. O bebé veio a nascer com 2,200 quilogramas.

A criança, como acima referimos, nasceu ao meio minuto de 1986, razão por que foi considerada o «bebé do ano», uma vez que em nenhuma outra maternidade ou hospital do País foi dado à luz, antes, qualquer outro rebento.

Primeiro rapaz nasceu no Porto

Com efeito, o bebé que dele mais se aproximou veio à luz do dia (perdão: à luz da noite) no preciso momento em que o novo ano tinha doze minutos. Foi na Maternidade Alfredo da Costa que tal aconteceu. Foi também uma rapariga, filha de Bernardete Monteiro, natural de Cabo Verde, com peso de 3,590 quilos. Nasceu também de parto normal.

O «bebé do ano» dos hospitais de Lisboa está desde ontem junto da cama 217 do 2.º piso daquela maternidade e desatou a chorar pouco depois de ter vindo ao mundo. A mãe chegara à maternidade pouco mais de meia hora antes. Mais concretamente, Maria Bernardete Santos Monteiro deu entrada na Maternidade Alfredo da Costa quando faltavam vinte minutos para a meia-noite. A criança, uma menina, nasceu doze minutos depois das 24 horas do último dia de 1985. «O nascimento do bebé estava previsto apenas para o dia 20 de Janeiro. Vim para aqui apenas para observarem», acrescentou Maria Bernardete Monteiro, de 22 anos, que há dez chegou de Cabo Verde e se consorciou há quatro.

Um minuto depois, em Coimbra, nascia o terceiro «bebé do ano», por sinal o primeiro rapaz. O mais pesado dos três, com 3,350 quilogramas, também ainda sem nome, nasceu na Maternidade Bissaia Barreto. A mãe, Maria Zulmira Rocha Nogueira, com 22 anos (como a anterior parturiente), reside em Leixões e também não tinha qualquer filho. O nascimento da criança correspondeu ao seu — e do marido — maior desejo.

No Porto nasceu o segundo rapaz do ano, havia duas horas e meia de 1986. Filho de Carlota de Jesus Teixeira e Eduardo Ferreira, o menino pesava 2,900 quilogramas quando apareceu a este mundo.

O primeiro bebé de 1986 na Alfredo da Costa

O quinto bebé de 1986 foi festejado pelas enfermeiras e pessoal médico da Magalhães Coutinho, eram 5 e 30 de ontem, dia 1 de Janeiro. Filho de Maria do Rosário Conceição Pereira, residente em Carcavelos, na Quinta da Alagoa, é aqui que irá residir com os seus pais.

PUBLICIDADE

ESTA SEMANA

JACKPOT

Que tal começar o ano com cerca de 100.000 contos no bolso?
Era bom...
E pode-lhe acontecer a si esta semana!

JACKPOT

totoloto 6/45

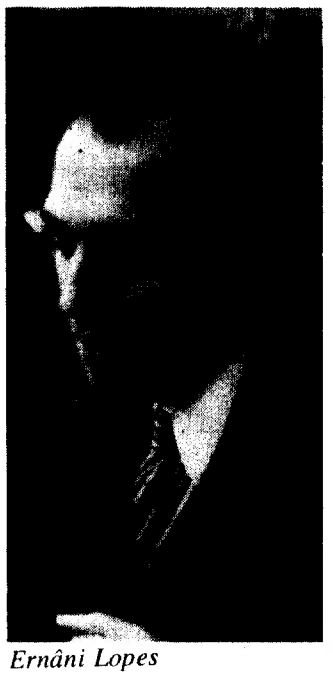
É FÁCIL É BARATO DÁ MILHÕES

Informação sobre o Totoloto de 29 de Dezembro (Concurso n.º 52).
Tendo o número dos 2.os prémios (929) sido superior ao dos 3.os (794), é aplicável pela primeira vez o n.º 8, do Artigo 15.º do Regulamento Geral dos Concursos — "os montantes correspondentes às 2 categorias de prémios são adicionados, dividindo-se o total entre si", pelo que caberá a cada uma destas duas categorias de prémios o montante de 22.696$00 (valor provisório).

ANOP: os "Telexes de Prata" 85

A Direcção de Informação da Anop decidiu este ano alargar a atribuição do «Telex de Prata», iniciado no ano apassado no sector desportivo, às personalidades que mais se destacaram na política nacional, no sector económico-sindical, nas autarquias e na cultura. A eleição das personalidades em cada uma das áreas resultou da votação dos órgãos de comunicação social de língua portuguesa clientes da Anop e dos Serviços da agência. Participaram quase todos os clientes da agência, de Portugal, países africanos de expressão oficial portuguesa e Macau. Na eleição do «Telex de Prata» deste ano participaram, nomeadamente, todos os jornais diários de Portugal clientes da Anop, à excepção de «O diário», da RDP/Antena Um, da Rádio Comercial, da Rádio Renascença e da RTP.

Cavaco Silva



Ernâni Lopes

Manoel Oliveira

Os assinantes da Anop citaram ao todo 12 personalidades no inquérito para a eleição da personalidade cultural do ano, no plano nacional. Só cinco, no entanto, foram distinguidos com o «Telex de Prata»: Aníbal Cavaco Silva, Ernâni Lopes, Aurora Cunha, Manoel Oliveira e Júlio Meirinhos, respectivamente nos campos da política, da economia, do desporto, da cultura e do poder local.

Os distinguidos

Perfis das personalidades distinfuidas:

Aníbal Cavaco Silva, de 46 anos, economista natural de Boliqueime (Algarve), actual Primeiro-Ministro. Produziu profundas alterações na vida política portuguesa, em 1985, pelas sucessivas vitórias que alcançou desde o Congresso do PSD, na Figueira da Foz. Ministro das Finanças e do Plano no Governo de Sá Carneiro, Cavaco Silva distanciou-se da vida política em 1980, apesar de ter mantido desde então uma posição crítica, quer em relação aos Governos de Pinto Balsemão, quer ao de Mário Soares. A sua eleição, em Maio de 1985, para Presidente do PSD alterou de forma substancial a vida partidária dos sociais-democratas, o seu posicionamento político e por consequência, a vida política portuguesa. De simples militante de base, Cavaco Silva passa, em cinco meses, a líder do PSD e a Primeiro-Ministro, na sequência da vitória do seu Partido nas eleições Legislativas de 6 de Outubro. A estas vitórias há ainda a somar a das eleições autárquicas, em que os sociais-democratas vêm aumentadas as suas presidências de Câmaras de 125 para 149.

Ernâni Lopes, ex-ministro das Finanças, terá sido a personalidade portuguesa que, em 1985, mais se destacou no plano económico. A acção decisiva de Ernâni Lopes na concretização do acordo para a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE) foi a razão preferencialmente invocada para a escolha dos assinantes e clientes da agência noticiosa acima mencionada.

Aurora Cunha (ver notícia circunstanciada na Secção desportiva).

Manuel Oliveira é reconhecidamente o mais internacional dos cineastas portugueses. O ano de 1985 foi, porventura, o ano em que esse reconhecimento se consolidou, com a assinatura pelo veterano realizador (77 anos feitos e 55 de carreira) de um filme com cerca de sete horas de duração e, desde já, na avaliação de quantos o viram, insusceptível de provocar a indiferença. O filme é «Le Soulier de Satin», uma co-produção luso-francesa que, ao longo do ano, participou em vários Festivais Internacionais, designadamente Cannes e Veneza, e continua inédito no circuito comercial português. Em Veneza, a pretexto deste seu mais recente trabalho, conquistou Manoel Oliveira um «Leão de Ouro Especial», consagração da sua carreira de cineasta. «Há uma certa forma de ganho com a idade, com a experiência da vida» — confessou, em tempo oportuno, o realizador à Anop.

Júlio Meirinhos Santana, presidente cessante da Câmara Municipal de Miranda do Douro (Bragança), mereceu o «Telex de Prata» pelo empenhamento daquele autarca na recuperação do património cultural e histórico da cidade e pela sua acção em defesa do dialecto local, o mirandês. A reanimação de um concelho, tido como um dos mais pobres do Nordeste Transmontano, a sua recuperação arquitectónica e o fomento do turismo na região, foram outras das razões apontadas pelos assinantes da Anop em abono de Júlio Meirinhos Santana.

Finalmente, outros nomes que também mereceram consideração e que, tendo sido votados, não alcançaram o «Telex de Prata»: João Botelho (cineasta), José Mattoso (historiador), Amália, os escritores José Saramago, António Lobo Antunes, António Alçada Baptista e Baptista-Bastos, Carlos Vale Ferraz e António Mega Ferreira.

Tradição perde aderentes

"Banho europeu" ontem em Carcavelos

Foi «europeu» o primeiro banho de 1986, ontem de manhã, em Carcavelos. Um banho que se enraizou no espírito de muitos folgazões, mas que vai perdendo clientes/aderentes. Quem reparar, com cuidado, nas fotos obtidas nos últimos anos, verifica que assim é. O decréscimo tem alguma lógica: é que nem todos os «heróis» que morrem são substituídos. Mas também há os que desistem, pura e simplesmente.

Foram menos de trinta os «maduros» que ontem de manhã, cumprindo uma tradição com 23 anos, tomaram o primeiro banho de 1986 na praia de Carcavelos, com uma temperatura que na ocasião rondava os 14 graus em Lisboa. Temperatura agradável, porque anos houve, desde 1963, em que se tiritava de frio — o que não aconteceu ontem.

O primeiro banho para os 29 «maduros» que a isso, ontem de manhã se dispuseram, em Carcavelos, teve um cunho especial: foi «apadrinhado» pela CEE, pois que Portugal pertence desde ontem à Comunidade Económica Europeia. «Veteranos» (os que desde 1963 antecipam para 1 de Janeiro o seu Verão) e «voluntários», resistindo ao frio, uns mais e outros menos maduros, voltaram ontem a confraternizar, antes e depois do banho. Antes, quer engolindo a sua ginja, quer jogando à bola; depois, bebendo, ainda, e comendo.

Centenas de curiosos, alguns deles porventura à espera que um dia lhes chegue idêntica coragem para engrossar o grupo, deslocaram-se àquela praia para ver mergulhar os audaciosos nadadores de Inverno em mar sem cobertura.

SINDICATO TRABALHADORES TÊXTEIS LANIFÍCIOS VESTUÁRIO DO SUL

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos Estatutários convoco a Assembleia Geral Ordinária, para os efeitos do Art.° 16.° alíneas c) e d) dos Estatutos deste Sindicato para o **DIA 7/1/86** pelas 15.30 h no 5.° andar da Sede do Sindicato — Rua Conde Redondo n.° 60, 5.° andar em Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

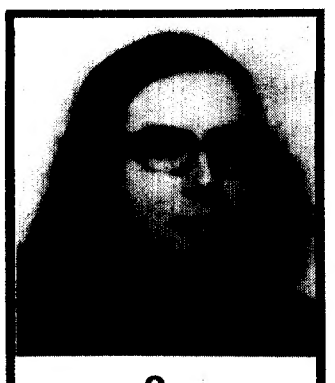
1 — Apreciar e deliberar sobre o Orçamento anual e Programa de Acção do Sindicato para o ano de 1986.
2 — INFORMAÇÕES

NOTA: O Orçamento e Programa de Acção encontra-se ao dispor dos sócios na Sede do Sindicato.

LISBOA, 23/12/85

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Manuel Correia Lopes

CGTP INTERSINDICAL



O
Poeta e Pintor

FERNANDO GRADE

— autor, entre vários outros títulos, de "O VINHO DOS MORTOS"
3.ª edição
8300 exemplares,
preço de capa 480$00
lançamento da **Mlc**
— deseja aos 63 mil leitores de poesia portugueses
um óptimo ano de leituras perversas

Marisco apreendido pela Inspecção Económica

A Inspecção Económica apreendeu em diversas unidades hoteleiras de Lisboa e grossistas 5413 quilos de marisco, no valor de 4861 contos, informou hoje aquele organismo.

A operação de fiscalização decorreu no passado dia 13, tendo as brigadas apreendido num estabelecimento hoteleiro da capital 165 quilogramas de camarão por suspeita de contrabando, uma vez que não foram apresentados documentos comprovativos da aquisição da mercadoria, avaliada em 520 contos.

Em Lisboa, mas noutra unidade hoteleira as brigadas da Inspecção Económica confiscaram 178 quilos de camarão, estimado em 497 contos. Ao fornecedor de marisco do respectivo hotel a fiscalização apreendeu 3000 quilos de camarão, no valor de 3000 contos.

No decorrer da mesma operação as Brigadas da Inspecção Económica apreenderam noutras unidades hoteleiras e num fornecedor da zona de Lisboa mercadoria no valor de 1270 contos, composta por 30 quilos de camarão e 1440 quilos de peito de caranguejo, havendo suspeita de contrabando.

Madeira: o melhor ano turístico

O ano de 1985 «foi o melhor de sempre» para a Madeira, no aspecto turístico — afirmou o titular da pasta de Turismo e Cultura da região.

A passagem da noite de S. Silvestre trouxe para as ruas do Funchal a maioria dos seus habitantes, que abriram as janelas das casas, deixando iluminados os interiores. A festa da cidade foi também animada na marina do porto do Funchal. O ambiente festivo foi ajudado pelo plano geral de iluminação, com mais de 300 mil lâmpadas. As festas de fim de ano estenderam-se a Machico e Porto Santo, onde também foi queimado fogo de artifício.

Raios brilhantes, lançando as mais variadas cores ao estoirar dos foguetes, assinalaram na capital da Madeira o início de 1986. Milhares de pessoas, entre elas muitos turistas, viram durante alguns minutos subir no céu da capital da Região Autónoma os habituais fogos coloridos.

Os efeitos da fantasia pirotécnica portuguesa foram apreciados, ao que se julga no Funchal, por cerca de vinte mil turistas

IVA faz já sentir os seus efeitos

É mais caro viajar nas nossas auto-estradas

• *Lisboa-Porto subiu para 825$00*

É mais caro viajar nas auto-estradas portuguesas desde o primeiro minuto de ontem. A taxa mínima da portagem da Auto-estrada do Norte, em Sacavém, subiu de 50 para 60 escudos, para os chamados veículos de 1.ª classe, os mais pequenos (e de menor cilindrada). A subida, de tão inesperada, provocou, sobretudo, reacções de espanto aos muitos folgazões que vieram passar o fim de ano à capital. Por uma razão muito liminar (e compreensível): é que à entrada em Lisboa — por Sacavém — haviam pago 50 ou 75 escudos, conforme a potência dos seus automóveis, e à saída tiveram de desembolsar 60$00 e 105$00, respectivamente.

Os preços das portagens nas auto-estradas portuguesas exploradas pela Brisa subiram todos a partir da meia-noite de ontem, incluindo já os novos oito por cento relativos ao Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA). A taxa mínima de portagem passa a ser de 35$00 (apenas uma das dez que ontem subiram, entre Vila Franca de Xira e Carregado, na distância de três quilómetros) e a máxima de 215$00, esta entre Condeixa e Coimbra.

Não é difícil calcular o aumento percentual das taxas de portagem das auto-estradas exploradas pela Brisa: 20% exactos. Daí que os veículos de 1.ª classe tenham passado de 50 para 60 escudos e os de 75$00 para 105$00. Mais, portanto, que a inflação prevista (e anunciada) pelo Governo para este ano e que os agravamentos de Novembro último nos transportes e subida dos bens essenciais. O Governo terá aguardado a entrada de 1986 para, de certo modo, mentalizar os portugueses (dos quais cerca de trinta por cento têm veículo automóvel) para a importância e vastidão do IVA.

Mais viaturas nas nossas estradas

É claro que este novo aumento das tarifas de portagem das auto-estradas da Brisa se reflectirá inevitavelmente no volume de veículos que neles circulam. Tem sido corrente, nos últimos tempos — bastará comparar os números de antes e depois de Abril de 1985, período em que se verificou o último aumento nas auto-estradas Brisa —, constatar-se uma descida acentuada no tráfego das auto-estradas, sempre que ocorre uma subida das suas tarifas.

Aparentemente, isso não é grave. O pior, contudo, é que a essa redução corresponde uma subida de trânsito nas depauperadas estradas nacionais. Recorda-se que em Abril de 1985 autarcasa e munícipes de Vila Franca de Xira «ocuparam» a portagem de Sacavém em protesto contra o aumento das taxas, porquanto tal medida foi sentida no tráfego da EN n.º 10 que atravessa Vila Franca e o concelho entre a sede e a freguesia da Póvoa de Santa Iria, onde várias pessoas foram atropeladas, algumas delas mortalmente.

O exemplo de Vila Franca não é nem circunstancial nem aleatório, porque sempre que as taxas de portagem sobem, cresce o número de veículos que circulam pelas povoações marginais às próprias auto-estradas da Brisa, desde Fogueteiro e Coina a Carregado, Condeixa, Estarreja, Vila da Feira e Carvalhos/Grijó.

É o que sempre acontece, ao mesmo tempo que o piso das estradas nacionais e municipais se degrada, não havendo meio de se pôr cobro a situação tão anómala.

De Lisboa ao Porto agora por 825 escudos

Viajar entre Lisboa e Porto num automóvel médio (de 2.ª classe) passou a custar — a partir das zero horas de ontem — 825$00, quando antes ficava por 685$00.

Com efeito, as oito portagens que esperam um automobilista viajando num carro de 2.ª classe, perfazem 805 escudos até aos Carvalhos, saindo de Lisboa pela Auto-estrada do Norte, em Sacavém. Um camionista que faça o mesmo trajecto pagará 1220 escudos até aos Carvalhos. É óbvio que cobrando ajudas de custo sem prova, um profissional da estrada nestas circunstâncias optará, em vários troços do percurso, por estradas nacionais e/ou secundárias, de modo a meter no bolso a respectiva contribuição da empresa.

Um automóvel «ligeiro» da classe A ou primeira classe — taxa mais barata — gastará 455$00 entre Sacavém e Carvalhos, isto é, saída de Lisboa e entrada (a dez quilómetros) do Porto.

Eis os preços das várias portagens da Brisa que subiram ontem, nas suas quatro classes (duas de «ligeiros» e duas de «pesados»), por ordem crescente de taxas:

Lisboa-Vila F. de Xira, 60$00-105$00-135$00-145$00; Alverca-Vila F. de Xira, 60$00-105$00-135$00-145$00; Vila F. de Xira-Carregado, 35$00-60$00-80$00-95$00; Carregado-Aveiras de Cima, 60$00-105$00-135$00-145$00; Condeixa-Coimbra, 60$00-110$00-160$00-215$00; Coimbra-Mealhada, 45$00-80$00-110$00-130$00; Albergaria-Estarreja, 45$00-80$00-100$00-115$00; Estarreja-Feira, 70$00-125$00-160$00-175$00; Feira-Carvalhos, 80$00-140$00-180$00-205$00; Fogueteiro-Coina, 45$00-80$00-100$00-115$00 e Coina-Palmela, 45$00-80$00-100$00-115$00.

Congresso de Jornalistas propõe "Guia de Português"

A elaboração de um «Guia de Português» que contribua para uma mais cuidada utilização da língua, é uma das propostas concretas a apresentar ao II Congresso de Jornalistas Portugueses marcado para finais de Abril.

A proposta foi apresentada por um grupo de jornalistas durante os trabalhos preparatórios do Congresso, nos quais se estabeleceu já a temática a debater no encontro.

Dois grupos de trabalho, um do Porto e outro de Lisboa, apresentaram as suas propostas de discussão, entre as quais se incluem como temas mais referidos a deontologia, a formação e acesso à profissão e as novas tecnologias.

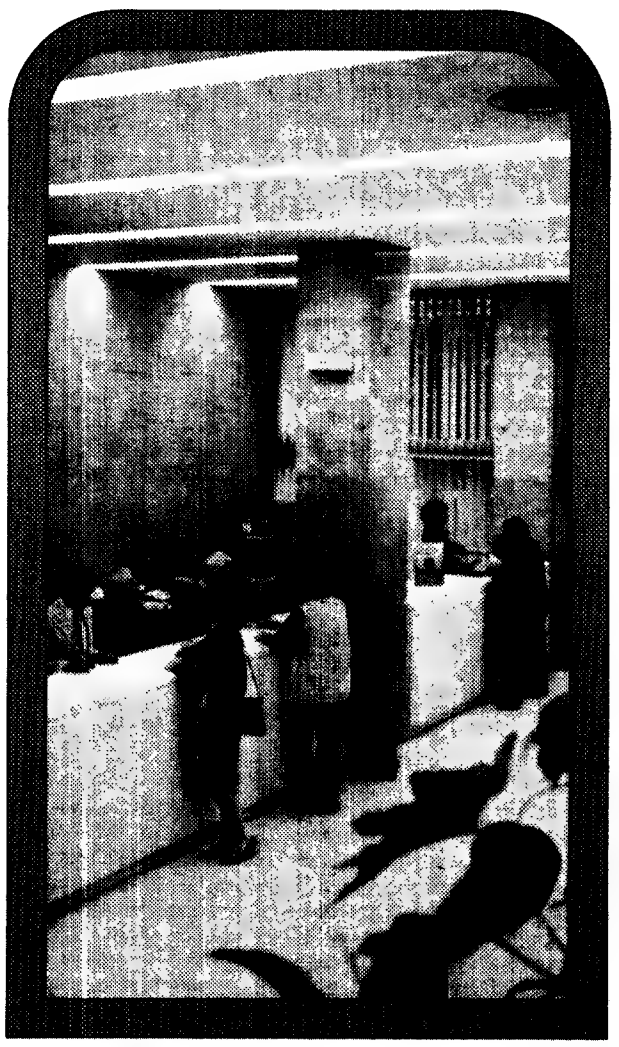
A elaboração de um prontuário de português que, para além de uma correcta utilização da língua, possibilite a uniformização de tratamento das palavras estrangeiras, quer em termos de Imprensa escrita, quer oral, é outra das propostas já apresentadas pelos grupos de trabalho.

LATINA

Obrigações de Caixa BFN

XXV aniversário

Rendimento - Segurança - Liquidez



AQUISIÇÃO EXCLUSIVA aos balcões do
Banco de Fomento Nacional

O Banco de Fomento Nacional, a primeira instituição bancária portuguesa a lançar no mercado interno as **Obrigações de Caixa**, promove uma nova emissão no âmbito das iniciativas integradas nos seus 25 anos de actividade.

Emissão de 10 milhões de contos de **Obrigações de Caixa BFN — XXV Aniversário** no valor nominal de 10 mil escudos cada.

O prazo total das **Obrigações de Caixa BFN — XXV Aniversário** é de 4 anos, podendo ser antecipado a partir do 12.º mês da data da aquisição.

Os juros das **Obrigações de Caixa BFN**, sempre actualizados e progressivos, são pagos semestralmente e estão isentos dos Impostos Complementar e de Capitais e sujeitos ao Imposto Sucessório.
Nas condições actuais, a taxa média de juro é de 20,5%.

Os títulos, ao portador, podem ser transmitidos e transaccionados livremente e serão cotados nas Bolsas de Valores de Lisboa e Porto.

As **Obrigações de Caixa BFN** têm emissão contínua e são adquiridas exclusivamente aos balcões do Banco de Fomento Nacional.

Banco de Fomento Nacional
O investimento como força criadora

Mercado europeu passa a ter 320 milhões de consumidores

Um pouco menos de 50 milhões de porgugueses e espanhóis entraram ontem pela porta grande do «Clube Europeu», alargando para 12 o número de paíse membros do maior bloco económico do Mundo, a CEE.

Os 10 milhões de portugueses e 38 milhões de espanhóis contribuem assim para transofrmar a Comunidade Económica Europeia no espaço económico do mundo capitalista com mais população (320 milhões de habitantes), muito acima dos EUA (234,2 milhões) e do Japão (119,2 milhões).

De acordo com as previsões comunitárias, a Europa dos Doze manter-se-á em 2020, em termos populacionais, à frente dos seus dois principais parceiros económicos: 330 milhões de habitantes, contra os 300 milhões dos EUA e os 130 milhões do Japão.

A doze, a CEE é a maior potência exportadora e importadora do Mundo, sendo-lhe inerente o facto de registar também dos níveis de consum mais elevado do planeta.

Extravasada dos Pirenéus, a partir de agora, a CEE estende-se do mar do Norte afe ao Mediterrâneo.

E, agora, como é?

Mas ao aocrdarem, ontem, na CEE, no fim de um longo processo de negociação de que foram insuficientemente informados, muitos portugueses poderão interrogar-se: e agora?

Para responder à pergunta existe um tratado com 1200 páginas com o conjunto de acordos a que se chegou para retardar a adesão plena e amortecer o choque na economia e mesmo na cultura portuguesas, que se reconhece ser o maior deste século.

O que se sabe ao certo é que, a partir de agora e até 31 de Dezembro de 1995, todos os anos vão chegar a Portugal cerca de 35,5 milhões de contos para «ajudar a economia portuguesa a aproximar-se das economias mais avançadas da Europa».

O que ainda não se sabe é quem vai adminisgrar esses fundos, quem os vai fazer chebar à economia e quem vai intermediar as relações do Estado com os agentes económicos.

Mas muitao coisa chega pela primeira vez a Portugal, vinda da Europa das Comunidades atrás do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) que passa a constituir como que um selo da CEE em tudo o que se compra, vende ou troca em Portugal.

Na agricultura ficam desde já livres para ciruclação a carne de ovino e caprino, linho e cânhamo, favas e ervilhas, forragens, bichos-da-seda, as abelhas e o mel, o tabaco, as frutas e legumes transformados, o lúpulo e as sementes, o algodão, as plantas vivas, as flores e o açúcar.

Mesmo mantendo restrições darante o período de transição, os agentes económicos vêem-se, a partir de ontem, «livres» dos boletins de registo de importação (BRI), que serão substituídos por autorizações emitidas ou não num prazo máximo de cinco dias, seja qual for a quantidade ou a natureza da mercadoria.

Nas pescas, vão ser introduzidas as regras de comercialização em vigor nas Comunidades Europeias e inicia-se o perídodo de cinco anos durante o qual o Estado português está vinculado a fomentar a criação e funcionamento de organizações de produtores.

3,8 milhões de contos a pagar em Março

Na indústria, sobressai a possibilidade de os automóveis fabricados em Portugal passagem a ser vendidos no mercado comunitário e baixa o teor de chumbo na gasolina super, um dos compromissos a que Portugal se obrigou perante a Comunidade para obedecer às chamadas normas de defesa do consumidor.

Também a partir de agora, as companhias gasolineiras, além da Petrogal, estão livres das cotas de comercialização que condicionavam a sua actividade em Portugal.

No campo financeiro, Portugal prepara-se para, em Março, pagar 3,8 milhões de contos da primeira prestação da sua quota de 19 milhões no Banco Europeu de Investimentos.

O volume de investimento estrangeiro em Portugal sem necessidade de autorização especial do Instituto de Investimento Estrangeiro foi fixado em cerca de 280 mil contos (dois milhões de ECU). Antes, era objecto de análise caso a caso.

Alguns especialistas consideram que essa medida beneficiará sobretudo os espanhóis que, em sectores como a pesca, poderão criar empresas em Portugal para a captura, por exemplo, de lagostins, torneando asim o acordo bilateral de pescas.

Teoricamente, os portugueses podem, a partir de agora, obter emprego em qualquer país da Comunidade (salvo o Luxemburgo) desde que previamente o tenham conseguido junto de um empregador. Quem o não fizer só pode instalar-se na CEE se for trabalhar por conta própria.

O barco está a andar: falta sabe

O futuro das Comunidades Europeias é uma grande incógnita que, desde ontem, interessa obrigatoriamente a todos os portugueses. Afinal de contas para onde ruma o barco onde acabamos de tomar o nosso lugar? A resposta ninguém a tem, mas os cenários possíveis não são os mais optimistas.

Jose Antonio Cerejo

Dizer que a CEE está em crise tornou-se há muito um lugar comum. De tal modo assim é que já houve quem apresentasse as suas sucessivas «derrapagens» como elementos revitalizadores da dinâmica comunitária, ou mesmo como condição necessária do seu progresso.

Hoje em dia, o quadro é porém bem mais complexo e dificilmente se distingue aquilo que é o agravamento da situação, daquilo que pode ser, de facto, o princípio da superação das dificuldades.

Uma coisa é certa: nos meios comunitários vive-se um ambiente de grande incerteza e desalento, e os magros resultados da recente conferência intergovernamental de revisão do Tratado de Roma não bastaram para ressuscitar a confiança, e mal deram para acalentar os tenores do «ideal europeu».

Na verdade, muitos dos passos mais significativos dados no sentido da realização do projecto comunitário surgiram na sequência de crises mais ou menos duradoiras e profundas. Desta vez, a dimensão assumida pelos problemas económicos que assolam os países membros e a gravidade da própria crise institucional que as comunidades atravessam fazem todavia com que as esperanças de que isso volte a acontecer apareçam bastante debilitadas.

Uma crise que se arrasta

Logo no final do período de transição das Comunidades a seis (os Estados fundadores) tornou-se claro que havia que introduzir um certo número de reformas institucionais, a fim de adequar os tratados às realidades do princípio da década de 70. Nada se fez e o primeiro alargamento à Inglaterra, Irlanda e Dinamarca (1973) trouxe de novo à ordem do dia a urgência da reorganização das Comunidades e do retorno aos ideais e objectivos dos «pais fundadores».

As dificuldades internas cresceram, como se previa, designadamente no domínio do sistema decisório e das divergências quanto às metas últimas da CEE, e a degradação da conjuntura económica internacional veio relançar o debate sobre a natureza e o futuro da organização. Em 1975 tudo continuava por fazer e o relatório Tindemans equacionou mais uma vez os dados do problema, apontando para a União Europeia como solução a prazo.

Quando em 1978 se iniciaram as negociações com vista ao segundo alargamento das Comunidades percebeu-se novamente que a reforma institucional era uma das condições da sua sobrevivência, sobretudo num quadro de 12 membros. Mas as contradições entre os projectos e as realidades e os choques de interesses entre os diferentes Estados eram tais que não foi possível modificar fosse o que fosse.

Tudo indicava, no princípio desta década, que a rotura era inevitável e que a desarticulação das Comunidades se tornara um processo praticamente irreversível. Era o tempo da guerra orçamental, com os impasses ligados à contribuição britânica e ao esgotamento da Política Agrícola Comum e do alargamento a Portugal e à Espanha.

De fracasso em fracasso, de malogro em malogro, já se acabavam os adjectivos suficientemente elucidativos para caracterizar a dimensão da crise a iminência do desastre. No meio disto tudo, a crise e económica e a perca de velocidade do conjunto europeu em relação aos EUA e ao Japão mais não faziam que extremar posições, agravar proteccionismos e chauvinismos, arredar os Estados membros dos objectivos comuns.

Aquilo que poderia parecer um motivo de união e um incentivo à coesão dos «Dez» redundava, claramente, em mais um entrave à integração europeia.

Uma esperança que surge

O ano de 1984 assumiu contornos por vezes dramáticos, mas eis que na Cimeira de Fontainebleu, no princípio do Verão, surgem os primeiros sinais de acalmia. Para espanto de muita gente — e talvez porque a gravidade da crise tenha acabado por evidenciar a necessidade de conjugar esforços — firmam-se aí as bases do desanuviamento no campo orçamental, e das relações com a Inglaterra, e retoma-se a busca de saídas para os problemas agrícolas e institucionais.

Simultaneamente, o «dossier» do alargamento é desbloqueado e, pela primeira vez em muitos anos, o discurso dos responsáveis comunitários volta a ser marcado por um ligeiro optimismo.

Apesar deste sucesso efémero, o prazo de 30 de Setembro de 1984 — reafirmado em Fontainebleu como limite para a conclusão das negociações com os candidatos ibéricos — é ultrapassado e a Cimeira de Dublin, realizada em Setembro do mesmo ano, termina no meio de enorme confusão, sem que se tomem quaisquer decisões.

Nessa altura, o presidente da Comissão Europeia, Gaston Thorn, desiludido e cansado, declara formalmente que já não acredita que as adesões de Portugal e da Espanha se venham a concretizar em 1 de Janeiro de 1986.

O Conselho Europeu seguinte, reunido em Março de 85, mostra que desta vez o pessimismo de Thorn era infundado e as negociações com os dois candidatos são dadas como encerradas, constatando-se o acordo final. Três meses depois, pressionados pela certeza de que a entrada dos novos membros acarretará dificuldades adicionais ao funcionamento dos mecanismos decisórios, e pela necessidade cada vez mais sentida de evitar a transformação da CEE numa simples zona de comércio livre, os chefes de Estado e de Governo dos «dez», reunidos em Milão, decidem convocar uma conferência intergovernamental destinada a proceder à revisão do Tratado de Roma.

Aparentemente, portanto, as Comunidades Europeias estavam novamente no «caminho certo» e tudo apontava para que o «euro-pessimismo» fosse definitivamente enterrado, ganhando sentido a afirmação de que são as crises das Comunidades que geram o seu próprio aperfeiçoamento. A obtenção de um acordo mínimo, ainda que sujeito às ratificações dos parlamentos nacionais e às reservas de um ou outro país, consolidou esta interpretação e fundamentou o reaparecimento de algumas esperanças.

As interrogações que voltam

Mas poder-se-á concluir daqui que os riscos de desagregação das Comunidades a que ontem aderimos estão afastados?

Poder-se-á pensar que os «dez» foram capazes de vencer os antagonismos de interesses e de percepção do «projecto comunitário» que levaram quase à paralisação da CEE na última meia-dúzia de anos?

Poder-se-á julgar qua a adesão dos novos membros, em vez de agravar aquelas dificuldades como muitos temiam, veio revitalizar e dar um novo alento à construção europeia, tal como ela foi imaginada pelos homens que conceberam a CEE?

A resposta a esta e a outras questões semelhantes contém certamente a chave da questão colocada no início deste texto: *para onde vai o barco em que acabamos de embarcar?*

Concretamente, e de forma segura, poucos arriscarão o prognóstico.

Alguns, iluminados por uma fé inabalável nas virtudes de uma solução que consideram sem alternativa, responderão provavelmente pela afirmativa. Sobretudo entre nós, no campo daqueles que apostaram em atrelar o futuro de Portugal ao da

CEE, essa será a resposta.

Outros, sobretudo entre nós também, não hesitarão na negativa e insistirão na catástrofe iminente.

A resposta fundamentada às perguntas atrás enunciadas obriga contudo a que se ponderem numerosas questões, das quais destacamos:

1.º — A precariedade e a insuficiência dos acordos sobre os recursos próprios (dentro de um ou dois anos volta a não haver receitas para cobrir as despesas) e a incapacidade, ou a impossibilidade, de encontrar soluções para a mais cara e contestada, mas também a mais conseguida, das políticas comunitárias: a política agrícola comum.

2.º — A persistência dos equívocos congénitos quanto às competências e ao destino político das Comunidades, e quanto aos níveis de integração económica pretendidos. Para além destas divergências, de que são reflexo, designadamente, as posições britânica, dinamarquesa e grega, convém reter igualmente a ambiguidade e a tensão originárias contidas na relação franco-alemã, no seio do núcleo fundador da CEE. Esta tensão, sublinham observadores credenciados, tem tido um papel de locomotiva na vida comunitária, mas parece ter chegado o momento em que a RFA se sentiu suficientemente autónoma para desligar os motores, recusar-se a ser «o financiador da ineficácia dos outros» e condicionar o seu activismo europeísta à satisfação dos seus próprios interesses nacionais. Quanto à França, tudo parece jogar-se em função da possibilidade de manter a sua hegemonia e liderar a evolução das Comunidades.

3.º — As dificuldades suplementares trazidas pela entrada dos países ibéricos, no domínio do funcionamento das instituições e da gestão dos recursos comunitários.

O pessimismo que se impõe

O equacionamento destas e doutras questões sustenta uma análise, que sendo tudo menos anti-CEE, conduz a uma atitude de grande cepticismo que ainda

·ber para onde

há bem poucas semanas pudemos constatar nos meios comunitários, em Bruxelas. O desencanto e o sentimento de impotência não poupam mesmo muitos dos nomes mais sonantes do Parlamento Europeu e do Comité Económico e Social, dos mais altos responsáveis da Comissão, nem — ao que dizem alguns dos seus colaboradores — o presidente Jacques Delors.

Assim, não admira que soluções como a que foi conseguida com o recente acordo do Luxemburgo sobre a revisão do Tratado de Roma possam ser encaradas apenas com um reflexo de bom senso motivado pela gravidade da situação, ou como uma manifestação, sem grandes consequências práticas, de uma espécie de instinto de sobrevivência da Comunidade.

Do mesmo modo, compreende-se que iniciativas como a do projecto Eureka possam ser vistas de forma radicalmente diferente por muitos dos responsáveis da Comissão e pelos seus patrocinadores.

Para os primeiros, Eureka representa «um esforço colossal para vencer um perigoso impasse em que as relações entre a França e a RFA estavam a entrar», mas contraria a estratégia industrial que os «Dez» conseguiram definir nos últimos anos e que «consubstancia a única verdadeira boa nova da Comunidade desde há 15 anos.» Por outro lado, este projecto, de origem francesa, tenderia a subalternizar a CEE, mostrando que «Paris e Bona estão a caminhar claramente para uma Europa diluída», que ultrapassa de longe as fronteiras dos «Doze». Em resumo, Eureka é visto por muitos europeístas militantes como um exemplo dos graves riscos de «diluição» e desarticulação que as Comunidades atravessam.

Para os defensores da proposta francesa, ela representa pelo contrário uma grande oportunidade para a Europa, podendo depender dela a desagregação ou a preservação da CEE.

Nesta perspectiva, porém, Eureka seria o agente difusor da ideia de uma Comunidade mais vasta, que abrangeria o todo europeu. O interesse de alguns países da Europa de Leste pela iniciativa é interpretado como um factor positivo e a «salvação» da CEE apareceria assim no âmbito da sua profunda transformação e da assunção do projecto europeu à escala continental.

De qualquer modo, uma coisa damos como certa: para além das conjecturas que fazem sorrir e das hipóteses ficcionistas, é praticamente impossível encontrar alguém nas instituições da CEE que se mostre capaz de esboçar um cenário optimista e minimamente realista do futuro da organização.

As respostas às três perguntas de que partimos ganham neste quadro uma tónica necessariamente inconclusiva, onde domina todavia o pessimismo e a inexistência de um rumo certo para as Comunidades.

Um barco sem rumo

Mas entretanto, a complexa e grave situação económica, social e institucional que abala as Comunidades impõe a necessidade de se forjarem soluções rápidas e duradoiras. Como vimos, poucos crêem na possibilidade de as encontrar, mas esse facto, aliado à agudização dos conflitos internos, designadamente franco-germânicos, reforça ainda mais a urgência e o carácter imperioso daquelas soluções.

É neste contexto de desencanto, quanto à viabilidade actual dos velhos projectos europeus e à possibilidade de reencontrar um rumo para a CEE, que Portugal e a Espanha se tornaram no seu 11.º e 12.º membros.

Resta adivinhar o que o futuro nos reserva e concluir se a entrada dos novos membros contribuirá para o afundamento ou ajudaraá à salvação da barca, agora comum.

Resta saber, igualmente, se o canto da embarcação em que por agora ficaremos acantonados não meterá água mais cedo e se não seremos nós os primeiros náufragos.

Um acto de fé

José Antonio Cerejo

A adesão de Portugal às Comunidades Europeias, que ontem se concretizou, representa antes de mais um acto de fé. Conforme se acredita ou não, assim se parte com entusiasmo ou com temor para a caminhada que hoje se inicia. Com factos e certezas poucos ousarão predizer o sucesso ou o malogro da operação. Numa coisa parecem estar de acordo os adeptos e os adversários: a adesão é um salto no escuro e só o futuro dirá quem é que tem razão.

Ainda não há muito tempo, um dos mais altos responsaáveis pela entrada de Portugal nas Comunidades reconhecia perante um grupo de jornalistas: «As negociaçõúes foram feitas de uma forma extremamente defensiva, dada a impossibilidade, por falta de planeamento, de saber o que é que vai acontecer daqui a algum tempo.»

O mesmo negociador admitia então que muitas das posições defendidas pela parte portuguesa tiveram mais por base a intuição que a existência de objectivos claros, definidos a nível governamental, para os diferentes sectores da nossa economia. «Se fôssemos ao Ministério da Agricultura saber em que sentido é que se pretendia orientar a agricultura portuguesa nos próximos anos, ou ao da Indústria saber quais as grandes linhas do desenvolvimento futuro do sector, não obtínhamos qualquer resposta», recorda agora aquele técnico.

A inexistência de uma política agrícola ou de uma política industrial fez assim com que muitas das normas que vão reger a nossa integração na CEE sejam mais o fruto de uma aposta dos negociadores do que o resultado de uma estratégia nacional. A falta daquelas políticas e a ausência mais geral de objectivos globais de desenvolvimento levou, por outro lado, a que a adesão nos surpreende praticamente sem defesas perante as orientações que Bruxelas pretenda impor à nossa economia.

Este tipo de constatação não abala porém as convicções dos partidários da entrada para a CEE. «Ou era agora ou nunca e Portugal não tinha qualquer alternativa», argumentam.

Perante a impossibilidade objectiva de garantir o êxito futuro da adesão e a correcção da fórmula encontrada refugiram-se numa confissão: «Aderir à CEE é uma convicção, é ter fé ou não ter fé!»

Para os defensores da integração plena os riscos que ela comporta nem sempre são escamoteados. Ao nível dos próprios negociadores receiam-se não só algumas dificuldades a curto prazo, como — sobretudo — que os mecanismos negociados para defender a economia portuguesa não sejam convenientemente aproveitados. É o caso do sector agrícola, onde existem fundados receios de que a primeira etapa da adesão seja queimada sem que se dê qualquer passo de relevo no sentido da adaptação das nossas estruturas às exigências da Política Agrícola Comum.

A teoria do choque

Os riscos da adesão são todavia largamente compensados pelas perspectivas que ela nos abre, sustentam os seus adeptos. Assim, sublinham, «acabará a possibilidade de se mudar de política a cada momento, trazendo-nos a Comunidade um enquadramento a que teremos necessariamente que obedecer». Esta situação não é vista como uma forma de dependência e de sujeição do País, mas antes como uma salutar aceitação de um destino colectivo, definido em comum pelos doze Estados membros.

Curiosa é entretanto a teoria do tratamento de choque que a integração representará não só para a nossa economia, como para a nossa forma de viver e mesmo para a nossa cultura. Generalizada desde há alguns meses com base na certeza de que por demonstrações concretas é difícil explicar as vantagens da adesão, aquela análise tornou-se agora um ponto de referência bastante em moda.

Na origem da teoria do choque encontra-se a convicção de que a entrada para a CEE virá mudar radicalmente as mentalidades e a atitude dos empresários em relação à concorrência e ao papel do Estado, abrindo as portas à inovação tecnológica e a uma forma mais moderna de trabalhar e de pensar. O «choque» transforma-se deste modo no principal agente da mudança que a CEE implicará e alguns chegam a qualificá-lo como uma «fuga para a frente» ou «um salto na aventura» que é visto como a «única saída» para os bloqueamentos da sociedade portuguesa.

O violento estremeção que a adesão provocará nas estruturas produtivas e mentais portuguesas é apontado como o seu lado mais positivo, relegando-se para segundo plano os riscos que já todos reconhecem.

No fim de contas, a ideia de que o «choque» libertará a nossa criatividade e nos levará a assumir frontalmente o «desejo» radica na visão «religiosa» da adesão como «acto de fé». Objectivamente nada garante que os efeitos do «choque» sejam aqueles de que atrás se fala.

Na opinião dos críticos de todo este projecto, o empolamento das virtualidades do impacte comunitário peca não só porque há o risco de «o doente morrer da cura e não do mal», mas também pelo que há de «subalternização das nossas capacidades» na ideia do «choque salvador».

A afirmação de que será a enorme pressão a que a economia portuguesa vai ficar sujeita que nos obrigará a reagir — coisa que nunca aconteceria se procurássemos previamente e de forma autónoma os caminhos do nosso desenvolvimento — consubstância uma atitude de subserviência, e corresponde a atestado de menoridade que nos atribuímos a nós próprios.

Defender a tese de que o «choque» nos fará acordar, frisam os seus adversários, equivale praticamente a dizer que sem a tutela da Comunidade não seremos ninguém e não seremos capazes de vencer os bloqueamentos ancestrais que nos imobilizam.

Em contrapartida — sustentam os adeptos da adesão — nada permite igualmente assegurar que fora da CEE pudéssemos encontrar os caminhos de modernização e do progresso. Na sua opinião a adesão não tinha alternativa e qualquer proposta em sentido contrário seria sempre desvalorizada pela impossibilidade de canalizar para Portugal os enormes fluxos financeiros que a integração europeia proporcionará.

Tendo o peso que o dinheiro tem, este argumento defronta-se todavia com objecções múltiplas. Por um lado não serão tanto os apoios financeiros como se diz e, por outro acarretarão novas e acrescidas dependências. Finalmente, esse dinheiro poderá revelar-se mais que insuficiente para compensar os efeitos negativos da adesão na nossa economia.

Ainda aqui, mais uma vez, só a fé permite fundamentar certezas.

Trata-se de um debate necessariamente inconclusivo.

O malogro ou o sucesso da aposta vai depender para já, em grande parte de nós.

Cavaco Silva garante empenhamento de Portugal

Portugal contribuirá, «de forma empenhada e dinâmica, para a execução das reformas institucionais que darão à Europa e aos europeus novo alento e novas esperanças» — afirma o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, em mensagem dirigida aos países da CEE.

A mensagem de Cavaco Silva expressa o apoio do Governo português «às grandes orientações adoptadas no último Conselho Europeu no Luxemburgo», considerando-as «decisivas para a construção de uma verdadeira União Europeia e para o reforço da coesão e da solidariedade entre os Estados membros das Comunidades».

«Com a adesão de Portugal e Espanha, a reforma do Tratado de Roma e a institucionalização da cooperação em matéria de política externa, a Europa será seguramente diferente até ao final do século» — acrescenta a mensagem, distribuída ontem nas capitais comunitárias.

Com a integração de Portugal — afirma — «não é apenas a quinta língua mais falada no mundo que se torna língua oficial da CEE, mas ainda a experiência e a aptidão dos portugueses no relacionamento com outros países e uma cultura ancestral que vão enriquecer o quadro europeu».

Cavaco Silva refere que a integração na CEE «foi a concretização do objectivo prioritário da política externa portuguesa desde 1977» e defende que «as Comunidades Europeias marcam agora um novo ciclo da história portuguesa».

A adesão «não é, por si só, a solução para os problemas portugueses», afirma a mensagem, na qual Cavaco Silva defende que o processo de adaptação mais importante é garantir que a integração «intensifique decisivamente um processo de modernização da economia portuguesa, de modo a assegurar a competitividade da indústria e do turismo e aumentar a produtividade do sector agrícola».

Em vigor desde ontem

IVA: 3,5 mais contribuintes que o imposto de transacções

O Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA), que entrou em vigor a 1 de Janeiro de 1986, abrange cerca de três vezes e meia mais contribuintes do que o imposto de transacções.

Arlindo Correia, subdirector-geral nos serviços do IVA, disse que o IVA tributará cerca de 310 mil contribuintes. O imposto de transacções abrangia 90 mil agentes económicos.

Com a entrada em vigor do IVA, são abolidos o imposto de transacções, o imposto ferroviário, o imposto de turismo, a percentagem cobrada a favor do Fundo de Socorro e o imposto de selo sobre especialidades farmacêuticas. São também abolidos os selos de recibo, de aluguer de automóveis, de anúncios, dos transportes, dos leilões e de «leasing».

Principalmente justificado pela adesão à CEE, o Código do IVA foi aprovado pelo Decreto-Lei 394-B/84, de 26 de Dezembro, publicado no uso da autorização legislativa conferida ao Governo pela Lei 42/83, de 31 de Dezembro.

Aquele decreto estabelecia como data de entrada em vigor do novo imposto o dia 1 de Julho de 1985, mas a Assembleia da República decidiu adia-lá para 1 de Janeiro de 1986.

Em Portugal foi fixada uma taxa geral de Imposto sobre o Valor Acrescentado de 16 por cento, com uma taxa reduzida de 8 por cento para alguns bens e serviços e uma taxa agravada de 30 por cento para outros.

O Decreto-Lei 347/85 de 23 de Agosto viria a fixar taxas de IVA para as regiões autónomas inferiores às nacionais.

Assim, nas Regiões Autónomas da Madeira e Açores aplica-se uma taxa geral de 12 por cento, uma taxa reduzida de 6 por cento e uma taxa agravada de 21 por cento.

A redução foi justificada pelo Governo por o consumo daquelas regiões autónomas, no caso de mercadorias importadas do continente, estar onerado pelos custos de transporte.

As contribuições financeiras de Portugal para a CEE têm como base geral o Imposto sobre o Valor Acrescentado, devendo cada país membro entregar 1,4 por cento do total recolhido, embora haja alguns mecanismos de compensação.

Nos primeiros anos de adesão, Portugal e Espanha contribuirão com percentagens inferiores à estabelecida.

Governo prevê efeitos inflacionistas de 2 por cento

Alguns bens essenciais aumentam produtos de luxo podem baixar

O Ministério das Finanças estima em 1,5 a 2 por cento o aumento de preços induzido pela introdução do IVA, mas estes cálculos são considerados optimistas por alguns sectores — indicaram fontes contactadas pela Anop.

A experiência de introdução daquele imposto em países estrangeiros revela que normalmente há aumentos de preços associados à introdução do imposto.

No ano da introdução do IVA, na Grã-Bretanha verificou-se um aumento de preços de sete pontos e em Itália essa percentagem ainda foi mais elevada.

Em Espanha, o governo prevê um aumento de preços em 2 por cento, decorrente da introdução deste imposto, mas alguns sectores económicos do país vizinho calculam que ele implicará um aumento de quatro ou mais pontos na taxa de inflação.

Em Portugal, os principais combustíveis utilizados na indústria (fuel, carvão, gasóleo, gás) e nos transportes (gasóleo), assim como a electricidade, que estavam isentos do imposto de transacções, passam a suportar uma taxa de 8 por cento de IVA.

Um porta-voz do Ministério das Finanças disse que ainda hoje deverá ser definida a aplicação do IVA na gasolina, fuel e gasóleo, nomeadamente se o imposto se repercutirá nos preços ao consumidor ou será suportado pelo Fundo do Abastecimento.

Dos principais produtos alimentares, o bacalhau e a banha passaram a estar isentos no IVA (pagavam imposto de transacções), mas uma série de produtos isentos do imposto de transacções passam a pagar uma taxa reduzida de 8 por cento. É o caso do açúcar, preparados de carne e miudezas (fiambre, bacon, salsichas, etc.) conservas de peixe, bolachas Maria, torrada e de água e sal, cevada e chicória, manteiga, marmelada, mel, iogurtes, óleos alimentares, queijos (excepto flamengo, que continua isento), sal, vinagre e vinhos comuns (até 50 escudos por litro).

Entre os bens isentos de imposto de transacções que são abrangidos pelo IVA (taxa de 8 por cento) contam-se, ainda, equipamentos para aproveitamento de formas alternativas de energia, equipamentos para combate ou detecção de incêndios e operações de socorro, gás e electricidade, material escolar e didáctico, publicações periódicas não-diárias, sabões não perfumados e transportes de passageiros.

Um porta-voz do Ministério das Finanças disse que o IVA não se repercutirá sobre o preço dos títulos de transporte pago pelos passageiros.

Por outro lado, o imposto de vários produtos considerados de luxo, ainda que sujeitos a uma taxa agravada de 30 por cento, descem em relação às taxas aplicáveis pelo Código do Imposto de Transacções, em que atingiam os 60 por cento ou os 90 por cento.

Descem de 90 por cento para 30 bebidas como o uísque, vodka, gin e genebra entre os produtos que diminuem de 60 por cento para metade da taxa contam-se armas de fogo, karts, embarcações de recreio de preço mais elevado e material fotográfico e de cinema do mais caro, moedas de ouro e prata, perfumes e essências, pedras preciosas, tecidos de seda natural e algumas peles.

Imposto aplicado em 31 países

O IVA é um imposto adoptado em 31 países de todo o mundo, sendo a América Latina a região onde mais países (13) o aplicam.

Na Europa, em 1985, aplicavam o imposto sobre o valor acrescentado 12 países: os Estados membros da CEE à excepção da Grécia, a Áustria, a Noruega e a Suécia.

Em África, o IVA é aplicado pela Costa do Marfim, Marrocos, Madagáscar e Senegal; no Médio Oriente, por Israel e, na Ásia, pela Coreia do Sul.

Os países da América Latina que têm em vigor aquele imposto são a Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Peru e Uruguai.

Com a entrada em vigor do IVA em Portugal e Espanha, ele passou a ser adoptado em 14 países europeus.

Na CEE apenas dois países aplicam uma taxa única de IVA (Grã-Bretanha, 15 por cento, Dinamarca, 22 por cento), enquanto a Bélgica aplica uma taxa geral (19 por cento), uma taxa reduzida (6), uma intermédia (17) e uma agravada (25).

A França e a Itália, embora só com três escalões de imposto, têm, contudo, duas percentagens para a taxa reduzida, aproximando-se da situação da Bélgica.

A Irlanda tem a taxa geral mais alta da CEE (23 por cento) e o Luxemburgo (e proximamente a Espanha) a mais baixa (12 por cento).

A mais baixa taxa reduzida (2 por cento) é praticada pela Itália, país que também tem a mais alta taxa agravada (38 por cento).

De recordar que uma recomendação da Comissão Europeia, de 1980, preconizava apenas duas taxas: uma normal, entre os 13 e os 15 por cento, e outra reduzida entre os 3 e os 5 por cento.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	53$75	59$75
ALEMANHA FED (marco)	63$60	64$80
ÁUSTRIA (xelim)	9$00	9$20
BÉLGICA (franco)	2$950	3$150
BRASIL (cruzeiro)	$009	$019
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	111$30	113$80
(notas de 5 a 1000)	111$80	114$30
DINAMARCA (coroa)	17$40	17$80
ESPANHA (peseta)	$982	1$102
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	155$85	159$35
(notas de 5 a 1000)	156$35	159$85
FINLÂNDIA (marka)	28$85	29$45
FRANÇA (franco)	20$75	21$45
HOLANDA (florim)	56$40	57$50
IRLANDA (libra)	195$00	199$00
ITÁLIA (lira)	$085	$095
JAPÃO (iene)	$752	$787
NORUEGA (coroa)	20$50	21$00
REINO UNIDO (libra)	227$05	231$55
SUÉCIA (coroa)	20$55	21$05
SUÍÇA (franco)	75$55	77$05
VENEZUELA (bolívar)	9$55	10$55

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

VILA DO SEIXAL

POSSE DAS NOVAS CÂMARA E ASSEMBLEIA MUNICIPAIS

AMANHÃ, ÀS 21 HORAS

CONVITE À POPULAÇÃO DO CONCELHO

As eleições autárquicas de 15 de Dezembro constituíram mais um importante marco na história do Portugal Democrático nascido a 25 de Abril de 1974, a população do Concelho do Seixal, mais uma vez, demonstrou de uma forma inequívoca a sua maturidade política e cívica, quer pelos resultados quer pelo comportamento global no acto que de tanta importância se reveste.

Irá ser dada posse no próximo dia **3 de Janeiro** na Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense, pelas 21 horas. às novas **Câmara e Assembleia Municipais** do Concelho do Seixal, saídas das eleições de 15 de Dezembro.

Trata-se de um acto público de inegável importância. Convida-se a população a participar significativamente com a sua presença estimulante e definidora dos interesses que os eleitos devem prosseguir.

Seixal, 2 de Janeiro de 1986

O Presidente da Assembleia Municipal

JOAQUIM EUSÉBIO DOS REIS SILVEIRA DE OLIVEIRA

Assembleia Municipal do Seixal

24 HORAS

Bispos contra a NATO

O episcopado da região basca espanhola defendeu a neutralidade militar e pediu ao governo a realização, com carácter vinculativo, do prometido referendo sobre a permanência ou saída do país da NATO. Num documento tornado público pelas dioceses das três províncias bascas (Biscaia, Alava e Guipuzcoa) e ainda da de Navarra pede-se que se o resultado for contrário à permanência da Espanha na Aliança Atlântica o governo proceda à denúncia do actual tratado de cooperação entre os Estados Unidos e a Espanha.

Lord Carrington em Espanha

O secretário-geral da NATO, lord Carrington, chega hoje a Madrid em visita oficial, rodeado de uma polémica acerca da celebração de um referendo sobre a permanência da Espanha na NATO. A visita efectua-se 24 horas após a entrada da Espanha na CEE e em vésperas da decisão do executivo de Madrid sobre a pergunta que deverá figurar no referendo, cuja realização é uma das promessas eleitorais socialistas.

IRA reivindica atentado

O Exército Republicano Irlandês (IRA) reivindicou a autoria de um atentado que causou ontem a morte de dois polícias e ferimentos graves num terceiro, na Irlanda do Norte. Em comunicado divulgado horas depois do atentado, o IRA afirm que «a escolha do local para este atentado e o momento foram deliberados» e promete intensificar a luta contra a presença britânica na Irlanda do Norte.

O conflito Mali-Burkina Faso

O presidente do Mali, Moussa Traore, classificou de lamentável o recente conflito fronteiriço com o Burkina Faso e negou que o seu governo pretenda qualquer área de território deste país. Numa mensagem de ano novo divulgada pela Rádio Traore afirmou: «O Mali e o resto do Mundo viram com grande preocupação a progressiva deterioração das relações entre o nosso país e o Burkina Faso, que levou a um conflito armado entre os dois países. É com dor que tenho de mencionar a recordação deste lamentável conflito.»

Mi...onários mortos em Angola

CINCO religiosos da Missão Evangélica de Calukembe foram mortos na província de Huíla, Angola, informou a Angop, citando fontes oficiais. As vítimas integravam um grupo que foi atacado por forças adversas ao regime de Luanda, que a Angop define por «bandos armados». A mesma fonte, que não precisou a identidade as vítimas, acrescenta que no ataque foram feridos mais três indivíduos e quatro raptados.

Ex-ministros amnistiados

DOIS ex-ministros do antigo presidente guineense Luís Cabral foram amnistiados pelo Conselho de Estado da Guiné-Bissau, foi anunciado pelas autoridades daquele país. Umaro Djalo, ex-vice-presidente do Conselho de Estado e ministro das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP), e Constantino Teixeira (Tchutcho), ex-ministro da Segurança, que se encontravam já há um ano em liberdade condicional, encontram-se a partir de agora em «plena liberdade».

Novos prefeitos no Brasil

O Brasil, com a chegada do ano novo, empossou ontem 201 novos prefeitos (presidentes de municípios) eleitos popularmente no dia 15 de Novembro. A escalada da violência urbana e rural, a crise económica e a corrupção são os três principais problemas que, a partir de ontem, os 201 munícipes, entre eles os de 25 capitais estaduais, irão ter de enfrentar.

Troca de mensagens entre Reagan e Gorbachev

Tom conciliatório dominou alocuções transmitidas na URSS e EUA

Enquanto o presidente norte-americano, Ronald Reagan, pronunciou ontem três palavras em russo na sua mensagem televisionada dirigida ao povo soviético, o líder moscovita, Mikhail Gorbachev, referiu-se à obra de John Steinbeck «O Inverno do nosso descontentamento».

O líder soviético, que tinha como fundo uma parede com uma tapeçaria vermelha enquanto lia a sua mensagem, propôs substituir a palavra «descontentamento» por «esperança», não só para este Inverno como para «todas as estações» deste e dos próximos anos.

O presidente norte-americano, concluiu a sua alocução com «Spasiba» (obrigado, em russo) e desejou aos soviéticos que 1986 seja um ano de «chiestoye nebo» (céus sem núvens), expressão utilizada durante a Segunda Guerra Mundial para referir um céu sem bombardeiros.

O discurso de Gorbachev durou sete minutos. O de Ronald Reagan ficou-se pelos cinco minutos, tempo inicialmente acordado para a troca de mensagens.

Ronald Reagan, flanqueado por uma bandeira dos Estados Unidos e por azevinho com bagas vermelhas, gravou a sua mensagem sábado num hotel de Los Angeles, onde chegou no dia anterior para as suas férias de fim-de-ano na Califórnia.

Em ambas as alocuções os líderes insistiram no seu desejo e vontade de fazer o possível para melhorar o clima de compreensão iniciado na sua primeira cimeira, em Genebra, em Novembro de 1985.

O tom conciliatório de ambos foi apenas quebrado pelo desacordo dos líderes das superpotências em relação à iniciativa norte-americana de defesa estratégica.

Também as mulheres dos líderes norte-americano e soviético, Nancy Reagan e Raisa Gorbachev, que trocaram mensagens antes da Cimeira de Genebra, voltaram a escrever-se — anunciou a Casa Branca.

Reacções

Norte-americanos e soviéticos manifestaram-se hoje, de uma maneira geral, encorajados com as mensagens de Ano Novo de Ronald Reagan e de Mikhail Gorbachev, esperando que as palavras de paz «sejam um passo na direcção certa».

As três maiores cadeias de televisão norte-americanas transmitiram os discursos de Reagan e Gorbachev nos intervalos da cobertura dos tradicionais desfiles de Ano Novo em Los Angeles e Dallas e dos populares jogos de futebol entre equipas universitárias nacionais.

Na União Soviética, os telespectadores que perderam as mensagens dos líderes das duas superpotências tiveram oportunidade de as ler nos jornais oficiais — o «Pravda», órgão do Partido Comunista e o «Izvestia», o diário do Governo.

Tanto na URSS como nos EUA, os discursos de Reagan e Gorbachev não foram anunciados previamente nem constavam da programação planeada e, por isso, muitos telespectadores foram apanhados desprevenidos quando os dois líderes apareceram na televisão.

Adiamento da Cimeira

A União Soviética pretende marcar para Setembro a segunda Cimeira entre Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev, não estando interessada na data de Junho previamente fixada, escreve o «Washington Post».

A administração norte-americana foi informada do interesse soviético em alterar a data através do embaixador Anatoly Dobrynin, que segundo o «Washington Post» ficou a um passo de rejeitar em absoluto a data de Junho.

A proposta de Setembro foi apresentada somente como «sugestão informal», mas o simples facto de ter sido feita torna muito menos provável que o segundo encontro Reagan-Gorbachev se realize em Junho, disseram fontes da administração citadas pelo jornal.

Afeganistão apresenta proposta para a retirada soviética

O Governo afegão apresentou informalmente um calendário para a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão dentro de um período de um ano no quadro de um acordo geral, disseram funcionários norte-americanos.

Os funcionários disseram que o plano causou cepticismo em Washington por não mencionar uma data específica para o início da retirada e por depender de conversações directas entre o Afeganistão e o Paquistão.

Um funcionário norte-americano, que considerou «bastante vaga» a proposta afegã, disse: «teremos de esperar por Fevereiro para saber qual a substância da proposta».

Isto era uma referência à próxima sessão de conversações indirectas de Genebra, sob os auspícios da ONU, entre o Afeganistão e o Paquistão, que não reconhece o Governo afegão de Babrak Karmal apoiado pela URSS.

O mesmo funcionário disse que o calendário para a retirada das tropas soviéticas foi revelado pelo ministro afegão dos Negócios Estrangeiros Sham Mohammed Dost na última sessão das conversações de Genebra, no mês passado.

Dost dissera então ao mediancieiro da ONU, Diego Cordovez, que o calendário seria formalmente apresentado como proposta firme se o Paquistão concordasse em conversações directas, disse o funcionário norte-americano.

As conversações de Genebra decorrem por intermédio do subsecretário-geral da ONU, Diego Cordovez após o Paquistão se recusar a tratar directamente com o Governo de Karmal.

Novos atentados poderão ocorrer em aeroportos europeus

— *prevêem autoridades austríacas*

A missão diplomática líbia na Áustria negou estar envolvida nos atentados de sexta-feira passada nos aeroportos de Roma e Viena enquanto um porta-voz do Ministério austríaco do Interior afirmava que brevemente poderão ocorrer novos atentados em aeroportos europeus.

«Creio que não é preciso ser perito em espionagem para chegar à conclusão que muitos atentados terroristas poderão ocorrer nos próximos meses. Basta ser-se um observador político do Médio Oriente», referiu o mesmo porta-voz que disse ser também este o parecer das autoridades italianas.

Os dois terroristas sobreviventes ao atentado de Viena confessaram pertencer aos comandos revolucionários de Abu Nidal também conhecidos por «Al-Fatah», apesar de Nidal ser dissidente do grupo da «Fatah», da Organização de Libertação da Palestina, liderado por Yasser Arafat.

As armas para o atentado foram fornecidas por um indivíduo que morreu, declararam os dois atacantes sobreviventes de Viena enquanto o seu companheiro de Roma se negava a declarar quem fornecera as armas para o atentado do aeroporto Leonardo da Vinci.

Entretanto, um comunicado da embaixada líbia em Viena referia atentados de operações heróicas era «incompreensível» do ponto de vista do governo líbio.

Líbano

Tentativa de assassínio de Amin Gemayel

Pelo menos 12 pessoas morreram e 25 ficaram feridas em batalhas de rua em Beirute provocadas pela tentativa de assassínio, no último dia de 1985, do presidente libanês, Amin Gemayel — informaram emissoras de Beirute.

A rádio Voz do Líbano, cristã, citando fontes da segurança, afirmou que as mortes foram provocadas por uma barragem de fogo de artilharia ligeira e metralhadora no sector oriental da cidade.

Em muitas ruas o panorama era, na manhã de ontem, de absoluta desolação, com carros a arder e o fogo de metralhadora a ser escutado esporadicamente.

Ontem, em Zalka, homens mascarados crivaram de balas o automóvel de Amin Gemayel, mas o presidente não se encontrava na viatura.

Os combates em Beirute ameaçam fazer abortar o acordo patrocinado pela Síria e assinado pelas milícias libanesas em confronto há dez anos, que visava acabar com a guerra civil no país.

Números oficiais dizem que 3.675 pessoas morreram em resultado da guerra civil libanesa ao longo de 1985. Este número é superior em cerca de 60 por cento ao do ano transacto — 2.161.

Para festa dos emigrantes portugueses

Rosa Mota quintuplicou êxito em São Paulo

Festival repetido pela 5.ª vez consecutiva: Rosa Mota venceu a «São Silvestre» de São Paulo. Em masculinos o triunfo pertenceu ao brasileiro José João da Silva, que repetiu o triunfo alcançado em 1980.

Depois deste êxito, Rosa Mota declarou que, provavelmente, foi a sua última participação nesta corrida.

Rosa Mota, manifestou o seu contentamento pela vitória afirmando «**não haver nenhum atleta que não goste de vencer cinco vezes consecutivas uma prova internacional da importância da São Silvestre de São Paulo**».

Instada a pronunciar-se sobre as suas futuras participações nesta corrida, Rosa Mota afirmou: «**creio que não participarei na São Silvestre de 1986**».

A atleta portuguesa declarou também que a maior dificuldade que enfrentou na prova «**foi o calor**» e que as suas adversárias pouco a incomodaram. «**Fiz toda a prova sozinha, sem nenhuma competidora que me ameaçasse**» — disse.

Nas suas declarações Rosa Mota considerou que as suas cinco vitórias consecutivas são um recorde do atletismo feminino sobre o masculino e congratulou-se por isto se ter passado «**num país machista como o Brasil**». Considerou também que estas vitórias são uma prova do progresso do atletismo português a nível internacional.

Rosa Mota gastou o tempo de 43 minutos, deixando a 2.ª classificada, a brasileira Carmen Oliveira, a um minuto e oito segundos.

José João da Silva também conseguiu uma fácil vitória, cortando a meta no tempo de 36.48.96 minutos. Rolando Vera (Equador) que foi surpreendentemente 2.º classificado, fez o tempo de 37.37.02 minutos. Os atletas sul-americanos dominaram a prova em toda a linha e apenas nos dez primeiros lugares entrou um europeu, o alemão-federal Christoph Herle, que era um dos apontados para o triunfo e terminou na 9.ª posição.

Classificações dos melhores concorrentes masculinos: 1.º, José João da Silva (Brasil), 36.48,96 minutos; 2.º, Rolando Vera (Equador), 37.37,02; 3.º, Adauto Domingues (Brasil), 37.42,31; 4.º, João Alves de (Souza Brasil), 37.43,60; 5.º, Elói Scheleder (Brasil), 37.44,38; 6.º, Raul Ceja Arquilar (México), 38.07,62; 7.º, Carlos Reinz Gutierrez (México), 38.15,41; 8.º, Cláudio Ribeiro (Brasil), 38.27,26; 9.º, Christoph Herle (RFA), 38.35,88; e 10.º, Diamantino dos Santos (Brasil), 38.43,87.

Femininas: 1.ª, Rosa Mota (Portugal), 43.00,00, novo recorde do percurso; 2.ª, Carmen Oliveira (Brasil), 44.08,00; 3.ª, Jorilda Sabino (Brasil), 45.00,00; 4.ª, Santa Velazquez (México), 45.24,70; e 5.ª, Angélica de Almeida (Brasil), 45.50,00.

Rita Borralho foi 7.ª na classificação feminina enquanto Lúcio Pereira ocupou o 23.º lugar na tabela para homens. Rita Borralho realizou o tempo de 46 minutos 53,1 segundos e Lúcio Pereira gastou 39 minutos 27,80 segundos.

Mais de 8000 atletas de 14 países participaram na mais famosa corrida de São Silvestre do Mundo. A 61.ª edição partiu, como habitualmente, da Avenida Paulista, no centro da cidade brasileira, e foi televisionada por todos os canais do país.

A corrida internacionalizou-se em 1945 e a grande metrópole brasileira teve desde então oportunidade de ver correr legendas do atletismo como Emil Zatopek, Vijo Heino, Vladimir Kutz, Abebe Bikila e Carlos Lopes.

A prova deste ano teve 12 600 metros, mais extensa do que nas edições iniciais, e um cenário modificado pelas transformações aceleradas de uma cidade que alberga hoje mais de 10 milhões de habitantes.

As cores brasileiras foram defendidas pelo nordestino José João da Silva (de 30 anos) depois da grande esperança do país, João da Matta (vencedor em 1983) ter fracturado uma clavícula. Os portugueses Carlos Lopes e António Leitão (medalhas olímpicas de Los Angeles) foram os grandes ausentes de 1985, bem como o belga Fred Can Der Vennet e o colombiano Victor Mora, quatro vezes vencedor desta prova.

Luanda para Conceição

A portuguesa Conceição Ferreira venceu, em Luanda (Angola), a corrida «Demóstenes de Almeida», ex-«São Silvestre», gastando 30.50 minutos para percorrer os 9 quilómetros da prova. Em masculinos, o português Manuel Matias obteve a 3.ª posição (com 26.40 minutos), tendo a vitória pertencido ao etíope Hebibe Negash (25.37 minutos), seguido do seu compatriota Bekele Debele, vencedor em 1984, com 26.10. Esta foi a 6.ª vitória etíope nos últimos sete anos da tradicional corrida de fim de ano de Luanda. Cerca de um milhar de atletas de 19 países participaram na edição deste ano da corrida.

Canário: 3.º em Madrid

Ezequiel Canário (Sporting) classificou-se em 3.º lugar na tradicional corrida de «São Silvestre Vallecana», um percurso de 12 quilómetros nas ruas de Madrid (Espanha) a prova foi ganha pelo britânico David Lewis (em 36 minutos e 36 segundos), seguido do seu compatriota Steve Binns (36.37) e de Ezequiel Canário (36.52). José Regalo (FC Porto) foi 5.º, com o tempo de 37.37, depois do espanhol Abel Anton (37.17).

Lewis conseguiu superar de novo o seu eterno rival desta «São Silvestre», o português Ezequiel Canário, que teve um excelente começo de prova, mas pagou na parte final o esforço despendido. O percurso era duro, com uma descida pronunciada de início e uma acentuada subida no final.

Canário passou a liderar ao 5.º quilómetro, seguido do espanhol Abel Anton. A dois quilómetros da meta, o britânico David Lewis atacou, ajudado por Binns, e subiu mais depressa do que os exaustos Canário e Anton. Tal como no ano passado, Ezequiel Canário não conseguiu dosear o seu esforço no difícil percurso.

Capítulo e Aurora: êxitos na Amadora

● *Lopes correu individualmente*

Carlos Capítulo e Aurora Cunha venceram a corrida de São Silvestre, percorrida na Amadora, a mais importante das provas de fim de ano realizadas em Portugal. O campeão olímpico, Carlos Lopes, que regressou à competição após um período de afastamento por lesão, foi o 2.º.

Foi a seguinte a classificação oficial da corrida no sector masculino: 1.º, Carlos Capítulo (Sporting), 23,17 minutos; 2.º, Carlos Lopes (individual), 23,34; 3.º, Joaquim Pinheiro (Sporting), 23,57; 4.º, Fernando Reis (Tecnilimpe), 24,15; 5.º, Fernando Ferreira (Estoril), 24,27; 6.º, Óscar Santos (Sporting), 24,32; 7.º, Hélder de Jesus (Sporting), 24,41; 8.º, Joaquim Pereira (Tecnilimpe), 25,01; 9.º, Manuel Nunes (Tecnilimpe), 25,03; e 10.º, Paulo Renato (Clube Académico de Braga), 25,17.

Senhoras: 1.ª, Aurora Cunha (Futebol Clube do Porto), 26,39; 2.ª, Albertina Machado (Braga), 27,22; 3.ª, Fernanda Marques (A. M. Braga), 27,39; 4.ª, Lucília Soares (Benfica), 28,19; e 5.ª Ermelinda Cunha (Braga), 30,289

Em veteranos venceu Albino Neiva (26,50 minutos). Por equipas venceu o Sporting, que, pela 1.ª vez, triunfou colectivamente na «São Silvestre da Amadora», seguido da Tecnilimpe e do Estoril. O chinês Lei Hon Wa, vencedor da recente Meia-Maratona de Macau e que teve como prémio uma viagem a Portugal, classificou-se em 46.º lugar, entre 1200 participantes.

Carlos Lopes declarou no final que «**os campeões também perdem**». Lopes referiu o seu longo afastamento, por lesão, das competições: daí não se encontrar em boa forma. O campeão olímpico da Maratona não correu com a camisola leonina por, segundo a sua expressão, «**culpa do Sporting**».

Carlos Capítulo, depois de vencer na Amadora, afirmou sentir-se em grande forma, provando que «**merecia ter ido à São Silvestre de São Paulo**».

Aurora Cunha, que venceu sem oposição, disse que a prova foi mais fácil do que esperava e mostrou-se grata com o apoio do público ao longo do percurso.

Santarém para Belenenses

Artur Parreira e o Belenenses venceram o Grande Prémio de Santarém, pela 1.ª vez disputado ao longo de 10 quilómetros nas ruas daquela cidade. Participaram, apesar do tempo chuvoso, 352 atletas dos vários escalões e o segundo da geral foi Carlos Monteiro (do Sporting) seguido de Barnardo Manuel (Belenenses). A prova feminina foi ganha por Ana Moreira (do Braga), seguida de Conceição Pereira (Benfica), e Paula Portela (também do Benfica). O atleta do Belenenses venceu ao cobrir o percurso em 29 minutos e dois segundos. Por equipas, o Belenenses somou 11 pontos, seguido do Benfica, 18.

O mundo distingue os melhores

Bubka: 1.º em Itália

O soviético Serghei Bubka e a alemã-democrática Marita Koch foram eleitos os desportistas de 1985 pelos dois diários desportivos italianos de maior circulação: a «Gazzetta dello Sport» (de Milão) e o «Corriere dello Sport-Stadio» (de Roma).

Serghei Bubka, recordista mundial no salto à vara, totalizou 263 pontos, em votação efectuada pelos jornalistas da «Gazzetta», seguido do marroquino Said Aquita e do nadador norte-americano Matt Biondi, que conseguiram 237 e 234 pontos, respectivamente.

Na votação do «Corriere», Bubka ficou em 1.º, seguido do campeão mundial de pugilismo na categoria de médios, o norte-americano Marvin Hagler. A atleta norte-americana Mary Decker foi a 2.ª desportista mais votada, no «Corriere dello Sport».

Na lista especial dedicada às equipas, os jornalistas da «Gazetta» elegeram o campeão europeu em futebol, a Juventus de (Turim) como a melhor equipa de 1985. Em 2.º lugar ficou a equipa de ténis da Suécia, vencedora da «Taça Davis».

Selecção portuguesa

A selecção portuguesa de futebol ocupa o 15.º lugar na lista das melhores equipas da Europa em 1985, numa classificação elaborada pelo semanário «France Football». A tabela, que abrange 33 países, coloca a Inglaterra e a Polónia (adversários de Portugal, no «mundial» do México) respectivamente em 6.º e 15.º lugar, «ex-aequo» com a equipa portuguesa. A melhor turma europeia durante 1985 foi, na opinião do «France Football», a da União Soviética, seguida da Dinamarca e da Espanha.

Numa referência especial à equipa dos «Magriços», o semanário francês escreve que «**os portugueses estão ainda espantados pelo facto de terem ganho à RFA no terreno do adversário. Tanto bastou** (adianta) **para salvar uma época bastante morna, com quatro derrotas em sete desafios e duas vitórias sobre Malta. O «goal-average» negativo (18-11) dos portugueses não é um acaso, mas lá estava Carlos Manuel, em Estugarda, a 16 de Outubro, para fazer esquecer os fracasos**».

"DEG – SOCIEDADE DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO AGRO-INDUSTRIAL, LD.ª"
17.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
Rua Alexandre Herculano, 29-1.º Esq.º
NOTÁRIO
Lic. António Manuel Gonçalves Saldanha

CERTIFICO para fins de publicação que por escritura deste Cartório de 11 do corrente, lavrada de fls. 76v.º a fls. 78v.º do livro de notas para escrituras diversas 245-F, foi constituída a sociedade em epígrafe, que se rege pelo pacto constante dos seguintes artigos

PRIMEIRO. A sociedade adopta a denominação de "DEG – SOCIEDADE DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO AGRO-INDUSTRIAL, LD.ª", e tem a sua sede em Lisboa, provisoriamente, na Avenida Defensores de Chaves, quarenta e três, primeiro direito, freguesia de Nossa Senhora de Fátima.
SEGUNDO. O objecto da sociedade é a organização, criação, planeamento e gestão de empresas, realização de estudos, projectos e iniciativas de desenvolvimento nos sectores agrícola e industrial.
TERCEIRO. A sua duração é por tempo indeterminado e o seu começo contar-se-á a partir de hoje.

QUARTO. O capital social integralmente realizado a dinheiro é de novecentos mil escudos e corresponde à soma de três quotas, cada uma delas no valor de trezentos mil escudos, pertencentes uma a cada um dos sócios Dr. Alfredo Gonzalez Esteves Belo, Dr. Francisco José Maria Daun e Lorena Calheiros e Meneses e Dr. Carlos José de Almendra Rodrigues.
QUINTO. A cessão de quotas é livre entre os sócios; porém, na cessão ou venda a estranhos à sociedade, esta tem preferência na sua aquisição e se não quiser usar de tal direito o mesmo compete aos sócios individualmente, ou querendo mais do que um, entre eles dividirão a quota na proporção do valor das suas quotas.

SEXTO. Os sócios poderão fazer à sociedade suprimentos ou mesmo criar prestações suplementares de capital nos termos e condições que a Assembleia Geral fixar.
SÉTIMO. Em termos de gerência, representação e poderes:
a) a sociedade será gerida com os mais amplos poderes por um Conselho de Gerência composto por três membros;
b) os poderes de gerência serão exercido conjuntamente, considerando-se válidas as deliberações tomadas por maioria dos gerentes, competindo-lhes, nomeadamente:
Parágrafo Primeiro – representar a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente;

Parágrafo Segundo – adquirir, vender ou por qualquer forma alienar ou obrigar bens e direitos mobiliários e tomar de arrendamento quaisquer prédios, quando o entender conveniente aos objectivos sociais;
Parágrafo Terceiro – propor e seguir quaisquer acções, confessá-las ou delas desistir, transigir e comprometer-se em árbitros; e
Parágrafo Quarto – constituir mandatários nos termos do artigo Duzentos e Cinquenta e Seis do Código Comercial;
c) para obrigar a Sociedade em actos e contratos é suficiente a assinatura de DOIS dos gerentes; e

d) ficam desde já nomeados gerentes da Sociedade os sócios Dr. Alfredo Gonzalez Esteves Belo, Dr. Francisco José Maria Daun e Lorena Calheiros e Meneses e Dr. Carlos José de Almendra Rodrigues.
OITAVO. A convocação das assembleias gerais será efectuada por qualquer gerente e deve ser feita por meio de carta registada, expedida com a antecedência mínima de dez dias.
NONO. A assembleia reunirá ordinariamente em cada ano nos termos e para os fins legais.

Fiz aos outorgantes a advertência de que o registo desta constituição de Sociedade tem de ser requerido na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa no prazo de três meses.
ESTÁ CONFORME

Lisboa e 17.º Cartório Notarial aos dezoito de Dezembro de mil novecentos e oitenta e cinco

O Ajudante do Cartório
Ilegível

"DL" – 2/1/86

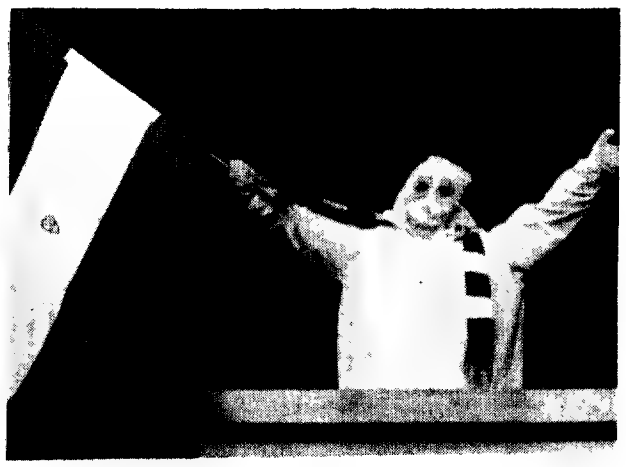
NOTARIADO PORTUGUÊS
CARTÓRIO NOTARIAL DE PENACOVA

SOCIEDADE DE EMPREENDIMENTOS FLORESTAIS DO RIO ÁGUEDA, SARL

Certifico, para efeitos de publicação que, de fls 24 a fls 26 v.º do livro de notas para escrituras diversas que neste Cartorio tem o n.º 403-A, com data de 30/12/985, se encontra exarada uma escritura de dissolução da sociedade em epígrafe, a qual tem presentemente o capital social de 2 000 000$00.
ESTA CONFORME
Penacova e Cartório Notarial, 30 de Dezembro de 1986

O AJUDANTE
(ANTÓNIO MARTINS COIMBRA)

«DL» 2/1/86



Não se assuste, leitor: trata-se apenas de um entusiasta pelo Salgueiros que não encontrou melhor maneira de se resguardar do frio quando, no «Vidal Pinheiro», via o clube da sua afeição

Morreu campeão olímpico

Harold Whitlock, que deu à Grã-Bretanha a vitória nos 50 quilómetros marcha nos Jogos Olímpicos de 1936 (em Berlim) faleceu, com 82 anos. Whitlock, apesar de uma indigestão provocada por uma refeição que comera antes da prova, ganhou a medalha de ouro com o tempo de quatro horas 30 minutos e 41,4 segundos. Whitlock participou ainda nos Jogos Olímpicos de 1952 (em Helsínquia) onde foi 11.º, sendo o atleta britânico mais velho a participar numa Olimpíada.

Whitlock faleceu em casa de um dos seus quatro filhos, em Morfolk.

Castigo levantado a Ivan Lendl

O tenista checoslovaco Ivan Lendl foi autorizado a regressar à competição após o Conselho Internacional de Tenistas Profissionais lhe ter levantado a suspensão de 42 dias, iniciada dia nove de Dezembro. A decisão do Conselho Internacional possibilita ao vencedor do «Open» dos Estados Unidos, participar no Grande Prémio Nabisco que, de 14 a 19 do corrente, decorrerá no Madison Square Garden, em Nova Iorque.

Lendl participa como «cabeça-de-série» número um, à frente de John McEnroe (actual campeão do torneio) cuja suspensão termina na próxima semana.

Laurent Fabius foi ver tricolores em estágio

O primeiro-ministro francês, Laurent Fabius, visitou a selecção de futebol do seu país, que se encontra a estagiar em Font Romeu, nos Pirenéus. **«Sinto-me muito grato por estar entre vós» — disse Fabius, acrescentando: «no Mundial-86, no México, toda a França vai ter os olhos postos na selecção».**

Depois de assistir a um treino do conjunto, Fabius foi apresentado individualmente a todos os jogadores e suas famílias, tendo dialogado ainda com vários dirigentes.

Font Romeu encontra-se a uma altitude de 1800 metros, sendo um dos lugares ideais para a realização de estágios em altitude. A selecção francesa de futebol optou por Font Romeu, em virtude de no «Mundial», actuar na Cidade do México, com uma altitude de 2216 metros.

A turma francesa é capitaneada por Michel Platini, eleito recentemente o «futebolista europeu do ano», numa votação entre jornalistas desportivos.

Lamego: piscina às moscas

A única piscina municipal que serve a cidade de Lamego não funciona por ser demasiado onerosa a sua manutenção. A piscina, coberta e aquecida, vinha sendo utilizada nos últimos anos por alunos dos diversos estabelecimentos de ensino da cidade, que aí recebiam aulas de iniciação à prática da natação.

Por outro lado, o Município de Lamego está empenhado na construção, no campo da feira, de um novo complexo de piscinas com dimensões adequadas à prática da competição, empreendimento orçado em mais de 80 mil contos.

Râguebi para milionários

Os adeptos de râguebi franceses têm de pagar 5235 francos (cerca de 110 contos) para assistir ao jogo Escócia-França do «Torneio das Cinco Nações», a disputar em Edimburgo, no dia 18. O preço divulgado pela organização inclui as despesas de transporte, hospedagem e ingresso no estádio.

Aurora Cunha: telex de prata

Aurora Cunha, campeã do Mundo dos 15 km em estrada, foi eleita **melhor desportista de 1985** pelos assinantes de língua portuguesa da agência noticiosa Anop. A consulta abrangeu os assinantes de Portugal, África e Ásia. A atleta é contemplada com o «telex de prata».

Aurora Cunha nasceu em Ronfe (Guimarães) a 31 de Maio de 1959. Iniciou a sua carreira desportiva numa prova popular realizada em Fafe (Guimarães) em 1976, onde foi a 1.ª classificada. Em 1977, ingressou no FC Porto, passando a ser a sua principal figura no atletismo feminino.

Aurora Cunha, que venceu na 3.ª-feira a S. Silvestre da Amadora, pelo 2.º ano consecutivo, recordista nacional dos 1500 metros (4.09,08 minutos), dos 3000 metros (8.46,37 minutos) dos 5000 metros (15.06,08 minutos) e dos 10 000 metros (31.35,45 minutos). Nos 5000 metros é a 5.ª atleta do «ranking» mundial e 3.ª da Europa, depois de Ingrid Kristiansen (Noruega) e Zola Budd (Inglaterra). Aurora Cunha é a 7.ª do «ranking» mundial feminino nos 10 000 metros e 6.ª da Europa, sendo ainda a bicampeã mundial de estrada nos 10 000 e 15 000 metros.

No «meeting» de Oslo (em 27 de Julho) obteve o seu melhor tempo nos 10 000 metros em pista (31.35,45 minutos) na única prova que não ganhou, mas em que Ingrid Kristiansen bateu o recorde do mundo. Anteriormente, vencera em Knarvik (Noruega) com 31.52,85 em 4 de Setembro de 1983, em Rovereto (Itália) com 32.30,91 a 29 de Agosto de 1984 e já em 1985, três meses depois do 2.º lugar em Oslo, venceu em Camberra (Austrália) na Taça do Mundo (5 de Outubro) com 32.07,50, esta prova como única representante de Portugal a integrar a selecção da Europa.

A atleta do FC Porto venceu três anos consecutivos o Cross das Amendoeiras (1982, 83 e 84). A Câmara Municipal do Porto atribuiu a Aurora Cunha, em Dezembro de 1985, a medalha de ouro de valor desportivo.

A atleta do FC Porto só não recebeu votos de dois órgãos de Comunicação Social consultados pelo serviço desportivo da Anop.

O medalha de ouro da maratona olímpica e detentor da melhor marca mundial, Carlos Lopes, foi o 2.º mais votado, enquanto Carlos Manuel, que a 16 de Outubro (em Estugarda) marcou perante a RFA o golo que qualificou Portugal, pela 2.ª vez, para uma final do campeonato do Mundo de futebol, foi o 3.º classificado.

O 4.º lugar foi atribuído a outro futebolista, Fernando Gomes, «capitão» do FC Porto e que recebeu em 1985 a segunda «bota de ouro» atribuída pelo «France-Football» e pela «Adidas».

O nadador Alexandre Yokochi, medalhado nas Universíadas disputadas no Japão, é o 5.º melhor desportista português de 1985, seguido do «bom-gigante» José Torres, seleccionador nacional de futebol. O ciclista Acácio Silva, da equipa italiana da «Malvor», foi 7.º classificado, seguindo-se-lhe o tenista júnior João Cunha e Silva e a medalha de bronze na primeira maratona da história dos Jogos Olímpicos, a portuense Rosa Mota.

Outros 18 desportistas portugueses de várias modalidades, desde o futebol à ginástica, passando por automobolismo, andebol, ciclismo e atletismo, bem como o antigo secretário de Estado dos Desportos, dr. Miranda Calha, foram mencionados nas listas enviadas à Anop.

O inquérito desta agência feito pelo 2.º ano consecutivo a todos os órgãos de Comunicação Social de língua portuguesa que recebem o seu serviço noticioso diário, visa fundamentalmente criar mais um estímulo para o progresso do desporto em Portugal. Para o «melhor desportista» do ano, a direcção de Informação da Agência atribui o «telex de prata», que foi ganho em 1984 por Carlos Lopes.

EUA dominam atletismo mundial

Os Estados Unidos entraram na segunda década de supremacia mundial no atletismo masculino, de acordo com um estudo publicado no jornal francês desportivo «L' Équipe». Com base numa análise feita às melhores marcas mundiais conseguidas nas 24 provas de atletismo realizadas durante 1985, o «L' Équipe» refere que os norte-americanos aumentaram a distância que os separa dos soviéticos, seguindo-se a Alemanha Democrática, em 3.º lugar.

As duas primeiras posições têm-se mantido inalteradas desde 1975 (segundo o quadro anual publicado pelo jornal desportivo) enquanto a Alemanha Democrática já desceu por duas vezes a 4.º lugar e, em ambos os casos, devido aos seus adversários da Alemanha Federal. Os 10 melhores países no atletismo mundial, em 1985, foram os seguintes: 1.º Estados Unidos, 1.406,5 pontos (primeiro o ano passado); 2.º União Soviética, 829,5 (segundo); 3.º Alemanha Democrática, 388 (terceiro); 4.º Inglaterra, 367 (quarto), 5.º Alemanha Federal, 261,5 (sexto); 6.º Polónia, 239,5 (nono); 7.º Cuba, 164,5 (décimo terceiro); 8.º Checoslováquia, 158,5 (oitavo); 9.º Itália, 151 (quinto); 10.º França, 129 (décimo).

Rallye Paris-Dakar

Cerca de meio milhar de concorrentes rumo aos desertos norte-africanos

Cerca de 300 000 pessoas desafiaram ontem o intenso frio para ver os 487 automóveis, camiões e motocicletas participantes no Rali Paris-Dacar, que se iniciou esta manhã em Versailhes, arredores de Paris.

Como ocorre tradicionalmente desde 1977, as centenas de veículos deixaram o belo castelo de Versailhes às 6h00, partindo rumo ao desconhecido, sob os aplausos de milhares de pessoas.

Depois do prólogo, realizado sexta-feira em Clergy, a cerca de 100 quilómetros de Paris, entre o vento, a neve e uma temperatura gélida que já não voltarão a encontrar, os concorrentes percorreram mais de 1100 quilómetros através das estradas francesas, até chegarem ao porto de Sète, onde embarcam a caminho de Argel, início da aventura africana.

Desde os melhores profissionais do crosse motorizado até aos amadores que compraram a sua moto todo-terreno há apenas alguns dias, 487 participantes, de 21 países, empreenderão amanhã a famosa viagem — sofrimento de 14 000 quilómetros.

Sete países — França, Argélia, Níger, Mali, Guiné, Mauritânia e Senegal — assistirão à passagem da caravana através de estradas asfaltadas, pistas de areia, caminhos de pedras e desertos.

Estatisticamente, dois terços dos concorrentes ficarão pelo caminho, não resistindo às barreiras de areia do lago Chadé ou à savana guineense e vendo desaparecer o sonho de chegar à praia de Dacar, em 22 de Janeiro.

Thierry Sabine, o organizador «maldito» do Paris-Dacar, que cada ano se torna mais duro, advertiu os concorrentes para as dificuldades da edição deste ano.

«As etapas são muito longas, a navegação será primordial e não se poderá dormir muito» — disse Sabine.

Segundo o barbudo Sabine, o Paris-Dacar é «uma corrida para amadores onde se admitem os profissionais», mas o dinheiro dos patrocinadores — equivalente a mais de 200 mil contos — faz com que haja sempre favoritos.

Em motos, o belga Gaston Rahier, em BMW, vencedor das duas últimas edições, terá a concorrência de Hubert Auriol, em Gagiva, vencedor em 1981 e 1983, e de Serge Bacou, em Yamaha, entre outros.

Em automóveis, o vencedor de 1985, Patrick Zaniroli, ao volante de um Mitsubishi, é o favorito para bater os Porsche de Jacky Ickx — vencedor em 1983 — e Rene Metge — vencedor em 1981 e 1984.

Acidente mortal

O motociclista japonês Yasuo Kaneko morreu hoje de madrugada num acidente de viação, quando estava prestes a concluir a primeira etapa do Rali Paris-Dacar, em Sète, no Sul de França.

Kaneko, de 45 anos, proprietário de um pequeno restaurante em Tóquio, morreu numa colisão com um automóvel, que, de acordo com a Polícia, ultrapassava no momento outro veículo.

O acidente teve lugar a poucos quilómetros de Sète, junto ao Mediterrâneo.

Era a segunda vez que o motociclista japonês participava no Rali Paris-Dacar.

Académica de Coimbra: quem quer ser presidente?

A Académica de Coimbra entrou no ano de 1986 com uma boa situação do Campeonato de Futebol da 1.ª Divisão, mas a braços com uma grave crise directiva. O actual presidente, Jorge Anjinho, manifestou repetidamente a sua disposição de não continuar na direcção do clube mas a sua continuidade tem sido profusamente solicitada por vários círculos sociais mais ligados ao clube.

Alegando motivos familiares e profissionais, Jorge Anjinho recusou os insistentes convites para permmanecer na presidência do clube. Perante a recusa de Jorge Anjinho, membros da ctual direcção e outras personalidades do meio coimbrão efectuaram diversos contactos com o objectivo de encontrar uma alternativa, o que se veio a revelar infrutífero.

Terminados no início do mês de Dezembro os prazos para a apresentação de listas concorrentes aos corpos directivos da Académica, terá de ser agora a direcção a encontrar uma solução que vai ser remetida para a assembleia geral, a realizar até ao dia 21 do corrente, porque o actual elenco directivo apenas admite uma solução que passe pela continuidade de Jorge Anjinho.

A hipótese que se levanta como mais provável é a constituição de uma comissão administrativa, com o objectivo de gerir o clube até que seja encontrada uma equipa para a direcção da colectividade de Coimbra. Porém, essa comissão administrativa deveria ser presidida transitoriamente por Jorge Anjinho, conforme pretendem os membros da actual direcção e outros círculos sociais ligados ao clube.

O que diz o calendário

Torneio internacional

As selecções da Argélia e de Marrocos, representantes de África no mundial do México, vão participar num torneio internacional, no Qatar. O torneio, denominado «Taça 22 de Fevereiro», decorre entre 13 e 22 de Fevereiro, festa nacional do Qatar.

Manuel José (Sporting) e Humberto Coelho (Salgueiros): como vai acabar a temporada de futebol?

Futebol: sorteio da "Taça"

Pelas 18 e 30, no lisboeta Hotel Fénix, procede-se hoje ao sorteio da 4.ª eliminatória (1/16 avos) da «Taça de Portugal», em futebol

Dalglish terá homenagem

O futebolista escocês Kenny Dalglish (99 vezes internacional) vai ser alvo de honemagem num jogo entre duas equipas formadas com base nos melhores jogadores escoceses. O encontro, cuja receita prevista de 250 mil libras (cerca de 40 milhões de escudos) reverte a favor de Dalglish, deverá realizar-se antes da Escócia partir para o México, onde disputará o «Mundial». Uma das equipas será formada por futebolistas da Liga Escocesa e a outra por jogadores internacionais que militam em clubes ingleses.

Dalglish (34 anos) considerado o maior futebolista escocês e que actua no Liverpool, afirmou a propósito da iniciativa: «É uma grande honra para mim. Sempre tentei dar o meu melhor ao serviço do Celtic, do Liverpool e da selecção escocesa. Acho que as pessoas apreciaram isso».

Aproximação Escócia-Argentina

O governo britânico autorizou a Federação de Futebol da Escócia a oficializar o convite da sua homóloga argentina para se realizar uma partida particular entre as selecções dos dois países.

Desde a guerra das ilhas Malvinas, entre a Argentina e a Grã-Bretanha há três anos e meio) que os contactos desportivos entre aqueles dois intervenientes têm sido muito escassos e o governo argentino nega-se a confirmar oficialmente o fim do conflito entre os dois países.

A selecção de hóquei em campo feminina do País de Gales esteve (contudo) num torneio na Argentina e a tenista Gagriela Sabatini e o golfista Vicente Fernandez actuaram em Inglaterra.

O futebolista argentino Osvaldo Ardilles mantém também o seu contrato com o Tottenham (da 1.ª Divisão inglesa) apesar das divergências entre as duas nações.

A Escócia terá no «Mundial» no México, como adversarios a RFA, Dinamarca e Uruguai e a Argentina está integrada no Grupo A, com a Itália, Bulgária e Coreia do Sul.

Schuster aborrecido com o Barcelona

O futebolista alemão-federal Bernd Schuster pediu ao Barcelona para antecipar o termo do seu contrato, manifestando o desejo de abandonar o clube o mais cedo possível. «**Estive no Barcelona cinco anos e preciso agora de ar novo, pois aqui as pessoas já não gostam de mim**» — disse Schuster.

O médio germânico entrou em conflito com o presidente do Barcelona, o empresário da construção civil José Luiz Nunez, em Setembro passado, devido a divergências quanto a prémios de jogo.

O técnico inglês Terry Venables, que conquistou o 1.º título nacional para o Barcelona nos últimos 10 anos, afirmou, por seu turno, que Shuster lhe pediu para deixar a equipa em Junho de 1986, ou seja dois anos antes do termo do seu contrato. **Schuster escolheu mal o momento para anunciar a sua decisão, pois pode desmoralizar a equipa a meio do campeonato**» — comentou Venables, preocupado com a provável saída do futebolista germânico. «**Temos já uma lista de nomes para substituir Schuster se este não mudar de ideias**» — adiantou Venables.

O pedido de Schuster surge na sequência de ofertas feitas ao jogador por outros clubes interessados nos seus serviços. Garante-se que Shuster recebeu «**propostas fabulosas**» do Paris Saint Germain (de França) e da Juventus (de Itália) este último campeão italiano e actual detentor da «Taça dos Campeões Europeus» e da «Taça Intercontinental».

Mundial de futebol terá eficaz combate à violência

Os árbitros participantes no campeonato mundial de futebol vão receber instruções rigorosas para combater a violência — disse o soviético Viatcheslav Koloskov, vice-presidente da FIFA. Em entrevista ao diário desportivo «Sovietski Sport», o dirigente da Federação Internacional de Futebol disse que os juízes receberão também indicações de como evitar a conduta provocatória de futebolistas e a simulação, bem como para suprimir todos os fenómenos que possam criar agitação nas bancadas. «**Uma atenção especial** (acrescentou Koloskov), **será dada à segurança de todos os intervenientes no México-86, tanto jogadores e técnicos como espectadores**».

O vice-presidente da FIFA disse que já foi estabelecido o regulamento do controlo «anti-doping». Durante a fase inicial, serão sorteados dois jogadores de cada equipa, número que subirá para três nas fases seguintes.

URSS: preparação

O plano de preparação da selecção soviética para o campeonato mundial de futebol foi já aprovado e atende as condições específicas existentes no México, disse Viatcheslav Koloskov, acrescentando que, para a definição do plano, foram consideradas as elevadas altitute, humidade e temperatura com que os jogadores soviéticos vão deparar no México.

A selecção soviética inicia a preparação a 5 do corrente, deslocando-se a Espanha, onde vai jogar, no dia 22, com o conjunto espanhol, outro dos qualificados para o «México-86». Em Fevereiro, a equipa da URSS partirá para o México, acompanhada por médicos e bioquímicos que observarão a capacidade de reacção de cada futeboolista às condições locais. Entre os vários encontros que os soviéticos realizarão no México, contam-se um ou dois com a selecção do país anfitrião do campeonato mundial. A 26 de Março, os soviéticos recebem (em Tblissi) a selecção da Inglaterra e, em 23 de Abril, deslocam-se à Roménia para defrontar a selecção local. O último encontro de preparação que a equipa soviética realiza antes de partir para o México (em meados de Maio) tem lugar em Moscovo, a 7 de Maio, com a Finlândia.

Aí está a bola oficial para o campeonato mundial: trata-se da «Azteca México», criada pela Adidas. Tal como no último campeonato do mundo, realizado em Espanha, onde a bola escolhida foi a «Tango Espanha», a «Adidas» volta de novo a ser a eleita como a firma fornecedora da bola oficial para este evento desportivo, que será o maior do mundo em 1986

Uruguai «repatria»

A repatriação de «internacionais» que alinham no estrangeiro é uma preocupação denunciada pelo técnico de selecção uruguaia, finalista do México/86. Omar Borras manifestou-se procupado com a falta de resposta dos clubes onde aqueles jogadores actuam.

Quinze futebolistas uruguaios alinham em clubes da Argentina, Brasil, Colômbia, Espanha, França e Grécia, e o técnico pretende o seu concurso para a selecção que vai disputar o «mundial». Da lista de clubes envolvidos, apenas tês já anunciaram o compromisso de devolver os jogadores à selecção uruguaia em 1 de Abril, 60 dias antes do início do «mundial», tal como determina a Federaçao Internacional de Futebol (FIFA). Os defesas Victor Hugo Diog, do Palmeiras) e Dario Pereyra (do São Paulo) clubes do Brasil, estão já assegurados, bem como o avançado Ruben Sosa, que alinha no Saragoça (de Espanha).

Faltam respostas para o guarda-redes Rodolfo Rodrigues (Santos, Brasil), os defesas Nelson Gutierrez (Nacional, Colômbia) e José Batista (Desportivo Espanhol, Argentina), os médios Enzo Francescoli (River Plate, Argentina), Ruben Paz (Internacional, Brasil), Mário Saralegui (Elche, Espanha), Jorge Barrio (Olimpyakos, Grécia) e Sérgio Santin (Nacional, Colômbia) e os avançados Amaro Carlos Nadal (Sevilha, Espanha), Wilmar Cabrera (Valência, Espanha), Jorge da Silva (Atlético de Madrid, Espanha) e Venâncio Ramos (Lens, França).

A FIFA obriga à cedência dos «internacionais», sob pena de suspensão de toda a actividade, mas a experiência indica que o organismo internacional é lento no cumprimento desta regra: daí as preocupações da Federação Uruguaia.

Rahn lesionado

O futebolista «interacional» alemão-federal Uwe Rahn vai estar inactivo durante várias semanas, na sequência de uma lesão num tornozelo contraída num treino da sua equipa (Borússia Moenchenglabach). Rahn (23 anos) apontado como um dos titulares da selecção alemão-federal no México, vai ter o pé engessado durante três semanas, não devendo retomar a sua actividade antes de 25 do corrente.

Platini empurra a "Juve" para o topo do "calcio"

O francês Michel Platini marcou o golo da vitória da Juventus (Turim) sobre o Sampdoria (de Génova) por 1-0, em jogo adiado do campeonato de futebol italiano. O encontro, originalmente marcado para o passado dia 8, foi adiado para permitir à campeã europeia Juventus disputar a final da Taça Intercontinental, com o Argentinos Juniors, em Tóquio.

O único golo da partida foi obtido pelo prestigiado futebolista gaulês Michel Platini, ao serviço da «Juve» que ao 41.º minuto bateu o guarda-redes adversário com um poderoso remate. A vitória reforçou a liderança da Juventus, que no final da 15.ª jornada soma 26 pontos, mais seis que o Nápoles, 2.º classificado.

Platini, que enviou ainda uma bola ao poste da baliza adversária, obteve agora o seu 8.º golo na prova, total que iguala o registado pelo alemão-federal Karl Heinz Rummenigue, segundo classificado após Aldo Serena, que lidera (com 9 golos).

O Sampdoria reagiu na 2.ª parte tentando o empate, mas os contra-ataques da Juventus, conduzidos pelo dinamarquês Michael Ludrup,estiveram mais perto de alterar o marcador.

Classificação do campeonato neste momento: 1.º Juventus, 26 pontos; 2.º Nápoles, 20; 3.º Inter e Roma, 18; 5.º Fiorentina e Milão, 17; 7.º Torino e Verona, 16; 9.º Sampdoria, Avellino, Udinese e Atalanta, 13; 13.º Como, 12; 14.º Pisa e Bari 11; 16.º Lecce, 6.

Campeonato inglês

O Manchester United, guia isolado do campeonato inglês de futebol da 1.ª divisão, venceu em casa (por 1-0) o Birmighan, em encontro da 26.ª jornada. Resultados da rodada: Arsenal-Tottenham Hotspurs, 0-0; Aston Villa-Manchester City, 0-1; Ipswich Town-Watford, 0-0; Liverpool-Sheffield Wednesday, 2-2; Luton Town-Leicester City, 3-1; Manchester United-Birmighan, 1-0; Newcastle-Everton, 2-2; Nottingham Forest-Coventry City, 5-2; Queens Park Rangers-Oxford United, 3-1; Southampton-West Bromwich Albion, 3-1; West Ham United-Chelsea (adiado).

Classificação: 1.º Manchester United, 52 pontos:2.º Everton, Liverpool e Chelsea, 47; 5.º West Ham United, 45; 6.º Sheffield Wednesday, 43; 7.º Arsenal, 42; 8.º Luton Town, 41; 9.º Nottingham Forest, 37; 10.º Tottenham Hotspurs e Newcastle, 35; 12.º Watford, 33; 13.º Southampton e Queens Park Rangers, 30; 15.º Manchester City, 29; 16.º Leicester City, 24; 18.º Aston Villa e Oxford United, 23; 20.º Ipswich Town, 20; 21.º Birmighan City, 18; 22.º West Bromwich Albion, 12.

Treinador soviético em Moçambique

A equipa moçambicana de futebol do Matchedje vai ter na próxima época um treinador soviético. Victor Bandarenko (de 36 anos) ex-«internacional» e diplomado como treinador de futebol, encontra-se já em Maputo. O Clube Militar do Matchedje foi este ano 5.º classificado no Campeonato da 1.ª Divisão da cidade de Maputo.

Treinador peruano

O antigo extremo-esquerdo da selecção peruana de futebol, Juan Carlos Oblitas, será o próximo director técnico do seleccionado nacional, anunciou o presidente da Federação do Peru. Oswaldo Ramirez, ex-futebolista, anunciou que Oblitas, que domingo passado abandonou a sua carreira como jogador, vai ser enviado ao Brasil para se qualificar como treinador, num curso intensivo que durará entre seis a oito meses. O objectivo da Federação é preparar a selecção peruana para o «Mundial» de 1990, depois de ter sido eliminada para o México.

Museu Municipal de Loures inaugurou duas novas salas

O Museu Municipal de Loures, instalado na bela Casa do Adro, abriu as suas instalações ao público, no passado dia 28 de Dezembro. Esta abertura coincidiu com a inauguração de duas novas salas: uma, de exposições permanentes, que vai ser a sala de arqueologia do concelho de Loures e, a outra, destinada a exposições temporárias, abriu com uma exposição de desenhos de Rogério Ribeiro sobre a Revolução de 1383/85.

O Museu Municipal integra, além destas duas novas salas, as já anteriormente instaladas quando da inauguração do museu, em 4 de Outubro último: a que tem por designação «Loures na Memória da República» e a da «Etnografia Saloia».

Estas duas salas, bem como a de arqueologia, constituem exposições permanentes por se entender que os materiais aí apresentados constituem, na área respectiva, um fundamento da história, da cultura e da sociedade humana que construiu o concelho de Loures.

Sala de arqueologia

O museu municipal, nas palavras do seu actual conservador, João Ludgero, tem uma dupla função. «Por um lado, não esquece a função didáctica e divulgadora junto da população escolar, que constitui, para o museu, um público privilegiado. Público que se pretende alargar à população em geral do concelho e, também, a todo o visitante que nos venha ver. Mas, para lá desta função de vitrina cultural, o museu quer ser pólo dinamizador na protecção do património, propondo-se fazer o inventário tanto quanto possível exaustivo das obras que, desde a pré-história, testemunham a passagem e a fixação de sociedades humanas nas nossas terras.

A sala de arqueologia abre caminho, sensibilizando todos quanto a visitem para o que é preciso fazer neste domínio.

«Desde inícios deste século que têm sido descobertos no concelho de Loures vestígios arqueológicos relativos à antiguidade pré-histórica, romana, árabe e medieval. «A informação, à laia de aviso, colhe a atenção do visitante logo à entrada, indicando-lhe que o trabalho de investigação e recolha se deve, sobretudo, aos doutores Veiga Ferreira e Georges Zbyszewki, do Serviço Geológico de Portugal. A grande maioria das peças agora expostas provém do espólio do serviço geológico, outras foram cedidas por particulares. São exemplos que se devem sublinhar, pois sem eles o concelho seria hoje mais pobre».

Panorâmica

«Houve tempos, há alguns milhares de anos, antes da última glaciação, que esta planície onde hoje se vêem a várzea de Loures, se estendia uma savana tropical, onde se passeavam os elefantes, corriam os cavalos e os veados, caçavam os leopardos e riam as hienas.

Esta panorâmica de uma passado com milhares e milhares de anos é-nos dada como uma visita guiada à exposição da sala de arqueologia. O primeiro traço humano que se conhece no concelho é um dente do primitivo homem de Neanderthal, encontrado na gruta das Salemas. Esta gruta foi explorada em 1959 e 1960, revelando que ali se refugiaram, anos a fio, milhares de gerações, tornando-se local de fixação e até de referência sagrada.

Os testemunhos da sua permanência, sinais de um quotidiano bem mais difícil que o de hoje, permitem-nos concluir que desde o paleolítico superior (períodos perigordeano e solutreano) aqui se radicaram grupos humanos.

O que se passou entre a ocupação neanderthalesa e estas culturas que indicam a passagem do homo sapiens do cro-magnon é coisa que ainda ninguém sabe. A coexistência foi difícil? Ignora-se. O que temos é um fóssil deste nosso antepassado do cro-magnon na pedreira das Salemas.»

«Desde então, com bom ou mau tempo, não mais a nossa terra deixou de estar povoada e cultivada» — continuou João Ludgero.

«As Salemas, ao que parece, foram essa região eleita dos primórdios da humanidade.

Aqui se instalaram os primeiros povoados neolíticos, aqui deixaram traços do seu modo de vida: o de agricultores que utilizavam instrumentos de pedra para talhar os vestuários e dar caça aos depredadores, armazenando em vasos de cerâmica as suas colheitas de Verão.

A gruta das Salemas, foi nesse tempo, local sagrado, onde as populações das imediações enterravam os seus mortos. E não foi este o único local sagrado da região.

Os dolmens, monumentos funerários, atestam a passagem de uma das grandes culturas europeias pré-históricas pelo nosso concelho. Trata-se da ciivlização ou cultura megalítica, que já o arqueólogo Gordon-Childe identificara no nosso país, entendendo ter sido este um ponto de fixação dos arquitectos dos gigantescos monumentos em blocos de pedra, cujo exemplo máximo é o santuário de Stonehndge (Grã-Bretanha).

Os dolmens (ou antas, como também lhes chamamos) erguem-se ainda hoje, na paisagem plana do concelho, como é o caso de Casaínhos, Pedras Grandes, Alto da Toupeira e Carcavelos».

Romanos e árabes

«A partir do II século da nossa era, os campos da nossa terra conhecem um novo ocupante. A ele chegam os legionários romanos, que depressa trocam a lança pelo arado romano.

Já nesse século aparecem aras votivas eternizando a memória dos falecidos ilustres, como é o caso da ara que se encontra incrustada actualmente, numa parede de casa da localidade do Barro, da freguesia de Loures.

Tão importante como a ocupação romana foi a colonização árabe, que deu a este concelho, num labor agrícola de séculos, a feição que ainda hoje o caracteriza.

Os saloios são os descendentes directos dessa ocupação e recordá-los é convidar o visitante do Museu da Casa do Adro a apreciar a sala da etnografia saloia».

Etnografia saloia

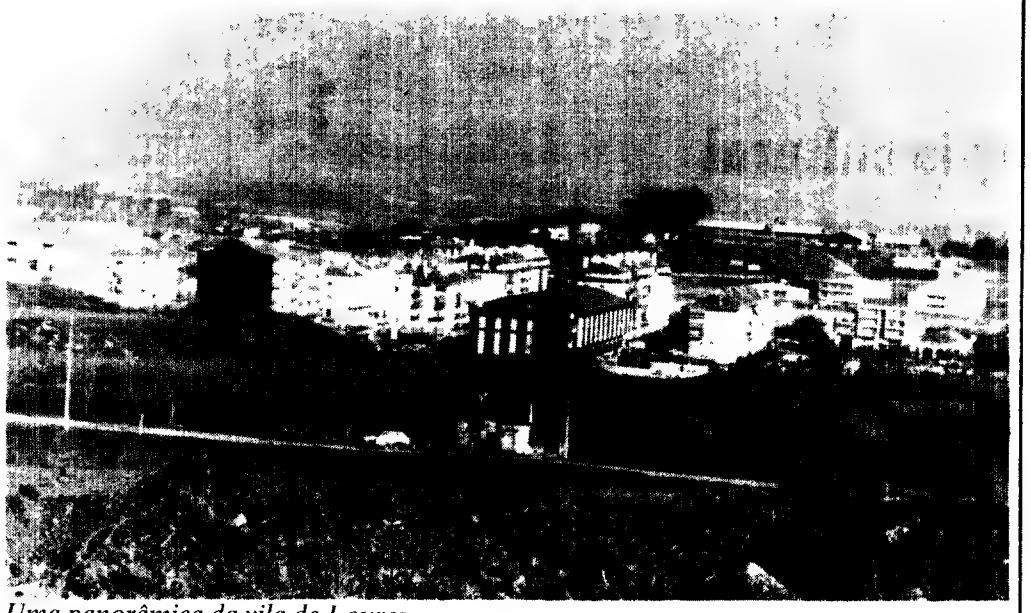
O conservador do Museu Municipal de Loures concluí: «esta exposição quer ser uma homenagem ao povo saloio que cultivou e fez a riqueza desta vasta região que abrange os concellhos de Loures, Mafra e Cascais.

A homenagem é, sobretudo, uma informação visualmente cativante da vida e dos costumes daqueles a quem os «finórios» lisboetas tratavam pejorativamente de «saloios».

A exposição abre com um painel recordando o moínho de vento saloio. Nos paineis seguintes são-nos apresentadas as actividades artesanais que o concelho ainda mantém — pedreiros de cantaria, tanoeiros, cesteiros, correeiros, ferreiros — fixando os mestres artesãos nos seus labores.

A exposição permite-nos ainda ver como era a vida dos saloios, como construiam as suas casas, como amanhavam os campos e quais as culturas que desenvolveram na região. Vem a propósito dizer que o vocábulo «saloio» é de etimologia árabe e quer dizer «habitante do campo».

Um destaque especial merece a «festa saloia», nela sabressaindo o bailarico que tão fundas marcas deixou no nosso folclore local e se expandiu por todo o país continental e insular».



Uma panorâmica da vila de Loures

«1-2-3» foi o maior, *segundo as sondagens*

Uma sondagem da Radiotelevisão Comercial

'1,2,3,' e Louco Amor no topo das preferências

O programa «1, 2, 3», a telenovela «Louco Amor» e o Telejornal foram as emissões de maior agrado da RTP durante os primeiros oito meses de 1985 — revela uma sondagem publicada pela Radiotelevisão Comercial (RTC). Na sondagem, elaborada em todo o continente, era pedidos entevistados que atribuissem a cada programa uma nota de 0 a 10.

Assim, de Janeiro a Agosto, o programa «1, 2, 3». Atingiu o topo de popularidade com uma nota de 7,82, sendo preferido especialmente pelo grupo etário dos 25/34 anos com 8,33.

Em segundo lugar ficou a telenovela brasileira «Louco Amor» que obteve 6,79, sendo considerado um programa de perfil feminino, pois as mulheres dão-lhe de 7,66 de nota, enquanto os homens dão-lhe 5,85.

O Telejornal aparece em terceiro lugar com um índice de popularidade de 6,26. Do ponto de vista regional, o Telejornal é predominantemente «um programa de bastante agrado no Grande Porto (6,85) e na Grande Lisboa (6,40).

Do ponto de vista do estatuto social, são a classe média (6,42) e a média-alta (6,66) que revelam maior agrado pelo Telejornal.

«Corpo Humano» em 4.º

A série «O Corpo Humano» ficou em quarto lugar com 5,59 e constitui, segundo a RTC, um dos casos mais interessantes da tabela de audiências, pois foi muito apreciado pela classe alta (7,43) e pouco admirado pela classe baixa, pois obteve apenas 2,66.

«O Corpo Humano» foi o programa mais popular junto da classe alta, superior mesmo aos três programas que, de um ponto de vista global, o precedem na classificação.

No polo oposto, as emissões do cineclube estão em último lugar com 3,38 pontos. Em penúltimo está a emissão semanal «Actual» que obteve 3,65 pontos na audiência geral da RTP.

A série norte-americana «Tudo em Família» também ocupa um dos últimos lugares na preferência dos telespectadores, com apenas 3,70 de agrado. Salienta-se que esta série obteve apenas 1,55 pontos de audiência na faixa etária acima dos 55 anos.

O programa semanal «Top-Disco obteve o sexto lugar na tabela de agrado dos telespectadores,com 4,91 pontos.

Trata-se de, segundo a RTC, uma emissão predominantemente vista pelos jovens, principalmente na faixa dos 12-14 anos, onde o «Top-Disco» obteve 7,58 pontos.

Salienta-se ainda que o «top-disco» obteve apenas 2,48 de agrado na classe mais baixa.

Lista dos 10 programas de maior audiência da RTP durante os primeiros oito meses de 1985, segundo uma sondagem da RTC-/Norma (valor de 0 a 10):

1.º, «1, 2, 3», 7,82; 2.º, «Louco Amor», 6,79; 3.º, Telejornal, 6,26; 4.º, «O Corpo Humano», 5,59; 5.º, «Os últimos Dias de Pompeia», 5,50; 6.º, Top-Disco, 4,91; 7.º, Noite de Cinema, 4,78; 8.º, «Ventos de Guerra», 4,73; 9.º, Domingo Desportivo, 4,59; 10.º, Fórmula 1, 4,50.

Debates: conceitos e preconceitos

Mário Castrim

Ao longo dos três debates presidenciais já efectuados, pudemos assistir ao levantamento de certos conceitos, certas expressões cujo conteúdo não foi determinado, aprofundado, discutido. Entramos assim no domínio do sofisma, das ideias feitas, da manipulação.

As notas que se seguem são a modesta contribuição de um telespectador que teima em permanecer acordado perante a teledrogagem de todos os dias. Não pretendo esgotar o assunto. Gostaria que os meus leitores, telespectadores como eu, contribuíssem para a tarefa de bem conhecer o barco e o mar em que vamos.

A «Europa Ocidental»

Antigamente (e não só...) falava-se da civilização ocidental e cristã. A coisa virou tragédia e anedota. Mudou-se de **cassette.** Hoje fala-se da Europa Ocidental.

Pertencer à Europa Ocidental. Defender a ordem estabelecida na Europa Ocidental. Nós pertencemos à Europa Ocidental. Portugal está integrado no regime da Europa Ocidental. Viva o regime da Europa Ocidental.

Trata-se de um eufemismo. Não existe um regime social característico da Europa Ocidental. Quando os candidatos dizem que são «a favor da Europa Ocidental» querem dizer que são pelo capitalismo.

Então por que o não dizem? Porque sabem que não é bonito. Que não fica bem. Imaginem, ser-se pelo capitalismo, em Portugal, quando quase ninguém se atreve a dizer que o é, mesmo nos grandes países capitalistas!

Em tempo: o Japão também pertenceu à Europa Ocidental?...

Os «países democráticos»

Os candidatos usam **cassettes** do grande marquetingue político. Quando não dizem «Europa Ocidental», referem «Europa Democrática».

A Europa fica assim dividida em dois grandes grupos: **os países democráticos e os países totalitários.**

Lurdes Pintasilgo explica a razão por que «os países do Leste» não podem integrar a CEE; porque, conforme estabelece o tratado de Roma, só podem fazer parte da CEE «países democráticos»...

A expressão encobre as realidades. Para serem correctos, os candidatos deveriam dizer «países capitalistas democráticos». A palavra **democracia** nem sempre, nem em todo o lado vale o mesmo. Recordemos que os Estados Unidos era esclavagista quando já se chamava **democracia.**

O capitalismo é democrático quanto baste para continuar a ser capitalismo. Nem mais um bocadinho.

Liberdade

A certa altura, veio a palavra **liberdade.** Tal como na palavra **democracia,** entramos no domínio da indefinição. As palavras valem o que valem como arma na luta de classes.

A liberdade do trabalhador por conta de outrem não vale a mesma coisa para o outrem. O que vale ter liberdade de expressão sem condições para manter ou aceder aos grandes meios de informação, por exemplo? O que significa «ser livre» não tendo pão, nem casa, nem saúde, nem educação?

Ou seja: **a liberdade** deve ser acompanhada das **condições de liberdade,** sem o que se tornará numa aldrabice.

Certos candidatos propõem-se dar condições de liberdade à liberdade, sem modificar as estruturas sociais. É uma ilusão.

Apontem-me um — **um só** — país capitalista em que à liberdade foram dadas condições de liberdade.

«Conservadores» e «revolucionários»

Freitas do Amaral não comete o erro de Lucas Pires. Se alguém, no Portugal do nosso tempo, se proclamar de Direita, está bem arranjado. Também não se diz de Esquerda, pois ninguém ia nisso. Para já, é «centrista» que se quer. No Centro é um descanso.

Até porque, no seu falar, isso de ser de Esquerda ou de Direita é um conceito ultrapassado. Esclarece: há políticos que acusam de conservadores e tomam medidas revolucionárias; há outros indivíduos que se dizem revolucionários e são conservadores.

Dá «exemplo» do PCP. Ora aí está uma força que se apresenta como revolucionária e vai-se a ver é conservadora, imobilista — enquanto ele, Freitas, é pela mudança.

Traduzindo: aquele partido **é conservador** porque quer **conservar** as conquistas de Abril, logo é bera; Freitas e seus amigos são pela mudança: de Constituçao, de legislação laboral, das condições de vida, das relaçoes de produçao — logo são bons...

Raramente se terá ido tão longe nos termos dos sofismas. Ao menos a este espectáculo degradante da falsificaçao das palavras não merecíamos nós que nos poupassem?

«Referendo»

Ser pelo referendo. Ser contra o referendo. Ser pelo referendo assim-assim. Ser contra o referendo assim-assim.

Assistimos nos debates a defesa de duas posições: uma, a de Freitas, quer pura e simplesmente o referendo; outra, a de Salgado Zenha, quer o referendo opinativo apenas, deliberativo nunca.

Freitas quer porque a) é o Governo quem define a opção; b) porque é o Governo quem domina os meios de informação mais poderosos; c) porque ele está convencido de que as correntes populares mais coerentes **nunca** estarão representadas nesse governo...

Quanto a Salgado Zenha ele dá conta das manobras a que um «referendo» está sujeito e dos malefícios que ele poderia servir. Então se se pretendesse sondar a vontade do maior número, muito bem, obrigar a uma posição, nada.

Não tenhamos ilusões: todo o referendo responsabiliza, obriga. Vamos supor que o povo espanhol rejeita a permanência, na NATO. Governo não se obrigará — mas ficou demonstrado que não respeita a vontade popular e que, ao contrário, a ofende.

Outros cenários se podem construir. Fiquemos certos de que não há referendos nem «referendos» inocentes.

Marxismo

O diálogo de ponta e mola entre Lurdes Pintasilgo e Freitas do Amaral foi rico de sugestões. Recordo aquele trecho em que Lurdes Pintasilgo foi «acusada» de professar o marxismo.

Freitas do Amaral: como quem tivesse encontrado o trunfo mais forte, carregou no pedal. Infelizmente, Lurdes Pintasilgo não se assumiu na sua totalidade e não soube virar a arma de Freitas do Amaral contra ele próprio.

Porque só mesmo um intolerante não só político mas, mais grave do que isso, um intolerante cultural na máxima pureza de analfabeto pode recusar como dado cultural, histórico, social definitivamente adquirido a contribuição de Marx nos mais variados domínios.

Há anos esteve em Portugal Michel Saint-Pierre, nome bem conhecido da extrema-direita. Pois ele próprio lembrou isso mesmo: a impossibilidade intelectual de não aceitar determinadas teses marxistas.

A censura cortou, na crítica de televisão, todas as referências ao assunto. Ainda hoje há quem pense que é útil e legítimo reforçar a total maldição do marxismo.

Atenção. As fogueiras ainda não estão apagadas...

"Indício" — uma nova associação cultural

«Indício» é uma jovem associação cultural que tem como objectivo criar condições para a existência e consumação de projectos de natureza cultural da autoria dos seus membros.

O arranque da associação, amplamente divulgado pelos órgãos de comunicação social, foi feito com a peça «Um Cadáver Esquisito», de Nuno Artur Silva, com encenação do autor e de Luís Miguel e Miguel Mallaguerra. Esta primeira peça, subsidiada pelo Fundo de Apoio dos Organismos Juvenis e com o apoio dos Caminhos de Ferro Portugueses, foi bem recebida pelo público e pela crítica.

«Indício» — Associação Cultural tem em elaboração novos projectos para o ano de 1986.

É neste contexto que o seu sócio Luís Miguel trabalha presentemente na preparação e montagem de uma Oficina de Expressão Dramática que funcionará, sob a sua orientação, a partir do próximo dia 6.

A Oficina de Expressão Dramática tem como orientação programática a realização de exercícios relacionados com Confiança, Desenvolvimento de Grupo, Relaxamento, Desinibição, Concentração e Dramatização.

Funcionará ao longo de dois trimestres, com 50 sessões entre 6 de Janeiro e 25 de Junho. Estas sessões terão lugar todas as segundas e quartas-feiras, das 17.30 às 19.00, na sala de Ballet do Ginásio da Faculdade de Ciências de Lisboa, na Rua da Escola Politécnica. Para tal, Luís Miguel e a «Indício» puderam contar com o precioso apoio da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa.

As inscrições estão já abertas para todos os jovens interessados, dos 15 aos 30 anos.

ROTEIRO CULTURAL

«Amadis» continua em cena na Comuna

Teatro

• **«Amadis»** continua em cena no casarão cor-de-rosa da Comuna, à Praça de Espanha, mas só mais um mês, até 26 de Janeiro, no horário habitual: de terça a sábado às 21.30 e ao domingo às 17 horas. «Amadis» é um original de Abel Neves, com encenação de João Mota, música de José Pedro Caiado e Tó Neto e interpretação de todo o elenco da Comuna.

• **«O Vento e o Mendigo»,** de Jean-Pierre Schelegel, uma adaptação de um conto vietnamita é a 56.ª produção do Centro Cultural de Évora e que agora é retomada com os espectáculos para o público em geral no Teatro Garcia de Resende e para as escolas do concelho, numa colaboração com os serviços socioculturais da Câmara Municipal de Évora. «O Vento e o Mendigo» tem encenação e música original de Gil Salgueiro Nave. A interpretação está a cargo de Ana Meira, Gil Salgueiro Nave, Isabel Bilou, José Alegria, José Russo e Victor Zambujo.

• O Teatro Ibérico continua também em cena a sua última produção, a peça **«Bodas de Sangue», um clássico da dramaturgia universal de Frederico Gacia Lorca. O espectáculo, que hoje tem início pelas 21.30 horas, abre o ciclo de homenagem que o Teatro Ibérico vai promover durante este ano pelo cinquentenário da morte de Garcia Lorca. «Bodas de Sangue» tem encenação de Blanco Gil, música de Domingos Morais e interpretação de Miguel Menezes, Lia Gama, Jorge Coelho, Maria Manuela Nery, e Amélia Varejão, entre outros. A peça sobe à cena no palco do espaço do Teatro Ibérico, na Rua de Xabregas, 54.**

• O grupo de teatro Maizum tem em cena na Casa dos Tabuenses na R. dos Poiais de São Bento, pelas 21.45 horas, a peça **«Tutankamon e a sua Rainha»,** uma farsa trágica escrita em 1969 por Adolfo Gutkin, que assina também a encenação. A interpretação está a cargo de Silvina Pereira e Carlos Paula Vasconcelos; a cenografia é de Ana Vieira e a assistência de encenação é de Isabel Pacheco.

Exposições

• A partir de hoje e até ao próximo dia 6 está patente ao público na Galeria Central, na Praça do Bocage, em Setúbal, a **exposição sobre Victor Hugo.** Esta exposição é organizada pela Aliança Francesa de Setúbal e conta com a colaboração do Museu de Setúbal-/Convento de Jesus e da Biblioteca Municipal. Hoje, dia da inauguração realiza-se uma visita guiada, pela 18.30 horas.

• A exposição **«D. Fernando II e a Ópera no Século XIX»** continua aberta ao público no Palácio Nacional de Sintra, e pode ser visitada das 10 às 17 horas.

Curso

• É já hoje que abrem as inscrições para a frequência dos ateliers semestrais de formação/aprendizagem organizados pelo AR.CO nas oficinas de Desenho, Desenho Gráfico, Escultura, Fotografia, Ourivesaria e Pintura. Iniciando-se em 17 de Fevereiro, estas oficinas funcionam, como habitualmente, em horários diversificados, podendo, por isso, ser frequentados isolada ou conjuntamente, de acordo com os objectivos e disponibilidade dos interessados. Os sectores de formação/aprendizagem do AR.CO são orientados, respectivamente, por Rui Aço (Desenho), Vítor Simões (Desenho Gráfico), Graça Costa Cabral (Escultura), Manuel Silveira Ramos (Fotografia), Tereza Seabra (Ourivesaria) e José Mouga (Pintura). Todos os interessados poderão obter mais informações dirigindo-se à Secretaria do AR.CO (Rua de Santiago, 18, ao miradouro de Santa Luzia) ou através dos telefones 863355/872749.

CINEMA

Uma cena do filme «A LUA NA VALETA», realizado por JEAN-JACQUES BEINEIX com GÉRARD DEPARDIEU, NASTASSJA KINSKI e VICTORIA ABRIL. Em exibição no cinema QUARTETO

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Alfa Club
T. 763319

A CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 h

Amoreiras 3

SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930

OS GOONIES
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Avis
— T. 547163

AMÉRICA VIOLENTA
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

TYGRA — O FOGO E O GELO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Caleidoscopio
— T. 795093

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitolio
— T. 372358

AS ORGIAS DE MATA-HARI
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

OS GOONIES
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cineblow
— T. 556824

AMERICAN GIGOLO
(não acons. men. 18 anos)
14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h
HISTORIA DE Q
(int. men. 18 anos)
24.00 h

Cine Camões
T. 324194

LÁGRIMAS DE AMOR
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.45 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

OS DOIS SUPER POLÍCIAS EM MIAMI
(int. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
A AVENTURA DO POSEIDON
(int. men. 13 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estudio Anusha

MADONNA — O CLA DE SUSANA
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estudio Sheza

OUSADO-SÓRDIDO-BRUTAL
(maiores 18 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

CARAVANA DA CORAGEM
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523

O ESPIÃO DO SAPATO VERMELHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

OS PUNHOS DA VINGANÇA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134

REQUIEM PARA UMA MULHER
(int. 13 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Estudio AC S
— T. 887255

MARY POPPINS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078

OS BANDIDOS DAS BMX
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1

JAMES BOND 007 — ALVO EM MOVIMENTO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

O MUNDO FANTÁSTICO DE OZ
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

A CARAVANA DA CORAGEM
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Forum Picoas
— T. 541037

IVAN, O TERRÍVEL
Parte I
19.00 e 21.30 h

Gemini
— T. 734009

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1

O ESPIÃO DO SAPATO VERMELHO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio
— T. 555134

REQUIEM PARA UMA MULHER
(int. men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

TYGRA – O FOGO E O GELO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

RAÇA VIOLENTA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

O SEXO E OUTRA MÚSICA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico

Pathe
— 821933

NOVA YORK/2 1997
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
O TRONO DE FOGO
(maiores 12 anos)
24.00 h

Politeama
T. 326305

OS DOIS SUPER POLÍCIAS EM MIAMI
(maiores 6 anos)
14.30, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
NEM GUERRA, NEM PAZ
(maiores 18 anos)
24.00 h

Sala 2

A CASA E O MUNDO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O CLARIM DA REVOLTA
(maiores 18 anos)
24.00 h

Sala 3

NOME: CARMEN
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
O ASSASSINO NO TELHADO
(maiores 18 anos)
23.30 h

Sala 4

A LUA NA VALETA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
A CONTAGEM FINAL
(maiores 18 anos)
24.00 h

S. Cotia

UTU, O ULTIMO GUERREIRO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Restelo
T. 610375

CÓDIGO DO SILÊNCIO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex

UTU, O ÚLTIMO GUERREIRO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30

Roma
T. 889192

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

VAMOS A ISTO RAPAZES
(int. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.45 h

Sala 3

CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715

SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

DIVÓRCIO EM HOLLYWOOD
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h
O TERCEIRO TIRO
(Ciclo de A. Hitchcock)
23.45 h

Terminal
— T. 371573

OS GOONIES
(maiores 6 anos)
13.15, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

A BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

HISTÓRIA INTERMINÁVEL
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480

O DESPERTAR DA ADOLESCÊNCIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151

OS REPETENTES EM FÉRIAS
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio — «Os Gansos Selvagens Contra Atacam», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido — «A Floresta Esmeralda», às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Os deuses devem estar loucos», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (não acons. men. 13 anos).
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Rambo, a vingança do herói», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).
MEM MARTINS — Cine Teatro Chaby — «Descanso».

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «A Chorus Line», às 17.00 e 21.15 h (maiores 6 anos).
ALGÉS — Cinema 2000 — «A Floresta Esmeralda», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Alvo em Movimento», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
ALMADA — Incrível — «Herbye no Rally de Monte Carlo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

Lisboa é sua
não deite lixo na rua

NÃO
FUME
EM
RECINTOS
FECHADOS

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALTO DE SANTO AMARO: Tapada, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE: Belo**, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso**, E. a-Damaia, 64-C (T. 702226); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CAMPO PEQUENO - APOLO 70: Campo Pequeno**, Av. Júlio Diniz, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE -ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **OLIVAIS SUL: Antunes Rosas**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **PEDROUÇOS Sociedade Higilux**, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **RATO: D. João V**, R. D. João V, 16-C (T. 682772); **SÃO VICENTE: Rosa & Viegas**, R. de São Vicente, 31-37 (T. 864351); **TIVOLI - RESTAURADORES: Galénica**, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **ODIVELAS - PATAMEIRAS: Amaral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — ALVALADE -POTE DE ÁGUA: Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); **AMOREIRAS — CAMPOLIDE: Pinto**, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **ANJOS: Góis**, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 840101); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **CAMINHOS DE FERRO: Alves Carvalho**, R. do Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **D. CARLOS I: Lys**, R. da Esperança, 17-19 (T. 660913); **ENCOSTA DO RESTELO -MOINHOS: Tanara**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA: Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SETE RIOS: Canto**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **BRANDOA -AMADORA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, P. Dr. António Granjo, 2 (T. 2101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, P. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 419697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072). Permanente; **Amadora**, P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 971023). Permanente; **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Guerra Rico**, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A, Pendoa (T. 9232743). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outra Banda — ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedenes, 50-A (T. 2294182). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Santa Marta**, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 259 (T. 2072141). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Higiene**, R. Frei Agostinho da Cruz, 51 (T. 22408). Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; **Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Até às 22 horas.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22

Porto

DE DIA E TODA A NOITE — GONDARÉM, R. de Gondarém, 360, Foz; **Alberto Ferreira**, R. da Estação, 100; **SÃO DINIZ**, R. de São Diniz, 428; **ANTUNES**, R. do Bonjardim, 485; **BATALHA**, P. da Batalha, 26.

Coimbra — CENTRAL, R. da Sofia, 19-21 (T. 22089); **ROCHA**, R. do Brasil, defronte de São Teotónio (T. 711526); **DUARTE**, C. de Santa Isabel, 46 (T. 812413).

DL TEATROS

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

«**PÁSCOA**» de August Strindberg. Encenação de Luís Miguel Cintra. Cenografia de figurinos de Cristina Reis.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 76 86 09

De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

«**JARDIM DE OUTONO**», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

De terça a sábado, às 21.45

Aos domingos às 16.00

«**TU E EU**», de Friechrichtk ZWaecher. Tradução de Vera San-Payo Lemos, José Fanha e João Lourenço. Cenografia de Ângelo Sousa. Música de Pedro Osório.

Coliseu dos Recreios

R. das Portas de Santo Antão — Tel. 36 19 97

Todos os dias às 21.30; quintas, sextas e sábados às 16.00; domingos às 17.30, dia de Natal e Ano Novo, às 14.30, 17.30 e 21.30

«CIRCO DE NATAL . Rola-rola, mula cómica, gatos pretos, pombos em liberdade, barristas, malabaristas, ilusionismo, palhaços, faz-tudos e elefantes.

Grupo de Teatro Maizum

R. Poiais de S. Bento, 758-2.º — Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado às 21.45

«**TUTANKAMON E A SUA RAINHA**», de Adolfo Gutkin. Interpretado por Carlos Paula Vasconcelos, Ana Vieira, Luísa Neto Jorge, Isabel Pacheco, Carlos Achemann, Luís Fernandes e Henrique Nunes.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

Todos os dias às 21.45; sábados e domingos às 16.00

«**ARSÉNICO E RENDAS VELHAS**». Original de Joseph Kesulrind. Versão portuguesa de César de Oliveira, Gaspar Fiuza e Carlos César. Intérpretes: Maria Helena Matos, Carlos Quinas, Camacho Costa, Luísa Barbosa.

Teatro Maria Vitoria

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

De terça a sábado, às 20.30 e 22.45, domingos às 16.00.

A nova fase da revista «**NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO**», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Interpretado por Eugénio Salvador, Ivone Silva, Henrique Santana, Linda Silva, Carlos Cunha e Maria Armanda.

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 37 22 36

Sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**O MORGADO DE FAFE EM LISBOA**», de Camilo Castelo Branco, encenação de Ruy Matos.

D. Maria II — Sala Experimental

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingos às 16.30

«**VIRGINIA**», interpretado por Carmen Dolores, João Vasco e Luísa Salgueiro. Encenação de Carlos Avilez.

Soc. Inst. Guilherme Cossul

Av. D. Carlos I, 61, 1.º

Sextas e sábados às 21.30

«**REI DA VELA**»

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade

(Tel. 32 00 00)

De 3.ª a 6.ª feira às 21.30

«**A QUEDA DUM ANJO**»

Teatro Variedades

Parque Mayer – Tel. 32 60 37

Todas as noites às 21.30

«**UM CORONEL EM 2 ACTOS**». Adaptação de Francisco Nicholson. Direcção e encenação de Varela Silva. Cenários de Octávio Clérigo. Interpretado por Camilo de Oliveira, Alina Vaz, António Feio, Paulo Marcelo, Dulce Guimarães e Francisco Nicholson (artista convidado).

Circo Chen

Praça de Toiros do Campo Pequeno

Todas as noites às 21.30; quintas e sábados às 16.00; domingos e feriados às 15.00 e às 17.30

«**O PRIMEIRO CIRCO DA EUROPA**» com a grande atracção mundial Família Zambo.

Circo Americano

Praça de Espanha

Todas as noites às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

Jibóias, caniches, trapezistas-voadores, palhaços, salto mortal automóvel.

Teatro do Século

R. do Século, 41

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingos às 17.30.

«**EMBALAGEM PERDIDA**» de Vera Feyder. Dramaturgia e encenação de Ricardo Marquez. Cenografia de Mário Jorge. Intérpretes: Lucindo Loureiro e Cucha Carvalheiro.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 72 08 18

De terça a sábado às 21.30

Domingos às 17.00

«**AMADIS**», de Abel Neves. Encenação João Mota. Interpretação: Abel Neves, Alfredo Brissos, Ameno Gonçalves, Amélia Varejão, Amélia Videira, André Nuno, António Melo, Carlos Paulo, Cecília Sousa, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Maria Marília, Marques Arede, e Paulo Ferreira.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

Todos os dias, às 21.30, domingos às 16.00.

«**POUCO BARULHO**», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Teatro Maria Matos

Av. Miguel Contreiras — Tel. 89 70 07

A REVISTA À PORTUGUESA

1.ª parte 1910 a 1945

De 3.ª a sábado às 21.45, aos sábados também às 16, domingos só às 16.

Escolha de textos e cooperação literária de Joaquim Pessoa, com Aida Baptista, Vítor Rosado, Margarida Carpinteiro, Maria da Graça, Vitorino, Hercinda d'Almeida, Rui de Sá, José Raposo, Gabriel Pais, Jorge Trincheiras, Sílvio Pleno e o Grupo de Bailado Olissipo.

Feira Popular de Lisboa

CIRCO PAQUITO CARDINAL

Todos os dias às 21.30, domingos às 17.30

Porto — Campo Alegre

R. Camões, 312, 2.º-A — Tel. 38 21 31

A «Seiva-Trupe» apresenta todas as noites às 21.45; domingos ás 16.00

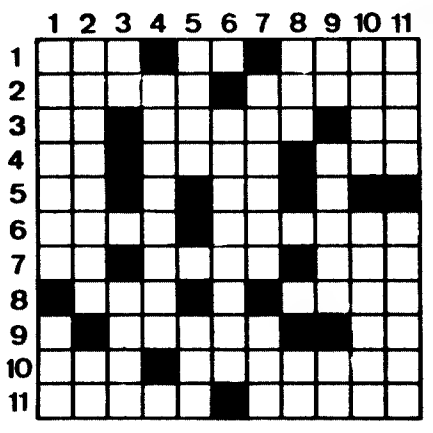
«**OS AMOROSOS DA FOZ**» de Camilo Castelo Branco. Encenação de Norberto Barroca, cenografia de Manuel Passos e música de Paulino Garcia.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 462

HORIZONTAIS:

1 Recusa. Existe. Ir para fora.
2 Partidário. Paladar.
3 Rio de Itália. Paixão (fig). Artigo definido (ant.).
4 Sufixo que designa estado. Vassourar o forno depois de aquecido. Estima.
5 O lado do vento. Senhor.
6 Pronome demonstrativo. Suástico.
7 Solitário. Íntimos. Pesar.
8 Fecho as asas para descer mais depressa. Lodo.
9 Peixe do género siluro. Brisa.
10 Unidade de trabalho. Boca muito grande ou escancarada.
11 Essência (fig.). Causam amuo a.



VERTICAIS:

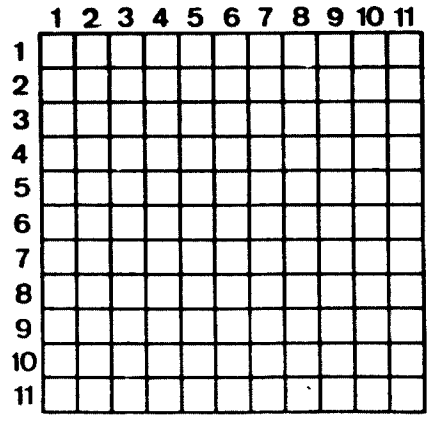
1 Cidade de Itália. Preposição.
2 Carinhosos. Zomba.
3 Interjeição brasileira. Personagem do «Otelo» de Shakespeare.
4 Caloiros (fig.).
5 Tempo (fig.). Espécie de mata.
6 Mágoa.
7 Carapuças. Escava.
8 Ribeira de Portugal. Antes do meio-dia.
9 Carta de jogar. Vasilha com asas. Ruténio (s.q.).
10 Outrossim. Domesticara.
11 Ave semelhante à pomba. Rezaram.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 622

HORIZONTAIS:

1 Fora para fora. Cidade de França antiga capital de Lorena.
2 Tosta. Concederá.
3 Separo. Cento e um em romano. Pronome pessoal (inv.).
4 Unidade monetária dos EUA. Fio de latão.
5 Fileira. Mamíferos roedores.
6 Despacharemos.
7 Claridade. Rate. Pêlos de certos animais.
8 Carta de jogar. Descarnada. Solitário.
9 Pronome reflexo.
10 Formara as abas a. Em má hora (ant.).
11 Adicionar. Pronome pessoal. Pertences.



VERTICAIS:

1 Exportação. Nome de um jogo.
2 Arrasais. Boro (s.q.).
3 Punha Só. Figura que simboliza o povo americano.
4 Amofina. Simples.
5 Enfeitara. Brisa.
6 Suplica.
7 Confrontar. Átomo.
8 Acrescentaram. Ruténio (s.q).
9 Em a. Ilha de coral que forma um anel mais ou menos contínuo. Bário (s.q.).
10 Que têm creme. Pronome pessoal.
11 Pequenos barcos de recreio. Régulo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 461

HORIZONTAIS:

1 NINGUPEM. É.
2 Ovo. Sm. Piar.
3 Momos. Prova.
4 Notório. II.
5 Pê. Iradas.
6 Ísara.
7 Ocai. Or. Ita.
8 Feras. Sem.
9 Eca. Asso. Ra.
10 Tau. Gu. Abri.
11 Al. Taal. AAA.

VERTICAIS:

1 Nom. PROFETA.
2 Ivone. Cecal.
3 Nomo. Aarau.
4 Ota. Ia.
5 Usso. Saga.
6 EM. Riso. SUA.
7 Piraras. Proar. Ao.
9 Zio. Dais. Ba.
10 Avia. TERRA.
11 Erais. Amaia.

PROVÉRBIO: Ninguém é profeta em sua terra.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 621

HORIZONTAIS:

1 Dalmácia. CC.
2 Acorrentara.
3 Rs.
4 Aportaremos.
5 Sãs. Alapo.
6 Cr. Sama. II.
7 Oco. Ar. Pr.
8 Orna. Serão.
9 Aaro. Mor.
10 Crinas. Olor.
11 Aos. Mossas.

VERTICAIS:

1 Damasco. Oca.
2 AC. Parco. Ro.
3 Lobos. Orais.
4 Mr. Nan.
5 Ar. Testaram.
6 Cera. Oso.
7 In. Ramas.
8 Atrelaremos.
9 Asma. Rola.
10 Cr. Opíparos.
11 Cassoiro.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: Música portuguesa; **21.00**: A viver também se aprende; **21.3**: Imaginário; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.05: Música do século XX; **16.35**: Solos de viola dedilhada; **16.45**: Árias de óperas; **17.00**: Integrais; **18.00**: «Cinco Motetos à Virgem», de Ockeghem; 18.40: Música de tecla; **19.00**: Sonata, em dó maior, op. 1, n.º 2, de Jean Marie Leclair; **19.45**: Utrenja, «O Enterro de Cristo», de Penderrecki; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: A ópera «Mamade Butterfly», de Puccini; **23.45**: Solos instrumentais; **00.25**: Canções, de Franz Schubert; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Som de retorno; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Musical; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **23.00**: Vigésima quarta hora; **01.00**: Peça o que quiser; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé-de-vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Nunca mais é sábado. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

16.00: Ré maior; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro. **22.00**: Especial corrida; **23.00**: A hora é esta; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional (Braga, Porto, Lisboa e Évora)

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Noticiário regional; **18.30**: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

14.00: Cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Vista alegre; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

18.00 — Tempo dos Mais Novos
A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «As Aventuras de Marco Polo» e «Era Uma Vez — A Lebre Ilusionista».

18.35 — Notícias

18.55 — Curso de Inglês
«Follow Me»

19.25 — Desporto/Debate

19.55 — O Livro Grande de Petete
«O Vinho»

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

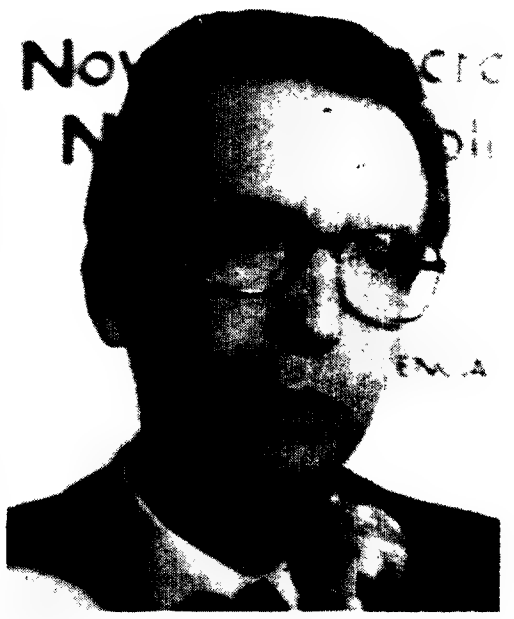
20.30 — Comunicado do ministro das Finanças

20.50 — «Louco Amor»
Lúcia troca algumas impressões sobre as consequências da decisão tomada por Jorge e relativa a Nova Iorque. Nanda critica Renata pelo seu entusiasmo no lançamento do livro de Marcio. Sérgio sente-se inibido para revelar a Marcio que é seu pai. Marcio, por sua vez, obriga Agenor a confessar que vendeu a estatueta para obter dinheiro que reverterá a favor de Renata. Rudolfo convida a Muriel para gerir a sua loja de Paris com um convidativo salário. Ela aceita. Por outro lado Renata consegue convencer Gisela a doarem-lhe um apartamento em Paris. Lúcia vê Marquinho e o pai jogando futebol em grande harmonia e decide comunicar a Fernando a sua decisão de abandonar o país.

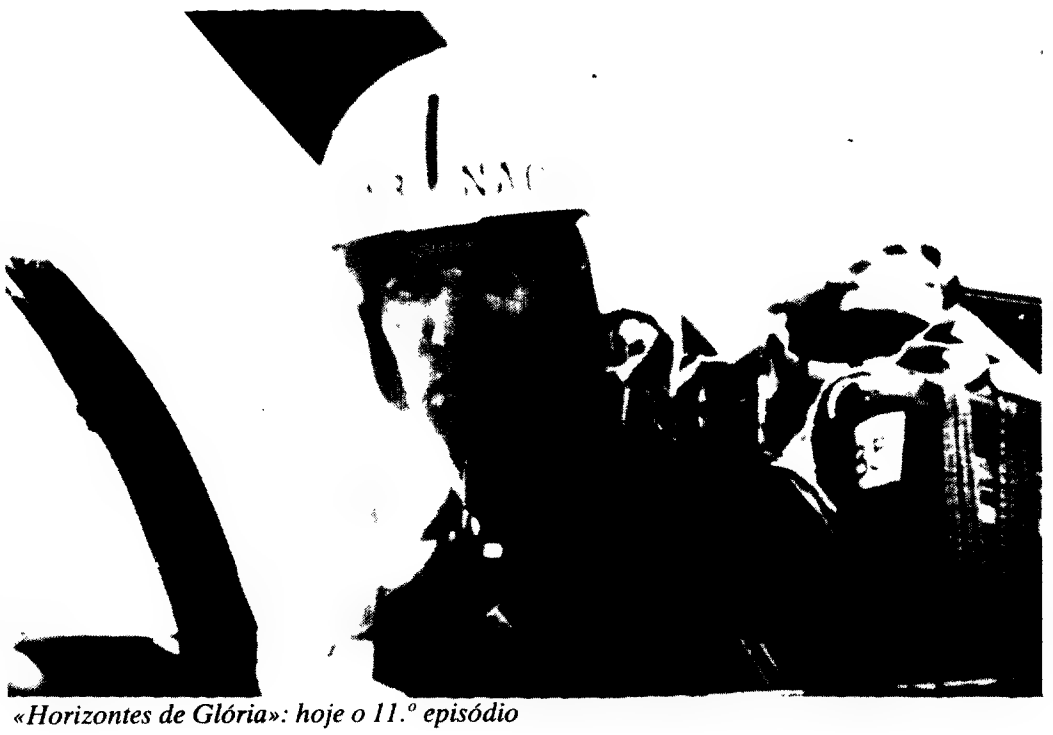
21.35 — Actual
«Presidenciais/86»: debate entre o dr. Mário Soares e o dr. Salgado Zenha.

23.10 — «Crime, Disse Ela»
Archie Miles, sócio de um detectivo privado, é assassinado durante a investigação de alguns casos. Sendo uma das suas clientes, Jessica Fletcher, sente-se responsável pela sua morte e decide por-se em campo para encontrar o assassino. Esclarece-se assim um crime que envolve chantagem, e na qual estão envolvidos a directora de uma revista e todos os seus empregados, um conhecido professor universitário e um fornecedor. Intérpretes: Angela Lansbury, Floyd Levine, Jerry Ohrbach; Realizador: Seymour Robbie.

00.05 — Último Jornal



Mário Soares e Salgado Zenha no programa «Actual» de hoje, na RTP 1



«Horizontes de Glória»: hoje o 11.º episódio

RTP 2

19.30 — Desenhos Animados
«O Homem de Plástico»

19.50 — Conheça Melhor
«A Nova Suécia»: «Conheça Melhor» leva-nos hoje à Suécia. Procurando desfazer alguns mitos sobre o povo sueco, mostra-nos «uma nova Suécia» com a sua gente, o seu trabalho, a sua vida cultural de grande tradição. Ali, cultura e qualidade de vida incluem também o meio ambiente. Pelo que poderemos apreciar regiões sensíveis ou únicas, transformadas em parques naturais denominadas hoje como as últimas regiões selvagens da Europa.

20.25 — «Horizonte de Glória»
(11.º episódio): Raynor e Vanessa ajudam um casal amigo a ultrapassar uma crise que eles próprios já haviam enfrentado e que ameaçou destruir o seu casamento e que é causado pelas exigências que advêm da profissão desempenhada pelos oficiais da Força Aérea. Intérpretes: Graig T. Nelson, Cindy Pickett, Elisabeth Shue; Realizador: Ernie Pintoff.

21.20 — Biografia de Leonardo Coimbra

21.50 — Encontros Com...
«Helena Afonso»

22.35 — Jornal da Noite

AMANHÃ

RTP-1

12.00 — Notícias
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — «Origens»
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.35 — Notícias
18.50 — As Origens e os Costumes
19.15 — O Mar e a Terra
19.45 — Boletim Meteorológico para a Agricultura
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — «Louco Amor»
21.25 — Revista do Ano Nacional
22.25 — «Duarte & C.ª»
23.20 — Televisão — A Caixa que Mudou o Mundo
00.15 — Último Jornal

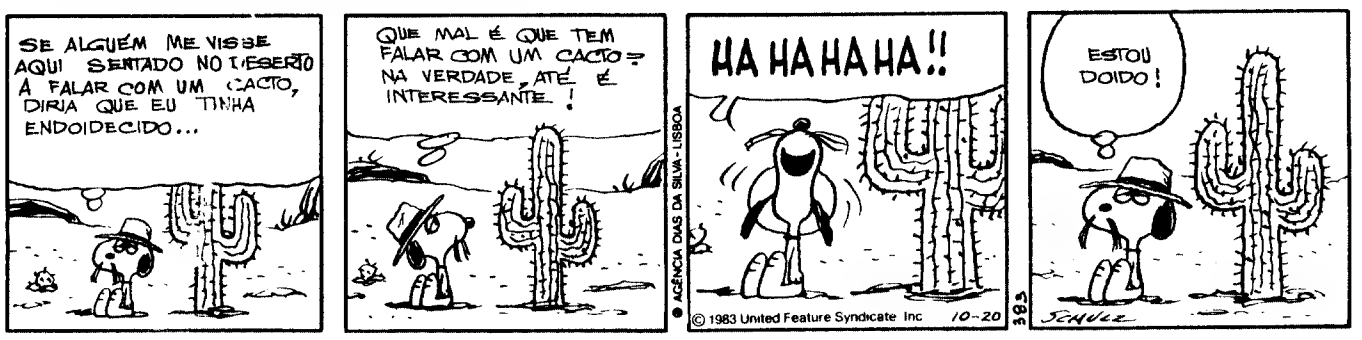
RTP-2

19.30 — Desenhos Animados
20.05 — Enquanto é Tempo
20.30 — Espaço Jazz
21.25 — Directo/2
22.30 — Jornal da Noite

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B e R. de Macau, 8-1.º LISBOA

EMELO INFORMÁTICA
SPECTRUM 48K
FABRICO INGLÊS
20 900$00
OFERTA MANUAL PORTUGUÊS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Vídeo)
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 56 69 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 21.35 Actual
RTP 2 20.25 «Horizonte de Glória»
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.47	**3,40 m**	05.11	**1,90 m**
		17.35	**1,70 m**
Dia 3			
00.18	**3,40 m**		**1,70 m**
12.45	**3,50 m**	18.31	**1,60 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	5°
VIANA DO CASTELO	10°
VILA REAL	7°
PORTO	12°
COIMBRA	9°
CABO CARVOEIRO	14°
CASTELO BRANCO	9°
PORTALEGRE	6°
LISBOA	12°
ÉVORA	9°
BEJA	10°
FARO	14°
SAGRES	15°
PONTA DELGADA	11.°,
FUNCHAL	16°

Luís Franco, Carmelinda e Ricardo Nunes

Comprometidas três candidaturas a Belém

Os candidatos à Presidência da República, Luís Franco, Carmelinda Pereira e Ricardo Nunes, terão que entregar até às 17 horas de hoje as assinaturas que faltam aos processos de candidatura que entregaram no Tribunal Constitucional, na passada segunda-feira.

De acordo com as nossas fontes, eleva-se a milhares o número de assinaturas que falta a cada um dos candidatos para conclusão legal dos processos. Recorde-se que os candidatos são obrigados a apresentar o número mínimo de 7500 nomes de apoiantes.

Segundo a NP, os serviços de apoio ao candidato do MRPP, Luís Franco, garantiram que as assinaturas que faltam serão entregues dentro de horas. «O único problema que temos — acrescentou um porta-voz — é que estamos à espera das certidões de eleitores que têm de ser passadas pelas juntas de freguesia e, como houve vários feriados, têm surgido obstáculos».

De acordo com a mesma agência, tanto o processo de Luís Franco como os de Carmelinda Pereira e de Ricardo Nunes têm bastante menos assinaturas das que são exigidas por lei. Estes dois últimos candidatos comprometeram-se também a apresentar até às cinco da tarde o material que falta para completarem os processos que foram entregues.

Quanto às restantes candidaturas parece não haver já qualquer problema. O documento comprovativo de nacionalidade que faltava aos processos de Freitas, Pintasilgo e Zenha já foi entregue no TC.

Novos salários mínimos já estão em vigor

Os novos valores dos salários mínimos nacionais e dos abonos de família entraram ontem em vigor.

Para os salários mínimos, os novos valores são os seguintes: **Doméstico** — 15 200 00 (aumento de 14,5 por cento); **Rurais** — 19 500 00 (aumento de 15,4 por cento); **Restantes** — 22 500 00 (aumento de 14,7 por cento).

Para os abonos de família, os novos valores são os seguintes: **Um 1000 00** descendente — (aumento de 34 por cento); **Três** ou mais — 1 400 00 (aumento de 35,7 por cento); **Aleitação** — 1 600 00 (aumento de 17,9 por cento); **Casamento** — 8 800 00 (aumento de 19 por cento); **Nascimento** — 10 250 00 (aumento de 18 por cento); **Funeral** — 12 450 00 (aumento de 18 por cento).

A taxa oficial de inflação para 1986, prevista pelo Governo, é de 14 por cento.

Parou a inclinação da Torre de Pisa

A Torre de Pisa, conhecida mundialmente pela sua inclinação, está de boa saúde, segundo técnicos que afirmam que o seu lento trajecto em direcção ao solo parou.

As últimas medições, provisórias, divulgadas na quarta-feira, referem que a inclinação de 1985 foi inferior à média anual dos últimos 50 anos.

As medições e a sua análise cabem ao professor Giuseppe Toniolo, superintendente dos principais monumentos do centro histórico de Pisa.

Não foram facilitados dados exactos sobre a taxa de inclinação, pois essa tarefa cabe a um dispositivo montado no cimo da torre. Os dados dos aparelhos, considerados «fidelíssimos», só serão conhecidos dentro de três meses.

/D/E/C/A/R/A/S/

MÁRIO VIEGAS, actual encenador do Teatro Experimental do Porto, apresenta a partir de amanhã (dias 3, 4, 10 e 11) pelas 24 horas, o seu espectáculo «Palavras de Alto Risco» no «Rés-do-Chão», o novo espaço de café-teatro do grupo «O Realejo», no Porto. O «Rés-do-Chão» ocupa a cave das instalações daquele grupo teatral e destina-se a ser um espaço cultural e de convívio diário, aberto a todas as formas de espectáculo que se integrem no ambiente.

LADY FRANCISCO, mais conhecida (ou apenas...) entre nós por Gisela do Louco Amor, parece não ter correspondido, na sua primeira apresentação pública, à **fama** de que a fizeram preceder. Segundo uma informação da Anop, a artista «teve uma apresentação curta e descolorida numa festa de passagem de ano em Albufeira, no Algarve». Lady Francisco esteve em cena cerca de 30 minutos, tentando cantar e dizer poesia perante um público barulhento e meio distraído.

SAM SPIEGEL, o produtor de Hollywood responsável por filmes como «A Rainha Africana», «Há Lodo no Cais», «A Ponte Sobre o Rio Kwai», ou «Lawrence da Arábia», morreu durante férias nas Caraíbas — informou o «New York Times». Spiegel, nascido na Áustria há 84 anos, começou a trabalhar no cinema em 1927. Sob o nome de S. P. Eagle, produziu vários filmes incluindo «O Estrangeiro», de Orson Wells, em 1946. Mas após o êxito de «Há Lodo no Cais» começou a utilizar o verdadeiro nome.

RICKY NELSON, um dos pioneiros do rock americano, morreu no último dia de 1985, num desastre de aviação, quando se deslocava para actuar num concerto de fim de ano. Juntamente com Ricky Nelson pereceram no acidente mais seis elementos do seu conjunto que viajavam também no DC-3 privado do cantor.

Segundo a agência Reuter a estrela do rock americano e os seis elementos da sua banda perderam a vida devido à queda do avião num campo aberto entre o estado do Texas e o de Oklahoma, a cerca de 210 quilómetros de Dallas.

MARCEL MARCEAU teve alta de um hospital de Paris três semanas depois de ter sido operado por duas vezes a úlcera perfurada no estômago, disse hoje a sua porta-voz.

Marceau, 62 anos, recuperou bem e continuará a convalescer na sua casa nos arredores de Paris, acrescentou a porta-voz Soya Graham-Stuart.

Marcel Marceau foi operado pela primeira vez em 8 de Dezembro em Moscovo, onde estava a dar uma série de espectáculos.

JOSÉ SARNEY, presidente do Brasil, deverá ser o orador de honra do Congresso Internacional de Língua Portuguesa, a realizar em Abril em Portugal. O presidente José Sarney, que visita Portugal em Abril, segundo a imprensa brasileira, terá uma agenda muito cheia, pois será empossado como membro da Academia das Ciências, receberá o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra e falará no Congresso de Língua Portuguesa. Além disso, José Sarney aproveitará a sua visita a Portugal para lançar o seu livro «Maribondos de Fogo».

PRD "esquecido" pela RTP

O PRD não pode deixar de repudiar frontalmente a tentativa da RTP em ignorar o seu aparecimento na vida partidária portuguesa, durante a referência que fez aos principais factos políticos ocorridos em 1985, no decorrer do Telejornal do passado dia 31 de Dezembro — assim se expressa o Partido Renovador Democrático em comunicado enviado a todos os órgãos de Comunicação Social.

Perante tal «esquecimento», o PRD entrou já em contacto com um responsável do Telejornal, manifestando o seu protesto por tal ocorrência. A RTP, no entanto, «rejeitou, pelo silêncio, a divulgação pública da posição apresentada».

Afirma o PRD que uma resenha de factos políticos que marcam um ano, como toda a reportagem informativa, «impõe um trabalho aturado e meticuloso que não uma mera enumeração de factos correspondentes a possíveis interesses políticos de ocasião».

Acentua o Partido Renovador Democrático que a RTP «sabe bem que uma análise política a factos ou a situações não pode hoje em dia ser feita neste País sem passar pela referência ao PRD.» Textualmente: «Pelo que ele representa de projecto de mudança, pelo que ele representa de aposta do eleitorado português, pelo que significa no âmbito do diálogo das forças sociais e políticas intervenientes. São questões só por si bastantes, que imporiam obrigatoriamente, nessa circunstância, uma referência condigna por parte do Telejornal da RTP. É evidente que o PRD não receia tentativas de o silenciar, até porque o Partido Renovador Democrático tem a garantia que lhe foi dada por mais de um milhão de portugueses de que o seu projecto de esperança será a grande certeza do futuro. Por isso mesmo lhe foi dada uma dimensão que o coloca, com apenas poucos meses de vida, como a terceira força política mais representativa do País...»

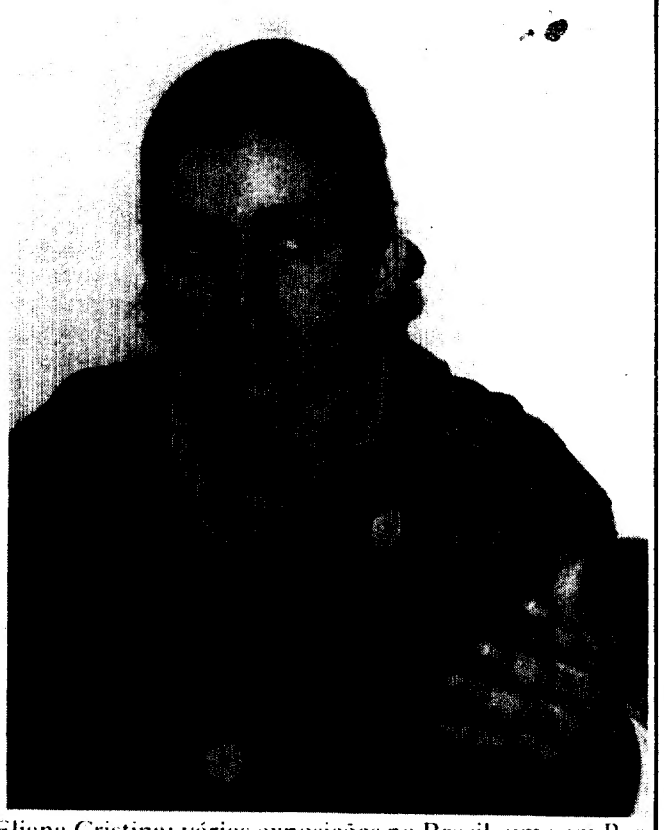
Contudo (lê-se no comunicado) o PRD «não pode deixar de protestar publicamente contra mais este exemplo de parcialidade informativa da RTP — e isso porque o direito à informação como a Constituição estipula assim o exige».

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 235 • 2 de Janeiro de 1986

E SURGIU AQUILINO RIBEIRO...

Pintora brasileira em busca da identidade portuguesa

Aquilino Ribeiro no traço de Eliana Cristina



Eliana Cristina: várias exposições no Brasil, uma em Portugal na Codilivro. Em Portugal até Fevereiro. Já catalogada no meio artístico (artes plásticas) brasileiro

ELIANA CRISTINA: poderíamos dizer, em poucas palavras, que uma brasileira busca a identidade portuguesa.

Veio ao «Ler/Escrever» e disse:

«Sou pintora. Profissional. Retratista. Com toda a técnica (e não só) da Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro. Ora bem...»

«Ora bem o quê...?»

«Queria fazer um retrato, que fosse bem de um português, e oferecê-lo ao vosso suplemento literário!»

«'Tá bem — dissemos. — Um português bem português na arte de escrever, e até porque estamos a comemorar o centenário do seu nascimento, só pode ser...»

«Diga...»

«Só pode ser Aquilino Ribeiro».

«Óptimo!»

Resumindo: entregámos a Eliana (empréstimo já devolvido) uma foto do autor de «Quando os lobos uivam» — e eis que ela, um dia depois, veio até nós com o seu trabalho. Trabalho a carvão que, leitores, se espraia por esta primeira página. Que tal...?

Quem quiser cumprimentar Eliana Cristina pode procurá-la no Shoping Center das Amoreiras. Ela está no segundo piso, na confluência dos restaurantes. Tem um cavalete armado. Os interessados podem ser ali retratados. A preto e branco ou a cores. Eliana é paciente. Ela o diz — e diz também:

«Estou procurando a identidade portuguesa. Quantos mais retratos fizer mais depressa concretizarei o meu propósito. E depois...»

«E depois...?»

«E depois, quando regressar ao Brasil, direi num abraço que identifiquei os portugueses que descobriram o meu país... Que querem vocês mais de mim...?»

Diário de Lisboa
LER ESCREVER

ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

Entre a realidade e a ficçã

CRITICAR, o que é?

Perante a questão, seja qual for o prisma pelo qual possamos analisar a função crítica, a verdade é que a asserção ou a evidência mais comum que se nos depara, é a de que esta se identifica com um juízo de valor. Uma tal definição, todavia, condiciona a atitude crítica ao método comparativo (melhor do que...) e à velha querela consubstanciada no conceito do «gosto». Desta forma, o magistério crítico que daqui resulta se revela extraordinariamente subjectivo e unilateral, pois que ele não ultrapassa o mero conceito. Por outro lado, importa acrescentar que a entidade crítica é uma personalidade sem estatuto, sem patentes ou credenciais, que age exclusivamente por deliberação própria, à margem de qualquer delegação; e tão pouco o exercício da sua jurisdição a transforma em modelo de argucidade e menos ainda de competência.

É contra esta espécie de academismo, ou, se quisermos, contra o ponto de vista romântico, que as primeiras décadas deste século testemunham vários movimentos reformadores no âmbito da crítica literária, nomeadamente contra os métodos biográficos, historicistas e impressionistas.

Tais movimentos, reivindicando um estatuto científico, podem ser distribuídos por três grandes áreas — a psicanalítica, a sociológica e a linguística.

Não vamos aqui detalhar cada uma destas correntes, pois não só não é esse o objectivo do nosso trabalho, como dificilmente nos poderíamos abstrair das ideologias que lhe são próprias, isto é, de influenciar o leitor em algumas delas.

Em qualquer caso, porém, o leitor interessado na actividade crítica vê-se apanhado numa rede de diversas correntes, as quais lhe falam de textura, literalidade, história, psicologia, antropologia, marxismo, semântica, semiologia, freudianismo, tomismo, sociologia, estruturalismo, enfim, um nunca acabar de definições teóricas, debruçadas sobre si próprias, deixando não só o leitor comum esvaído, e confuso, mas também abandonado relativamente ao que ele pretendia, que era tão-somente aferir o conhecimento da obra e/ou sua valia.

Para um tal leitor, importará referir, antes de mais, que, apesar de ele colher a nossa simpatia, mercê da confusão para a qual é remetido, a crítica não é mais um acto de julgamento mas antes a propositura de um método concorrente para o aperfeiçoamento da obra, na medida em que toda a explicação se destina a completá-la. Daqui, ainda, que toda a atitude crítica actual questione mais do que responda, pois, apesar de ela não se afastar das realidades concretas que a motivam, equaciona todos os possíveis, e, nessa medida, provoca e suscita todas as hipóteses.

Eis-nos, portanto, debruçados sobre o total conjunto da obra, essa multifacetada rede de incidências diversas, que não advêm apenas da relação que se estabelece entre o que se propõe e o que alcança, em termos de puro julgamento, mas antes do «estudo», do exercício mental aplicado a uma coisa concreta, fonte de reflexão e de criação próprias, permitindo, inclusive, que o ensaísta se coloque em posição idêntica que decorre do escritor. Porque se o escritor ao recriar a realidade que transmuda na narrativa, ou a harmonia universal que plasma no poema, está a disputar a criação ao divino — na medida em que todo o artista, pelo acto da criação, pretende superar a sua condição humana — assim também procede o ensaísta, pois que no modelo do escritor exerce a sua própria criação.

Aqui será, talvez, ocasião para questionarmos uma velha querela: é a crítica em relação à literatura (utilizarmos o vocábulo no sentido lato) um acto de servidão ou de soberania? Respondemos: nem uma coisa nem outra, pois ambos os géneros provêm de raízes diferentes. A literatura advém da imaginação, da consciência humana face a ideais que a identificam como uma acção de natureza revolucionária. Não acontece o mesmo com a crítica. Esta é de origem reflexiva, fundamentando-se na objectividade, na exigência do método científico que pouco a pouco vai construindo, e, como tal, não pode ter fins conclusivos fora dela própria, posto que neles utilize a imaginação.

Ela não cria um mundo científico, por mais verosímil que ele seja, mas propõe o seu conhecimento através de um acto de inteligência; não é, de forma alguma, um sucedâneo da criação imaginativa, mas um ponto de encontro, confluência, que transforma a obra literária num local de reunião, e onde, tanto o escritor como o crítico, se afirmam como entidades criadoras através das suas próprias personalidades. Uma é a consciência da vida, a outra a consciência da arte. E isto nos leva, afinal, a uma outra conclusão: a de que toda a obra á «aberta», isto é, propiciadora do acto criativo. Algo aqui subsiste, entretanto, de forma indefinida: é que não há criação que não comporte uma certa dose de imaginação, pois que o discurso de um discurso abre todas as possibilidades. Por outro lado, há que ter presente que a obra literária possui tantos efeitos deliberados como involuntários. Na identificação dos primeiros, o crítico facilmente os comprova através da dedução lógica baseada no conhecimento dos factos, enquanto nos segundos só os alcança através da imaginação e da secreta relação que a obra literária estabelece entre quem escreve e quem lê.

No caso das biografias críticas, um perigo entretanto subsiste. É o caso de o biógrafo vir a praticar aquilo a que chamaremos de crítica idealizante ou de crítica destrutiva. Cabendo-lhe a função de suprimir as distâncias entre o público e o artista, pode acontecer que ele o faça de maneira narcisista, ou seja, que do género se sirva para a exaltação de si próprio. Antes de mais, o seu próprio estatuto a isso o impele, pois que ele é o conhecedor do segredo dos «deuses», o mediador entre as partes, entidade «sui generis», capaz, inclusive, de influenciar uns e outros.

Por outro lado, se a tal secreta relação que a obra literária estabelece entre quem escreve e quem lê, for, para além do mais, afectiva, o biógrafo pode não resistir à tentação de fazer do biografado um ser modelar, projectando nele tudo quanto pretenderia ser ou desejaria que ele fosse. Em tal caso, o biógrafo não estará mais do que a dar satisfação ao seu ego, construindo uma personalidade na base do que considera ser o ideal. Do mesmo modo, se acaso inflectir para o campo oposto, ele corre o risco de se identificar como o «assassino» do biografado, na medida em que nele pesquisará as suas próprias carências, frustrações ou invejas.

Obviamente que não é este o nosso caso, servindo o exemplo, de resto, para objectivar os casos extremos.

Aliás, se o assunto trouxemos a terreiro, foi porque a análise da obra de António Rebordão Navarro nos conduziu a aspectos biográficos que não estavam nas nossas intenções. É o que se chama um caso raro de «bibliografia», pois o que fundamentalmente nos interessava era a obra em si e não a vida do escritor. Que nela todavia esteja esta plasmada é coisa de que não nos cabe culpa. Portanto, o nosso método analítico não pode ser encarado como a tentativa de explicar a obra pela biografia do autor, mas antes pelo inverso.

Em tudo isto outra coisa fazemos questão de reclamar: o nosso próprio estatuto de criador. Ou seja, que nesta abordagem à obra do autor algo «criamos», sem perda da objectividade e da metodologia ciehtífica afins à análise literária. Em que se baseia este acto criativo? Apenas nisto: na construção da tese que a sua obra nos suscita. Será esta a única, a derradeira, a mais exacta, aquela que o próprio autor eventualmente venha a avalizar como génese do seu labor literário? A resposta ao quesito não é importante. E não o é porque o autor em caso algum, não sendo o último de uma escala de valores com competência para decidir em tal matéria, não é também o primeiro nem o mais habilitado para fazê-lo.

O autor é uma «massa» de informações, de sentires e de sensibilidades, das quais só adquire consciência em reduzida parte, pois tudo quanto ele reproduz, posto que seja um acto de deliberada objectividade, lhe advém simultaneamente de raízes conscientes e inconscientes. Ele age assim por convicção própria e por reflexo de tudo quanto o constitui: formação, educação, capacidade e incapacidade, desejos e frustrações, traumas, ideais, etc. Foi nesta perspectiva que dimensionámos o nosso trabalho e que concluímos pela transmutação do «real» na «ficção». Esta asserção, todavia, ainda que logicamente comprove a justeza das suas conclusões, não pode ser encarada como prova «inequívoca». O paradoxo reside no facto de nenhuma análise literária, quer textual quer biográfica, ser conclusiva, para além do seu propósito e metodologia, pois que nenhuma obra o é. O autor, qualquer autor, por mais que disfarce a sua participação no que narra não pode nunca desvincular-se da versão que implicitamente subsiste em si próprio, da «pressão» dos acontecimentos que o determinam de certa maneira, enfim, do seu «alter-ego» — motivo porque o leitor (e o crítico), por mais impessoal e objectivo que tente ser em relação ao escriba, acaba sempre por construir uma «imagem» dele, uma «estrutura» para a sua obra, que, ao fim e ao cabo, por um movimento circular afectivo, também exprime as suas próprias estruturas. As relações entre um e outro são assim concêntricas e é nesta intercircularidade que se estabelece a comunicação.

Excluindo, entretanto, a função «criativa» que a obra de António Rebordão Na-

Diário de Lisboa LER ESCREVER

Ramiro Teixeira

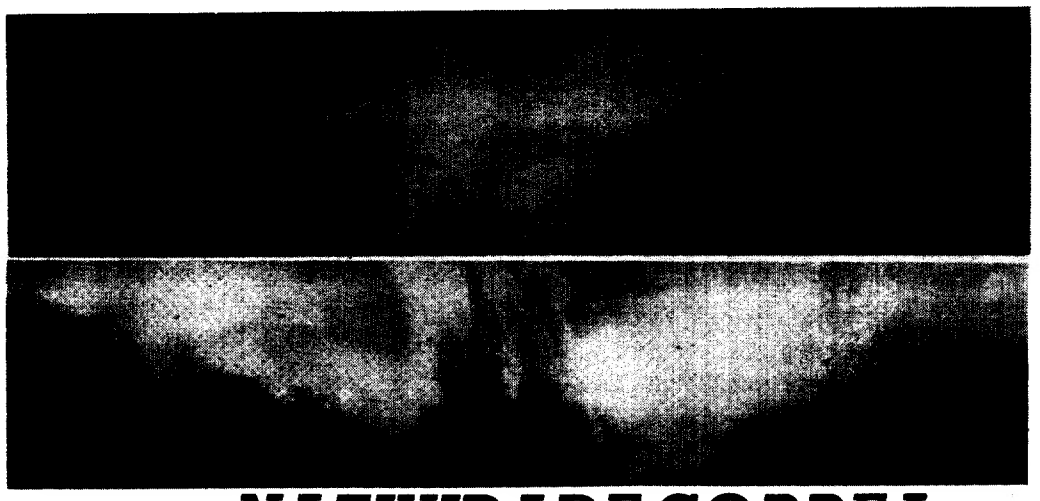
ão

varro nos sugere, diremos que este é um escritor que tem procurado manter-se «actualizado», embora tenhamos de admitir que o que de melhor resulta dessa «actualização» será, talvez, a alternância da prospectiva em busca de um ponto intemporal, seja este enquadrado no ambiente social ou no espaço fechado da sua consciência. Preferencialmente, António Rebordão Navarro insistiu mais neste último aspecto, isto é, na soma dos «fluxos» ou instantes particulares, os quais, todavia, constituem um reflexo, a expressão possível, para a tomada da consciência que lhe advém de causas (modificações) sociais.

Entendê-lo, assim, identificado segundo uma filosofia existencialista ou de «noveau-roman» é catalogá-lo em metade. O caso é que estas duas correntes possuem um ponto comum com o Marxismo: todas elas requerem a «prisão», a «violência», a «castração» e a «denúncia» para a sua exposição. Ora são exactamente estes factores os alicerces da obra do autor, os quais lhe advêm do passamento de seu pai — esta é, pelo menos, a nossa «tese». Tudo o mais, nesta perspectiva, é o curso decorrente de uma produção criativa que pesquisa as suas raízes, desde a assunção directa até ao mergulho memorialístico, entre o agir e o ser, o espaço social e o espaço mental, entre o colectivo e o individual. Em suma, o eterno questionar dos «porquês» e «para-quês».

Assim sendo, podemos considerar a obra de António Rebordão Navarro como decorrente da estética literária freudiana, não só pelo «conflito» que a admiração de seu pai lhe suscita, mas também porque ela se revela sob o prisma do desenvolvimento das interrogações características da burguesia, nomeadamente o mal-estar de existir — o que nos conduz, afinal, até ao existencialismo...

Posto que esta seja a nossa conclusão, haverá que afirmar, uma vez mais, de que ela se construiu por acção das reflexões abrangentes da visão geral que se exerceu sobre o texto e não por qualquer prévia determinação.



NATIVIDADE CORREA

O lugar da pintura

Paulo Varela Gomes

DE há muito que a pintura de **Natividade Correa** segue, com um rigor e uma persistência de que não conheço muitos outros exemplos contemporâneos, uma espécie de «programa» conceptual-/formal de **esclarecimentos dos intervalos,** das transições (abruptas ou graduais). Talvez porque reflita à sua maneira (muito pessoal) o que tem sido a herança denegada do conceptualismo (a lucidez implacável de um desespero) e se faça sempre (desde sempre) da impossibilidade de fixação na luminosidade completa de um objecto. N.C. pinta **séries** («Cais», «As cores do meu país», «Joana», «Sótãos», «A Casa», «Iluminações» e, agora, «Diários 1984»), diferição da aura para longe de eventuais centros (ou «Obras»), exercício da reprodutibilidade diferenciante.

Nesse sentido é uma pintura muito **antiga** nas suas obsessões e processos e resolutamente **actual** nos seus resultados. Até porque não se cansa de demonstrar a perecibilidade de qualquer momento, o carácter **serial** do «agora» na sua relação com o «antes» e o «depois»; e a reversibilidade imparável da parte e do todo.

Houve alturas em que o contraste abrupto (das cores, do preto e do branco — nas três primeiras séries) se impunha progressivamente às transições graduais num desvanecimento da clareza da forma, numa **desfiguração,** que era por vezes brutal «Sotãos», especialmente) mas que iludia constantemente a facilidade geométrica pela produção constante de travões a uma eventual derivação para a não-verosimilhança.

Depois, na «Casa», a **transgressão da linha** explodiu finalmente enquanto depósito material: extensão das «chapas» de cor, transbordar da tinta por sobre os limites. Se as várias séries de NC pudessem um dia ser expostas em conjunto, o resultado seria de certo surpreendente: porque permitiria que nos déssemos conta da espantosa variabilidade do único, formando uma espécie de «écran» translúcido onde veríamos aparecer e desaparecer a forma, sem percurso, sem finalidade — mas com uma lógica profundamente **cruel;** porque é a lógica da própria forma, uma lógica **alheia** e tão completa e ensimesmada que a súplica do olhar e da inteligência perante a pintura resvalaria sobre **aço.**

É uma pintura que ocupa uma posição extremamente difícil e instável. Utilizo a frase «ocupar uma posição» em dois sentidos: enquanto operação táctica (estar num local e defendê-lo para impedir que outros o ocupem) e enquanto metáfora de operação formal (criar um lugar sobre a tela ou o papel e explorá-lo).

Tacticamente, NC encontra-se cercado na sua posição singular; a ofensiva é-lhe impossível — e faria algum sentido? A invasão da forma seria a invisibilização do seu lugar, a sua anulação. Porque esta pintura está **entre** a forma, procurando ocupar tentativamente aquilo que é, de facto, um **não-lugar.**

A matreirice da pintura é que qualquer tentativa desse tipo é **acto** — forma. O não-lugar é lugar sobre o suporte, figuração apesar de tudo e sempre. O resvalar produzido pelas séries, esse constante adiamento do momento, não é, deste modo, tanto uma fuga como uma denegação — uma afirmação negada da instabilidade conceptual enquanto estabilidade formal.

Berkeley escreveu: «Que é que significa dizer-se que um corpo toca outro? Digo que nunca vísseis um corpo tocar outro; ou melhor, digo que nunca vi um corpo do qual pudesse dizer que toca no outro; porque se os nossos aparelhos de visão fossem aperfeiçoados, veríamos os intervalos e outros corpos entre aqueles que agora parecem tocar-se.»

A pintura de NC é um **aparelho de visão** que, pela desfiguração, a transgressão da linha ou, agora nos «Diários», pelo acaso controlado, esclarece os intervalos entre os corpos, as suas «áreas» de transição — pressupondo e procurando dar a ver a invisibilidade dos resíduos das formas: os limites enquanto objecto. Porque aquilo que limita uma forma é aquilo que dela se solta numa autonomia a que esta pintura tenta dar o seu lugar: **outro.**

Houve estranhos (e lógicos) resultados nisto: ainda há pouco, certas telas de NC série — inacabada — das «Iluminações») desabavam para um mundo **increado,** informe e poroso, um mundo de gases e luzes antes (ou depois) do todo derrapar para os intervalos.

Os «Diários» retomam desviadamente a velha lógica: entre o visível e o invisível, são pinturas de desfalecimento e emersão da visão, da transparência que estabelece a continuidade entre os corpos, mundo de vento, de nuvens, de pálpebras semicerradas, pintura de doença e do leito, de delírio de febre, «sonho não clarificado, persistência retiniana e de costas voltadas para o enigma inicial

Continua na pág. 4

Nota por escrito

IMAGINEM a pessoa mais simples do mundo. Imaginem a modéstia transformada numa forma quase agressiva de estar presente, ou melhor, de não estar presente. Porque ele sempre recusa falar de si, do seu trabalho, das muitas tarefas que sempre lhe exigem a imaginação e os braços. Imaginem uma pessoa assim e terão encontrado João Sarabando.

«Nada quero para mim, mas para esta terra» — disso que ele me dizia, na semana passada, quando nos encontrámos em Aveiro.

A conversa ocasional girava em torno de um facto aparentemente simples, mas bem significativo, a vários títulos.

Assim: João Sarabando possui uma colecção completa de «A BOLA» desde o primeiro número. Colecção preciosa, como se calcula. Tentado a vendê-la, de vários lados, João Sarabando recusou sempre, na esperança de a poder **oferecer** a uma instituição cultural de Aveiro. Pois, por muito estranho que pareça, ao seu desejo só tem respondido a indiferença...

Por outro lado, percorrem-se as livrarias e não se encontra o livro em que recolheu produções dos «cantadores» populares Marques Sardinha e Maria Barbuda, ainda hoje muito lembrados pelos mais idosos da região que lhes recordam os versos, entre eles alguns ao desafio. Recordemos Marques Sardinha:

Avanca pra comprar prata
Loureiro para a romper
Avanca pra engordar bois
Lisboa para os comer...

E Maria Barbuda:

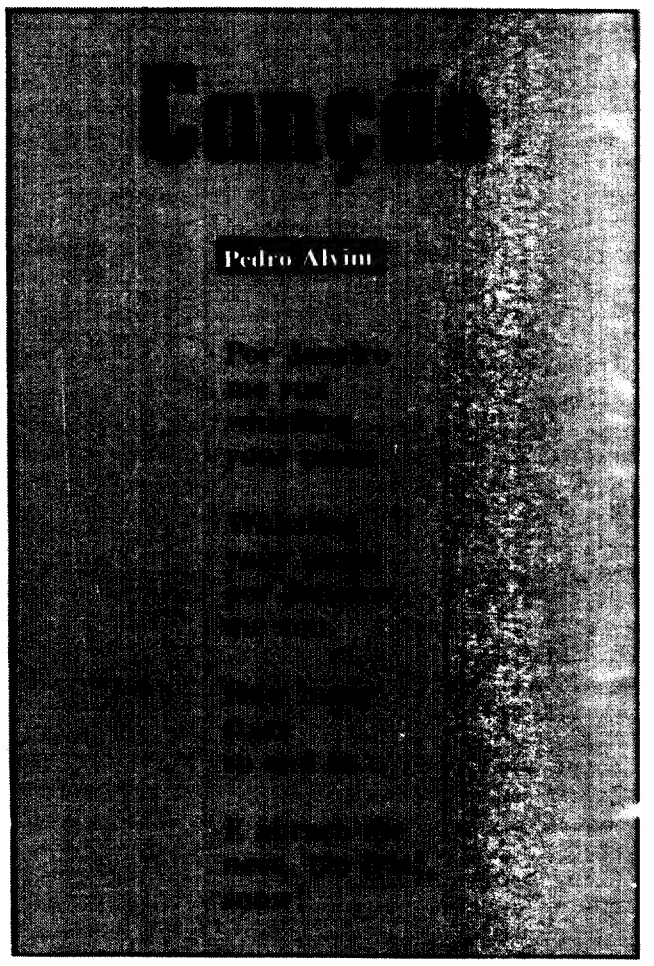
Sou a Maria de Sousa
por apelido a Barbuda.
Nas noites de grande Inverno
a barba também ajuda...

Pois se se refere o facto de o livro se encontrar esgotado, João Sarabando encolhe os ombros, não sabe nada disso, consciente de que ao Gil Eanes compete dobrar apenas o Cabo Bojador e o resto é só com Deus...

Um sonho agora lhe toma os dias e as noites: organizar, como Joaquim Correia, o «In Memorian» doutro grande nome daquele distrito de Portugal: Mário Sacramento. Alguém me disse, que não ele. Ele, em silêncio, continua lendo, perguntando, procurando: formiguinha operosa e humilde, longe dos grandes focos da publicidade...

Esta «nota» não pretende pagar nada. Pretende apenas chamar a atenção para a dívida que todos temos para com João Sarabando.

M.C.



Diário de Lisboa LER ESCREVER

Aquáctica grafia

Ana Paula Portugal

A MARFANHO, nova surda, as tuas tão por mim esperadas palavras. O rosto congestionado pela inexprimível dor que é a compreensão da sua inadequada expansão. A compreensão de que para tudo, minha amiga, há um tempo. Como se uma lei universal nos impedisse os atropelos à harmonia cósmica que são os gestos não companheiros do fluir das coisas. As palavras que me endereçaste com uma linearidade afectiva, em ti desejada, desde que te descobri como o único ser vivo capaz de me desviar do meu leviano e desatento caminhar através das gentes — esses ignóbeis entezinhos em que continuamente me envolvo por razões de sobrevivência e nos quais nunca encontro o sonhador prolongamento de mim mesmo. Esse conseguido eco de uma dialógica e dialéctica permuta humana.

As esperadas palavras chegaram em aquática grafia e eis-me, por elas, derrubado à sua tardia beleza. Perplexo perante o que em mim desencadeia a sua existência.

Ah! Como seria bom interromper o mover do tempo e fazê-lo retroceder até àquele momento em que no meu olhar te imobilizei com o objectivo de tornar eterno o que era efémero — tu, sentada à secretária, a pedires-me desculpa pela humidade que se desprendia dos teus cabelos molhados. A luz solar a filtrar-se pelos fechados vidros da janela e a envolver-te o corpo num brilho que, desde então, me persegue. Os teus delicados gestos a dirigirem-se para o aquecedor quando te confessei ser friorento.

Ah! Como seria bom recuperar esse instante e colocar-lhe nos teus lábios as frases que hoje me disseste — digo-te na certeza da necessária ritmia que a tudo preside. A amarfanhar nas mãos o amor inamovível que por ti sinto e que, há anos, me esforço por ver desabrochar em ti.

Já contigo não pode ser partilhado este amor (ciosamente guardado enquanto o modelava ao meu corpo) porque não o sei repartir com ninguém. Porque não passa de peça de museu que, dentro de mim, desafia a corruptibilidade das coisas.

«Finalmente consegui seduzir-te! Forçar a desviares-te do teu projecto de mulher bem comportada porque aprendi a gerir o meu «charme» — afirmas-me ignota do teu atraso no tempo. Alheada do inegável facto que é a não adequação do teu sentir ao meu estar no mundo.

De momento, não te quero enredada no meu jogo amoroso que aprendi a ocultar e a preservar como a única conquista digna de ser conservada. De momento, só de ti quero a reciprocidade da amizade, meu amor!, descubro revoltado contra a tua, até ao presente, cegueira. As tuas palavras amarrotadas nos dedos, o rosto estratificado numa rigidez que me solidifica as lágrimas nascidas nos olhos. Ó que dolorosa aquática grafia!

O lugar da pintura

Continuação da pág. 3

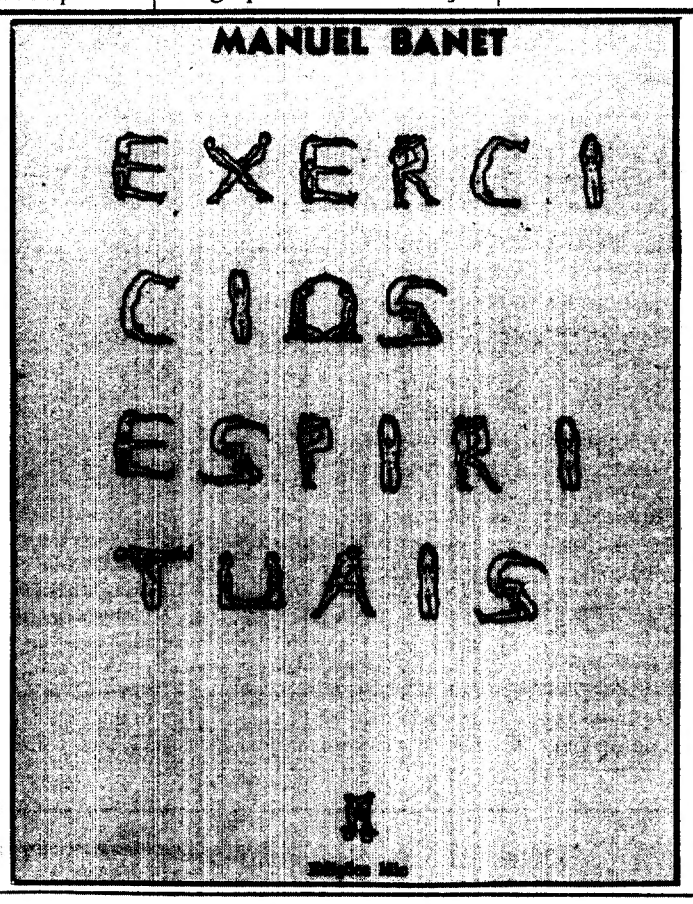
de um sonho de criança» (x). Só o corte, a seccionação, ao **pensarem,** detêm, fazem um lugar; e a série relança-lhe o movimento, **intervala,** uma busca incessante — delirante, melancólica e raivosa — do Local que se perdeu na memória.

Percorremos a sala perante os «Diários» e sentimos esse esforço como **desajuste:** entre o tamanho dos fragmentos de pintura e o efeito que produzem; entre a generalidade do todo e a compleição da cada parte; entre a casualidade quase explosiva que nos faz devanear e o rigor não-narrativo, cerebral e «abstracto» dos enquadramentos e agrupamentos. Oscilação entre o «excesso de presença» e a «exigência do Vazio» (escreve F. Guerreiro no texto do Catálogo) «que se pode tornar afinal o ponto mais radical de convocar o Absoluto». O Lugar.

Há algum tempo, entrei com Natividade Correa numa galeria londrina onde estavam expostas, como que fazendo uma sala ou casa, várias grandes telas de Mark Rothko. Vi-o parar por um momento entre os painéis brutalmente coloridos e rir.

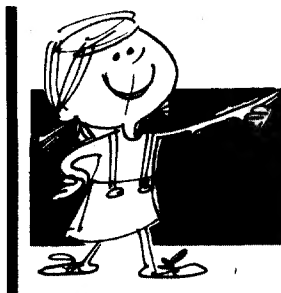
Como se um qualquer **nada** se tivesse tornado aparente e lhe fizesse **cintilar** o espírito.

(*) J-L Schefer, «La Lumière et la Proic», Albatroz, Paris, 1980

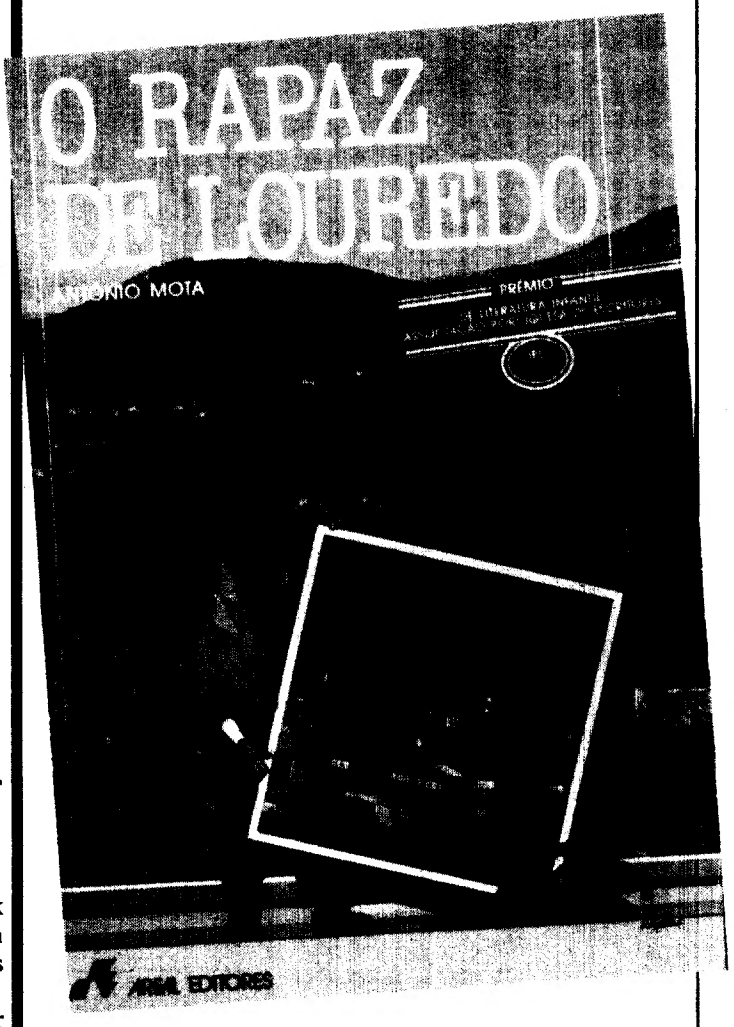


PELOS finais de Maio
Donzelas se passeiam
Nos bosques e se cruzam
Com Faúnos atrevidos
Que penduram cerejas
Nos ramos do vegetal
Labirinto. Assim vão
As damas atraindo
Ao tapete de musgo...
Aos molhos são colhidas
Entre risos e dentes
As suculentas frutas...
Ora já vos expliquei
A razão por que vedes
Compota de cerejas
Rútilas nas clareiras
Em Maio, neste bosque.

(De «Exercícios espirituais», Edições MIC)



ESTANTE INFANTIL



PERDIDO num pequeno lugarejo no concelho de Baião vive e trabalha como professor António Mota. Há frases que estão convencionalmente certas, e a que aí fica é uma das tais. Mas que são falsas logo na primeira palavra.

Porque, de facto, António Mota não está, nessa tal pequena povoação, **perdido.** Pelo contrário, é lá que ele está bem e de acordo consigo próprio. Daí que este seu **Rapaz de Laredo** nos surja com toda a força de uma mensagem.

E não porque enfeite a vida no campo com a roupagem mentirosa da fantasia. Não porque, à conta da linguagem poética ou simbólica, apresente os dias e as noites de Laredo como uma bênção dos céus — com os grilos, as cigarras, o cantar dos passarinhos, «e à noite há serões à luz da candeia...», conhecem o género...

Nada disso. Ao contrário disso. Os meninos de Laredo vivem dentro da realidade, na sua total vivência. O trabalho duríssimo, o mal passadio, essa estranha naturalidade que é viver e morrer. A dureza, quando existe, não consegue estrangular a alegria de viver: de súbito, António Mota descobre o tom, o jeito de contornar as arestas e salvar a haste de sonho que parecia ficar sem vida na geada...

As crianças das grandes cidades serão as melhores leitoras desta obra que lhes fala do **outro lado** de um país que é o seu. Os educadores, os professores, encontrarão em O RAPAZ DE LAREDO óptimo material de trabalho para partir, com os seus alunos, à descoberta da realidade e de um outro precioso tesouro que é a riqueza da linguagem.

António Mota: aqui está um nome de quem a literatura infantil portuguesa ainda muito espera.

Mário Castrim